play. kiss. dominate. laugh.
sing. tease. touch. open. feel.
breathe. sigh. gasp. moan. vow.
deny. tease. think. cry. crave.
do. lie. beg. hold. sob. speak.
consume. pull. submit. push.
close. pray. bleed. shudder.
weep. tend. soak. reveal. kiss.
swing. rock. tell. hum.
surrender. stand. offer.
push. burn. resist. spread.
promise. revel. accept. soothe.
play. kiss. dominate. laugh.
sing. tease. touch. open. feel.
breathe. sigh. gasp. moan. vow.
deny. tease. think. cry. crave.
do. lie. beg. hold. sob. speak.
consume. pull. submit. push.
close. pray. bleed. shudder.
weep. tend. soak. reveal. kiss.
swing. rock. tell. hum.
surrender. stand. offer.
push. burn. resist. spread.
promise. revel. accept. soothe.
play. kiss. laugh.
sing. tease. feel.
vow.
Songs of Submission
Book Five
CD Reiss

# Burn

## Songs of Submission #05

C.D. Reiss

***Sinopse:***

***Aqui está como isso vai ser, Deusa.***

***Até que você se entregue a mim totalmente, não vou tocar em você.***

***Até que o mundo possa saber que você pertence a mim, eu não vou te beijar.***

***Eu vou estar a centímetros de distância, do seu lado. Vou sussurrar no seu ouvido e colocar minha respiração em seu pescoço, mas não sentirá o calor e o tremor da minha pele até que você se comprometa a mim, completamente e sem reservas.***

***A tradução em tela foi efetivada pelo grupo CEL de forma a propiciar ao leitor acesso parcial à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo CEL tem como meta a seleção, tradução e disponibilização parcial apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.***

***No intuito de preservar os direitos autorais contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso prévio e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.***

***O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem em qualquer rede social (Orkut, Facebook, grupos), blogs ou qualquer outro site de domínio público, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.***

***O leitor e usuário, ao disponibilizar a obra, também responderão pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo CEL de qualquer parceria, coautoria, ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal Brasileiro e Lei nº 9610/1998.***

*Outubro/2013*

Proibido todo e qualquer uso comercial

Se você pagou por esta obra,

VOCÊ FOI ROUBADO.

# Cantinho Escuro dos Livros

# Capítulo Um

## Monica

O jornal estava aberto para atrás em uma página aparentemente aleatória, mas quando ele me chamou a atenção, eu tive que examiná-lo. Discretamente. Porque estudar tal coisa chamaria a atenção do homem eu sentava na frente. A menina no papel estava nua, de costas, com as pernas jogadas sobre sua cabeça. A luz lançava a costura entre suas pernas na sombra. Suas mãos estavam escondidas atrás de suas costas, e ela estava amordaçada com um pano preto. Ela parecia desconfortável. Ela parecia infeliz. Pior ainda, o apelo da imagem é na sua expressão infeliz e as expressões felizes ainda tranquila dos homens olhando para ela.

Só quando eu ouvi o metal batendo contra a porcelana eu voltei minha atenção para o homem do outro lado da mesa, ou, pelo menos, para o anel clicando contra sua xícara de café. Ele pegou um cartão de visita que ele tinha deixado cair ao lado do creme.

Eu fiquei desgostosa quanto ao anel de seu dedo mindinho.

Por um lado, ele comeu a minha confiança. Quem poderia confiar em um homem que usava um? Por outro lado, a sua excentricidade era intrigante. Os dedos de Will Santon deslizaram seu cartão de visita, o girando, descansando na mesa da loja de café, escorregando suas mãos ao longo do seu lado, novamente. Os dedos eram grossos e bem formados e os imaginava deslizando dentro de mim dois

de cada vez, o anel descansando contra o meu cu enquanto o polegar brincava com meu clitóris. Eu me encontrei com o pensamento de como não era excitante a mulher do papel. O que normalmente teria despertado meu desejo, não me provocou exatamente nada. Minha mente estava no sexo o tempo todo, mas o meu corpo tinha se tornado pó. Eu não conseguia sentir coisa alguma entre as minhas pernas, não importa o quão duro eu pensava em foder.

— Eu prometo a você — ele disse. — Sua casa está limpa.

— Eu acredito que você acredita nisso. — Eu girei minha xícara no pires. As rosas estavam gastas, e o pires não coincidia. Toda a decoração do café foi encontrada em brechó ou em resgates.

— Eu venho fazendo isso há muito tempo — ele disse.

Em quanto tempo ele poderia ter feito isso, de qualquer forma? Ele tinha trinta e cinco anos, no máximo, sem uma mancha cinza no seu cabelo escuro e uns dois dias de barba por fazer. Seus olhos, cinzentos como um dia de chuva, pareciam que tinham visto a sua quota de maldade. Seu olhar não vacilou, mas eu sabia que sua visão periférica estava tão clara como o meu campo estreito. Sua jaqueta se encaixava perfeitamente, mas era o colarinho aberto da camisa, o corte de cabelo ao redor das orelhas, e os sapatos confortáveis, que me disse quem ele era.

— Você é militar — eu disse.

— Marinha.

— Algo que terminam em "ops", eu aposto. — Ele não respondeu. — Meu pai foi morto na Arábia escoltando um príncipe de segunda para alguma mesquita.

— Eu sinto muito em ouvir isso.

— Você tem filhos, Sr. Santon?

— Filha. Ela tem quatro anos.

E sem o anel de casamento, eu percebi. — Você deixaria sua filha entrar nessa casa?

Seu olhar caiu para o seu copo vazio. Café preto. Ele terminou seu café preto em um único gole, enquanto estava quente. — Eu recebi um telefonema de seu namorado...

— Ex.

— Ex-namorado.

— Ex-amante.

— Ele me pediu para tranquilizá-la. Estou tranquilizando você.

— Sabe o que me tranquiliza?

— Para nós varrermos a casa de novo? — Sua cabeça estava inclinada, como se ele achasse que seria uma resposta aceitável.

— Descobrir quem era.

— Nós estamos trabalhando nisso.

— Eu acredito que você esteja. E eu tenho certeza que ele lhe pagaram um monte de dinheiro para vir aqui e me dizer que a minha casa estava limpa e que você estava trabalhando nela. Mas eu só vou ter a certeza quando eu souber quem fez isso, não quando Jonathan Drazen mandar me dizer que é para eu ficar tranquila. Obrigado por tentar.

— Ele também me pediu para ver se você parece estar bem, como você demonstra estar. Ele disse que quando você está chateada, isso é percebido na sua voz.

Eu engoli em seco, me sentindo analisada em um segundo, de uma forma que eu não tinha sido antes. Meu queixo subiu um degrau, e meus ombros se endireitaram. Eu não poderia ajudá-lo. — Eu tenho certeza que você não deveria me dizer isso.

— Sabe o que eu vou dizer a ele?

— Não, e eu não me importo — eu disse, tendo muito cuidado.

— Que você está com medo.

— Eu estou bem.

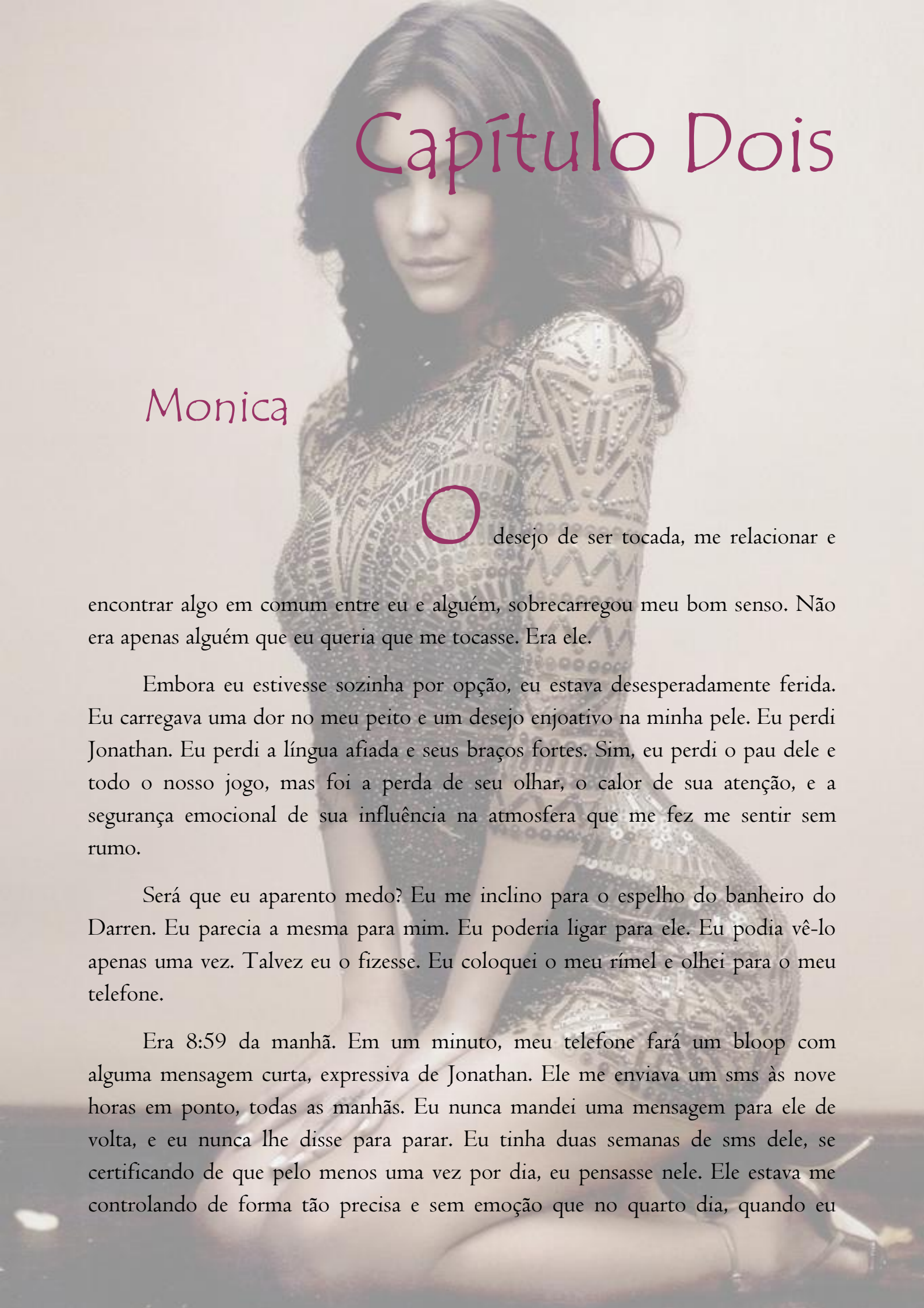
— Eu já ouvi mulheres aterrorizadas. Algumas ficaram com medo no momento em que a merda está acontecendo, e outras ficaram abatidas por um medo diário, de baixo grau. — Ele arqueou uma sobrancelha, como se me perguntando qual das duas eu era.

Eu aguento. — Você pode dizer a ele o que quiser, mas se você disser a ele que eu não estou bem, perfeitamente bem, ele vai se preocupar, e fará você ter mais trabalho.

— Eu não preciso de trabalho extra.

— Então você sabe o que dizer.

Foi quando ele se levantou e me entregou o cartão que ele tinha dedilhado. — Se você quer sua casa varrida novamente, ligue para mim, e eu farei. — Quando eu peguei o seu cartão, seu mindinho roçou o meu. Embora o toque me surpreendesse, não fez despertar nenhum sentimento entre as minhas pernas.



# Capítulo Dois

## Monica

O desejo de ser tocada, me relacionar e encontrar algo em comum entre eu e alguém, sobrecarregou meu bom senso. Não era apenas alguém que eu queria que me tocasse. Era ele.

Embora eu estivesse sozinha por opção, eu estava desesperadamente ferida. Eu carregava uma dor no meu peito e um desejo enjoativo na minha pele. Eu perdi Jonathan. Eu perdi a língua afiada e seus braços fortes. Sim, eu perdi o pau dele e todo o nosso jogo, mas foi a perda de seu olhar, o calor de sua atenção, e a segurança emocional de sua influência na atmosfera que me fez me sentir sem rumo.

Será que eu aparento medo? Eu me inclino para o espelho do banheiro do Darren. Eu parecia a mesma para mim. Eu poderia ligar para ele. Eu podia vê-lo apenas uma vez. Talvez eu o fizesse. Eu coloquei o meu rímel e olhei para o meu telefone.

Era 8:59 da manhã. Em um minuto, meu telefone fará um bloop com alguma mensagem curta, expressiva de Jonathan. Ele me enviava um sms às nove horas em ponto, todas as manhãs. Eu nunca mandei uma mensagem para ele de volta, e eu nunca lhe disse para parar. Eu tinha duas semanas de sms dele, se certificando de que pelo menos uma vez por dia, eu pensasse nele. Ele estava me controlando de forma tão precisa e sem emoção que no quarto dia, quando eu

percebi o que ele estava fazendo, eu bati uma resposta furiosa. Mas eu nunca enviei. Eu pensava nele muito mais frequentemente do que uma vez por dia de qualquer maneira.

*- Traga um guarda-chuva. Vai chover -*

Eu rolei para trás. Ele tinha relatos de DC:

*- Está realmente horrível por aqui -*

*- Outra reunião de almoço. Merda no menu -*

*- Você pertence a mim -*

E quando eu cheguei em casa.

*- Debbie disse que você não está na sua casa? Will Santon irá ligar para você -*

*- Mar e céu -*

Eu tinha substituído o meu lindo anel de platina e diamante do umbigo com o falso que eu tinha comprado quando eu fiz o piercing. Eu o devolvi para Jonathan através de Yvonne, que havia passado um almoço me alertando sobre as conexões entre BDSM e o abuso. Ela havia deixado em seu escritório quando ninguém estava olhando. Na manhã seguinte, em seu sms as 9:00 horas, lia-se:

*- Eu vou manter isso para você -*

Ele estava tão confiante que eu voltaria, e tudo o que ele tinha que fazer era esperar. Isso me deixou louca. Eu escrevi canções sobre o quão louca ele me fazia, rabiscado no verso de guardanapos ou no meu braço enquanto eu corria pela estrada. Eu escrevi versos sobre seus olhos e refrões sobre sua voz. Eu queria exorcizá-lo através da música, mas eu temia que eu não estivesse fazendo nada mais do que manter a minha barriga queimando viva.

# Capítulo Três

## Monica

O restaurante parecia projetado especificamente para atrair os tipos da indústria do entretenimento, como uma orquídea atrai de forma estranha as atenções de uma determinada espécie de inseto. Ele estava lotado na hora do almoço agentes e executivos de terno, sentindo-se escritores e artistas por causa de seus apelos comerciais e sexuais.

Eu cantarolava para mim mesma no banheiro, eu me olhei no espelho procurando algo para corrigir. Eu estava bem, vestindo um vestido preto, duas tranças soltas, sapatos grandes fedorentos e rímel. Eu mesma pintei minhas unhas. Eu estava lá para atender Eddie Milpas, e eu parecia melhor do que bem. Eu parecia fantástica.

Quando eu voltei para o restaurante, ele estava sentado. Eu dei-lhe a minha prata esterlina de atendimento ao cliente com meu sorriso e me sentei quando o garçom mudou minha cadeira. A janela de nossa mesa tinha vista para a marina. Naquele dia de novembro ventava, os barcos balançavam como se estivessem em um teclado, tocando escalas.

— É bom vê-la novamente — ele disse. — Eu pedi aperitivos, a lula está fantástica.

— Isso é ótimo.

Eddie disse: — Então, eu queria falar sobre o que estamos procurando e o que você tem para nós. — Eu assenti. — Jerry me trouxe o seu corte zero há uma semana, e eu não a ouvi até a noite anterior que eu a vi se apresentando. E quando eu ouvi, eu não podia acreditar que você conseguiu. Essa música é um sucesso, senhorita Faulkner. Não quero ser grosseiro, mas tem dinheiro escrito sobre ela.

Meu sorriso passou de atendimento ao cliente para nervoso e incontrolável. — Estou feliz que você gostou.

— Eu posso precisar de você para regravá-la acrescentando uma produção que tenha diretos e valor comercial.

— Eu tenho uma música que eu gostaria de fazer.

— Nós... ou seja, eu e Harry Enrich, o presidente da Carnival... nós realmente queremos aquela.

Vieram dois copos de vinho branco. Ele olhou para mim por cima do copo quando tomou um gole. Ele tinha grandes olhos verdes e cabelos castanhos. Eu pode ter dado um segundo olhar para ele há muito tempo, antes de Jonathan. Mas, por enquanto, eu estava presa. Temporariamente, eu me lembrei. Outros homens apareceriam, ou nenhum. Não importa.

Eu coloquei o meu copo sobre a mesa, deixando-o fazer um crescente circulo molhado no tecido. — Na verdade, essa música não está mais disponível.

— Será que você a vendeu?

— Não.  Está apenas indisponível.

Ele bateu na borda do copo. — Isso tem a ver com a pessoa para quem você escreveu?

Eddie tinha me visto com Jonathan no clube. E Jonathan estava ciente de que Eddie tinha ouvido a música. Então não era uma pergunta comum como parecia.

Eu não estava preocupada com a existência ou a performance da canção. Poderia ser jogado fora como uma metáfora ou uma história. Uma vez que o meu passado com Jonathan, e sua reputação, entraram em jogo, a canção se tornou

sobre mim e o que eu fiz no quarto. Isso significa que, sob o olhar de Eddie, em uma reunião sobre a minha carreira, eu me senti nua e vulnerável. Eu senti seus olhos deslizarem pelo meu vestido e meu corpo e suas mãos inexperientes experimentaram dor.

— Olha — ele disse. — A coisa BDSM é muito quente agora, e nós estamos procurando capitalizar. Nós estamos indo com tudo com o marketing. Você vai ser um ícone. Mulher alta, bonita em puro couro preto, cantando aquela coisa. Temos canções mais excêntricas prontas para lançar, mas não com uma intérprete com a real experiência, que pode puxar isso para fora. Eu quero dizer, a coisa toda vai desmoronar no Today Show, se a nossa cantora usar a frase errada, certo?

A intensidade de sua imaginação apertou meus pulmões, forçando o ar. Tudo o que eu temia estava acontecendo, naquele momento, e eu não tinha me preparado para a ansiedade tão forte que todo pensamento coerente fugiu da minha mente como pintas marrons em execução a partir de um chute no formigueiro.

— A música não está disponível. — Foi tudo eu consegui dizer.

Ele sorriu com os dentes perfeitos e olhos cintilantes. — Você vai descobrir isso. Quando você fizer isso, eu tenho certeza que nós podemos assinar com você. — Ele colocou os menus de lado na mesa e me entregou um. — Você deve tentar o yellowtail[1]. Ele vem com alcachofras, você vai gostar muito.

Ele abriu seu cardápio e fingiu olhar para ele, mas eu sabia que ele estava se perguntando como que eu parecia de joelhos, amarrada e amordaçada, pernas abertas, buceta molhada e esperando por ele. Eu empurrei a imagem de minha mente e apenas pedi o yellowtail.

Como se sentindo meu desconforto, Eddie mudou de assunto. Nós conversamos sobre os meus planos para o meu futuro musical. Eu fiz um monte de coisas. Fazer planos era impossível quando eu tinha que aproveitar cada oportunidade que aparecia. Exceto esta. Eu tinha que virar o barco ao redor. Eu tinha que ir de Bondage para outra coisa, mas eu não sabia o quê, e eu não sabia

[1] Um tipo de peixe.

como. Ele parecia determinado a permanecer com fetiches sexuais como a minha marca. Quanto mais eu o observava, mais ele esperava que eu dissesse sim e quanto mais eu me convencia que eu não era nada mais que um limite, brinquedo para foder de braços abertos em sua mente.

Eu não queria que ele soubesse que eu tinha terminado com Jonathan. Eu estava desprotegida sem ele - sexualmente disponível e emocionalmente vulnerável. Antes de Eddie ter uma oportunidade de oferecer café, eu usei o meu trabalho como uma desculpa para dar o fora de lá.

Eu passei meu turno na Stock confusa, em pânico, e ansiosa. Eu coloquei o meu sorriso, fiz réplicas espirituosas, quando necessário, e entregava as bebidas como se eu tivesse brilho em meus dedos do pé, mas eu senti uma rocha no meu peito ir de imóvel a intensa vibração. Não em um bom caminho. De uma maneira dolorosa. O zumbido era o som de arrependimento. Eu tinha uma chance de uma mudança na minha carreira, e eu ia perder isso, porque era a pessoa errada. Porque eu não era um brinquedo para foder em público mais do que eu era para Jonathan. Eu caminhei para longe dele para proteger a minha carreira inexistente, e que tinha se tornado fora de controle.

No final do meu turno, eu folheava os meus bilhetes, fechei o meu dinheiro, e entreguei as mesas abertas para Mandy.

— Cadela real na cinco. — eu disse. — Cuidado com o sal em seus cosmos de pepino. Ela tem uma "condição", e sua morte prematura vai se tornar sua culpa. Henrietta Sevion está à beira da piscina. Ela está no telefone, então basta levar o seu vinho e sorrir. Renaldo Rodriguez está no canto com a porra de uma comitiva de loiras. Eu não tenho nenhum conselho.

Mandy mastigou seu chiclete uma última vez e o cuspiu suavemente em um guardanapo. — Você está mal-humorada.

Robert, que parecia saber tudo, não importa quem ele estava servindo no bar, disse: — Precisa de uma bebida? — Ele acenou para mim. — Quer alguma coisa antes de sair?

— Não, obrigada. — Sua oferta era tentadora, mas eram 9:00 horas, e eu ainda tinha trabalho a fazer. — Onde está a Debbie?

— No escritório. — Robert jogou uma garrafa como um prelúdio para limpá-la. — Você pode dizer a ela para apressar o cronograma? Eu tenho um teste esta semana.

— Não. Ela odeia quando é importunada sobre isso, então eu não vou fazer isso por você. Eu estou pedindo uma pausa, e então eu vou para casa.

Mandy derramou os mixers para as bebidas em sua bandeja. — Ah, é? Indo a algum lugar em Ação de Graças?

— Vancouver na próxima semana.

— Ah, que coisa que você está fazendo com os seus ex-namorados? Que você não acha que é estranho?

— Não é estranho, a menos que você faça isso estranho. A peça, você deve vê-la. Vai me fazer famosa. — Eu sacudi o dedo para ela. A peça tinha que me fazer famosa. Eu poderia fazer arte de menina em vez de Bondage. Eu poderia fazer abstração. A peça Vancouver me deu uma joia de esperança nos sete hectares de merda que eu arrastei através de Eddie. Mandy revirou os olhos e foi servir Renaldo Rodriguez e sua comitiva loira.

Eu tinha acabado de receber um passaporte. Ele tinha acabado de chegar no correio, Kevin e Darren tinham que ir para o BC Mod sem mim para ter reuniões e fazer a instalação. Deixar meu passaporte expirar foi um descuido estúpido da minha parte, e eu prometi que eu não deixaria isso acontecer de novo. Eu estaria totalmente presente para cada etapa a partir de então.

Eu fui para as entranhas do hotel à sala de licor, onde o pequeno discreto escritório de Debbie ficava. Quando eu cheguei a sua porta, ouvi duas vozes: a dela e de um homem, falando sério. Eu bati. Normalmente, Sam estava lá com ela, como se fosse a dona do hotel e ele trabalhasse para ela, e não o contrário.

— Entre. — Debbie chamou.

Eu abri a porta e vi Debbie primeiro, se apoiando no parapeito da janela. Então eu tinha o vento batendo contra mim.

Jonathan estava sentado em sua cadeira de couro em suas roupas de trabalho. Terno azul, camisa listrada, abotoaduras vermelhas. Ele olhou para mim como da

primeira vez, quando eu senti como se ele estivesse me bebendo através do canudo do seu olhar. Mas naquela época, embora eu tivesse estado celibatária, eu tinha algo para nos olhos para beber: a sexualidade despertou e a disponibilidade em meu coração que eu não sabia que existia até que ele o despertou. Quando eu o vi no escritório de Debbie, eu me senti emocionalmente e sexualmente desidratada sem derramamento de sangue.

— Eu vou voltar mais tarde. — eu disse, e girei sobre os calcanhares antes de eu ouvir a resposta.

Ele me pegou na sala de licor, perto da pilha de caixas empilhadas de 2,44 metros de altura. — Monica. — Sua voz era tão suave e eu não podia ignorá-lo. Eu se virou. — Hey. Como você está?

— Eu estou bem. — Minha voz soou fora de sintonia e mal jogada. Ele parecia perfeito, bem descansado e alimentado, como se a minha ausência não tivesse nenhum efeito sobre ele.

— Você parece bem. — Ele parou a menos de um metro de distância. Por que eu podia sentir o calor do seu corpo? Quando o seu olhar foi tão físico em mim?

— Obrigada. Você também. — Ele não estava se afastando. Apenas em pé. Eu não conseguia nem olhar para ele. — Eu recebi suas mensagens. — Eu disse.

— Eu sei. — Ele sussurrou e levantou a mão, a ponta do dedo tocando minha manga. — Você pode ir falar com Debbie. Vou esperar aqui fora. Você está no trabalho. Eu não quero que você fique desconfortável.

Minha risada foi um tiro sangrento em um campo de batalha do dia anterior, tão curta e estranha que eu lancei o meu olhar para cima para ver se ele tinha notado. Seus olhos, turmalina com manchas azuis que eu vi quando me aproximei o suficiente, tinha um olhar confuso, como se nada tivesse acontecido em sua alçada que ele não havia previsto, e a dor que isso me causou era algo que simplesmente eu tinha que o controle.

Até esse olhar, eu não tinha me perguntado, ou mesmo pensado, quem ele estava transando agora. Mas, com seu calor em mim e sob a pressão de sua

presença, eu tive que me perguntar se ele soprou o nome dela no auge de seu prazer, se ele a tocou com toda a violência e ternura que ele tinha me tocado.

— Obrigada — eu disse. — Eu estarei fora em um minuto.

Debbie tinha se mexido atrás de sua mesa. Ela estava parecendo mais velha recentemente. Eu acreditava que sua idade real era de tinha trinta a trinta e oito anos, mas isso nunca foi discutido. — Sente-se. — ela disse.

Eu permaneci de pé. Eu não precisava ficar muito tempo. Eu não que Jonathan continuasse esperando lá fora. O pensamento da existência dele do outro lado da parede era dolorosa.

— Eu preciso desses dias de folga. — Eu lhe entreguei um pedaço de papel. Ela o olhou contra o calendário em sua mesa.

— Isso deve ser bom. — Ela olhou de volta para mim. — Como você está indo?

— Tudo bem.

— De verdade?

— Sim.

Ela se recostou na cadeira e indicou a cadeira de couro, onde Jonathan estava sentado. Qualquer um que não tivesse estado em sintonia com o seu cheiro persistente poderia ter percebido. — Você levou isso a sério, não é?

Eu chupei meu lábio inferior entre os dentes e balancei a cabeça.

— Eu disse para não levar. — disse Debbie.

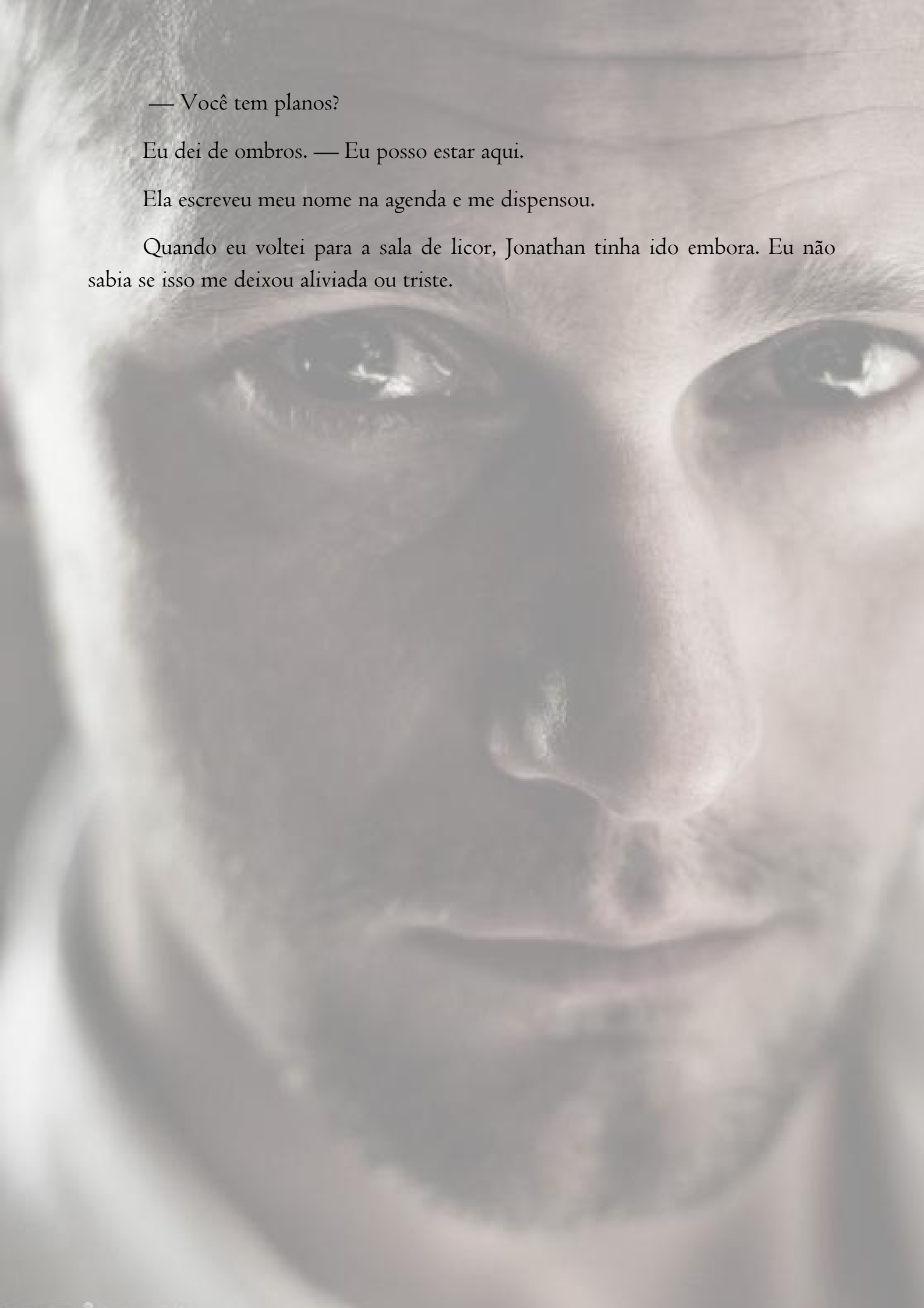
— Yeah, eu meio que esqueci.

— Compreensível. Basta manter-se calma e com os pés no chão. Sim?

— Eu sou uma mulher agradecida.

Debbie olhou para o horário novamente. — Quinta-feira, Doreen precisa sair às dez horas. Você pode fazer metade de um turno?

— É Ação de graças.



— Você tem planos?

Eu dei de ombros. — Eu posso estar aqui.

Ela escreveu meu nome na agenda e me dispensou.

Quando eu voltei para a sala de licor, Jonathan tinha ido embora. Eu não sabia se isso me deixou aliviada ou triste.

# Capítulo Quatro

## Jonathan

Eu não sei o que eu devo ter parecido para ela. Ela parecia mais feroz, faminta e orgulhosa do que ela já teve. No limite, também. Eu sabia que se eu a tocasse, ela se acalmaria. Se eu colocasse meus lábios em seu rosto, sua respiração ficaria lenta. Se eu colocasse o meu corpo junto ao dela, ela pararia de se mexer.

Mas eu tinha que esperar. Ela tinha que vir para mim. E ela o faria.

Mesmo quando estávamos no máximo com um braço de distância um do outro, eu senti o espaço entre nós emoldurou em algo perfeitamente. Eu pensei que ela estava avançando lentamente, mas o fato era eu não me senti bem desde que ela partiu naquele táxi. Duas semanas se estenderam em um horizonte infinito. Eu estava em um caminho diminuindo cada vez mais à distância, mas sempre permanecendo o mesmo na realidade. Ela escolheu ir embora, e ela teria que escolher voltar. Eu era um homem paciente. Eu podia esperar, mas eu não tinha que gostar.

— O que você vai fazer com ela? — Debbie perguntou depois eu vi Monica sair sem ela me ver novamente.

— Esperar como um bom menino.

— Quanto tempo?

— Eu não sei. Por quê?

— Porque você está aqui comigo falando sobre a quantidade do pedido de bebidas alcoólicas e empréstimos de funcionários, quando você tem um gerente de bar colaborando comigo. — Ela acenou com a mão com desdém. — Vai executar o seu império.

Eu me joguei na cadeira de couro. — E se o gerente do bar K for um babaca?

— Você está me salvando de um babaca? Já nos conhecemos?

— De fato...

— Será que eu não o ajudei a passar por esse pesadelo com sua ex-mulher?

— Você foi uma dádiva de Deus.

— Então pare de me sacanear. Você vem durante os seus turnos e fica com Sam e nas minhas costas, ou você vem depois de seus turnos para beber no bar. Quanto tempo você vai esperar?

— Você quer uma data exata?

— Eu quero um acontecimento. Algo que tem que acontecer.

— Tudo bem. Quando eu conhecer alguém tão próxima da perfeição quanto ela é.

— É melhor começar a procurar, meu amigo. Ela já seguiu em frente.

— O que significa isso? — Eu me inclinei para frente. Eu me senti ficar chateado quando o fundo caiu fora do meu peito.

— Isso significa que se não houver alguém já, haverá em breve. Eu posso ver isso quando ela fala com os clientes.

Debbie estava sempre certa sobre as pessoas. Normalmente, era benéfico. Hoje, foi um problema. Hoje, eu queria machucar alguém, começando por mim mesmo. Eu sai antes do Sam chegar. Eu poderia beber em casa.

Meu telefone tocou quando eu virei para minha rua. Margie.

— O quê?

— Boa noite para você também, irmãozinho.

— O que eu posso fazer por você, Margie?

— Você necessitará da equipe de Will Santon para voar para Vancouver para assistir Kevin Wainwright?

Antes de deixar o Stock, eu chamei Will para que ele soubesse das datas da Mônica. Eu tinha a sua equipe seguindo Kevin, para me certificar que Monica estava a salvo dele, bem como acompanhar o dinheiro por trás das câmeras em sua casa. Ele disse que estava perto de descobrir de onde vieram, como se eu já não soubesse.

— Sim?

— Já ocorreu a você que eu talvez precisasse usá-lo?

— Para fazer o que? Tem algum produtor de cinema seguido para a casa de sua amante?

— Qual é a diferença?

— A diferença está em alguns milhões que todos os envolvidos podem pagar, e alguém que eu me preocupo pode se se machucar. Fisicamente e de forma irrevogável se machucar. — Eu estava gritando. Eu não ia conseguir isso em qualquer lugar.

— Você sabe, Jonny, eu não me importo de você ficar paranoico e louco, mas você está fazendo isso no meu centavo.

— Você é uma advogada. Você está protegida. Se eu for pego perseguindo, eu frito. Vou escrever-lhe um cheque se você não pode se dar ao luxo de alimentar as crianças esta semana.

— Agora você está ficando desagradável.

— Margie, querida, por favor.

— Eu tenho que tirá-lo, Jonny. Sinto muito.

— Tudo bem. Obrigado por me deixar saber. — Eu desliguei.

As coisas não estavam indo bem. Minha paciência com Monica estava se esgotando. Eu não havia considerado seu elenco em torno de um novo amor tão cedo. O pensamento disto fizeram meus dedos ficarem frios. A incapacidade de vontade para traçar as câmeras antes que ele fosse tirado, apenas uma semana antes de Monica estar indo para Vancouver com aquele doente mental, me empurrou para fora do pensamento racional e para um lugar de raiva congelada. A situação estava ficando cada vez mais escorregadia do que eu poderia controlar.

E então eu vi a Mercedes SUV de Jessica na minha garagem, e eu pensei que eu poderia quebrar alguma coisa. Aling Mira deve ter deixado que ela entrasse antes de ir para a noite com Danilo.

Minha ex esposa estava sentada no pátio em volta tomando café a partir de um bule de prata que tinha sido presente de casamento. Eu odiava aquilo. Eu pensei em arrumar toda nossa merda que eu odiava e dar para a caridade.

— Jess — eu disse. — Como você está?

Ela colocou a mão no meu ombro e beijou minha bochecha. Apenas um beijo no rosto, não um beijo de duplo sentido. De alguma forma, parecia mais íntimo.

— Eu estou bem. — Ela usava calça jeans perfeitamente ajustada, botas de cowboy, uma camisa branca e uma bandana no pescoço. Eu costumava achar seus ares de menina do campo encantador. Ela foi criada no fundo de Beverly Hills, onde o turista se perdia procurando Olympic Boulevard. — Eu vim falar sobre uma coisa. Eu achei que você estaria aqui esta hora da noite, mas bem, eu não acho. E meus compromissos continuo conseguindo empurrar.

Eu sentei. — Se você veio aqui para brigar, Jess, eu não tenho tempo.

— Não. Claro que não. Eu, uh... Houve caras fazendo reformas no meu estúdio? Nova canalização? E eu fiquei confusa.

— Há chumbo naquela tubulação principal.

— Eu só fiquei preocupada que você o estivesse preparando para vendê-lo.

— Eu vou deixar você fazer uma oferta se isso que trata.

— Eu não posso, Jon. Você sabe disso.

— Você não vendeu as árvores?

— Eu vendi. Eu consegui dois milhões para cada uma deles, e a documentação foi comprada pelo museu. Mas elas custam uma fortuna. Manter uma coisa morta viva tem um monte de engenharia.

Eu assenti. O problema de Jessica tinha sido sempre o custo e a ambição de seu trabalho que não combinava muito com o que ela poderia pedir por eles. Ela não tem jeito para transformar algo que não existia em dinheiro como Kevin Wainwright. Arte, para ela, não era sobre o dinheiro, ou o profissionalismo, ou de negócios. A arte era sobre arte. Eu costumava amar a pureza de sua visão.

— Você poderia fazer coisas menores. — eu disse. — E mais delas. Apenas uma ideia.

Ela desviou o olhar. Ela não sabia o que eu estava falando. Ela disse: — Lembra quando você me tomou pela primeira vez daquele jeito? Bem ali, no galpão. Você puxou meu cabelo para trás e me inclinou sobre o bar molhado. Então você puxou minha calça para baixo e me bateu.

— Eu bati na sua bunda. Sim, eu me lembro. Eu não sabia exatamente o que eu estava fazendo naquele momento.

— Eu fiquei ofendida.

— Você ficou escandalizada. — Eu fiquei surpreso ao me encontrar sorrindo. Somente em retrospecto como se ela tivesse sido ultrajada pareceu engraçado. Na época, eu estava cheio de culpa e isso me devastou mais que a sua reação. — Eu acredito que você me chamou de porco e se mudou para um quarto do outro lado da casa.

— E você...

— Eu me masturbei. Você tem um ponto aqui? Nós abrangemos isso.

Seu tom ficou duro, como se temesse que eu a interrompesse novamente. — Você insistiu, e eu nunca considerei este caminho. Eu nunca te dei uma chance.

Mesmo quando eu estava tentando conciliar, eu ainda não iria tentar as coisas à sua maneira. Eu não acho que eu fui justa com você. — Ela alisou uma ruga inexistente em seus jeans. Foi a única rachadura em seu equilíbrio.

— Foi por isso porque Erik a deixou?

Ela balançou a cabeça. — Ele está de volta, mais ou menos. Estamos conversando, mas eu não consigo parar de pensar em você... e de te beijar de novo. Você sempre soube como beijar.

Eu me inclinei para trás. Isso realmente está acontecendo aqui? Ela realmente vai me oferecer a minha vida de casado de volta acrescentando um pouco excentricidade? Será que ela realmente acha que eu a pegaria de volta? Eu deveria ter chutado ela naquele momento, mas outra coisa estava em jogo. Alguma outra motivação que eu tinha que desvendar.

— E você está dizendo que você quer tentar isso do meu jeito?

— Eu quero. — Ela me olhou com aqueles grandes discos amarelos, seus cílios piscando. Ela era tão linda. Angelical, mesmo. — Nós precisamos definir alguns limites de antemão.

Limites. O ato era todo sobre limites rigidamente controlados, e ela os apresentou como se ela fosse fazer concessões por mim em relação a ela. Isso era besteira. A conversa toda. Toda a sua busca súbita por mim. Ela estava escondendo alguma coisa, e se ela estava bem fechada, hipócrita e bem específica, ela nunca ia revelar isso.

— Não. — eu disse. — Meu jeito. Agora. Então você me diga se você pode aguentar isso.

Ela mordeu o lábio. Eu não sabia o que esperar, mas quanto mais tempo ela esperava, mais claro meu plano se tornava.

— Tudo bem. — Ela disse suavemente.

Eu não me mexi. Não em um piscar de olhos ou cabelos. — Isso é "ok, senhor".

— Isso não parece um pouco bobo?

— Você quer fazer isso ou não?

— Sim, senhor. — Um sorriso nervoso gracejou em seus lábios. Parte de mim teria adorado esfregar meu pau nele. O resto de mim não queria tocá-la.

— Levante-se.

Ela se levantou, se inclinando em um pé e projetando o quadril para frente, com suas mãos na cintura. Toda cheia de atitude. Levaria algumas gerações para eu treinar a pobre alma dessa mulher.

— Desabotoe sua blusa.

Ela enfiou a língua na bochecha dela e balançou os quadris estreitos, desabotoando como se estivesse em um show de strip.

— Pare de tentar parecer atrevida. Esta é uma questão funcional e não é para o seu prazer.

Oh, o olhar em seu rosto. Eu não acho que eu poderia ter esquecido. Quando ela disse a cada amigo em comum que tínhamos, que eu queria bater nela e tirar seu direito de dizer não, quando ela disse a todos que eu tinha fantasias com estupros e que eu odiava as mulheres, ela não tinha ideia. Eu poderia ter causado o dano - mas não causei - não ao seu corpo.

Ela desabotoou a blusa completamente e começou a tirá-la.

— Pare.

Eu poderia ter dito a ela como eu queria que ela ficasse de pé, como eu queria que ela olhasse, onde as mãos ficariam, mas teria sido desperdício do meu tempo. Eu fiquei atrás dela e desamarrei o lenço no pescoço.

— Isso é como é — eu sussurrei em seu ouvido. — Este é o tipo de sexo que você está concordando.

Quando eu tirei a bandana, eu considerei amarrar ela na altura dos cotovelos como eu tinha feito com Monica na noite em que consegui sua voz de volta. Mas Monica poderia lidar com isso. Mesmo que eu dissesse a Jessica que eu ia mostrar a ela o que ela estava concordando, em toda a sua dor e confusão, eu não tinha intenção de fazê-lo. Isso provavelmente iria prejudicar sua psique para sempre. Em

seguida, ela chamaria a polícia. Principalmente, eu realmente não quero colocar meu pau em qualquer lugar perto dela. Eu, no entanto, queria descobrir o que ela queria.

— Ponha as mãos atrás das costas.

Ela virou a cabeça quando ela "obedeceu". Jesus Cristo. Dois comandos e ela exasperou o inferno fora de mim. Eu nunca teria me sentido com um pingo de controle com ela.

— Olhe para frente, Jess.

Eu não a amarrei na altura dos cotovelos. Os pulsos teriam que servir. Eu me movimentei para enfrentá-la. Sua blusa aberta mostrava seu sutiã de algodão branco e sua barriga lisa. Seus ombros caíram. Eu não poderia ter amarrado as mãos de forma mais confortável, mas ela parecia estranha. — Como se sente?

— Tudo bem até agora — Ela disse. — Um pouco estranho.

— O que é estranho?

— Jon, sério? O que não é estranho? Estou aqui com a minha blusa aberta e as mãos atadas atrás das costas.

— E a sua buceta molhada?

— Você tem que ser vulgar?

Eu estava perto o suficiente para me sentir sussurrar. — Sim. Isso é sobre comunicação. É dizer o que você quer ou não quer, de forma clara, e às vezes com uma boca suja. Então deixe-me levá-la a bordo com o que você acabou de concordae. — Eu chutei as pernas abertas. Eu a endireitei quando ela quase caiu, mas o aborrecimento em seu rosto me fez querer deixá-la. — A resposta para a minha pergunta é "não, senhor", eu não estou molhada. Isso é péssimo. Eu vou te dizer que eu não me importo com o quanto isso seja péssimo para você. Então eu vou provar isso.

— Eu vou abrir seus jeans. Eu vou descê-lo até o meio das coxas por isso será difícil de andar. Você vai ficar desconfortável, e isso vai me agradar. Então eu vou ficar atrás de você, e eu vou pegar um punhado de seu cabelo na parte de trás

de sua cabeça e dobrá-la sobre essa mesa. Eu vou tirar o meu cinto, colocar a presilha de volta, e golpear toda essas doces bochechas brancas até que você esteja rosa como uma rosa e seu rosto estará coberto de lágrimas. Eu vou parar quando eu puder colocar dois dedos em sua buceta e sentir como você está ensopada. Então eu vou te foder até você me implorar para te deixar gozar, o que eu posso ou não te deixar fazer isso. Isso funcionará para você?

A cor tinha drenado de seu rosto.

— Eu acho que não. — Eu disse, me afastando.

— Faça isso. — Ela sussurrou.

— Jess, realmente.

— Faça isso! Comece com o cabelo. Ou as calças. Seja qual for.

— Não.

— Faça isso! — Ela disse.

— Pare, Jess.

— Você é um *homem* porra? Ou você apenas implora e grita por aquilo que você não pode ter? É assim que você conseguiu isso?

Eu a joguei sobre a mesa. Ela caiu sobre ela, dobrando sua cintura com um grunhido, a bunda de fora e braços presos por seu próprio lenço. Deus, quantas vezes eu quis ouvi-la gemer, para cortar as grossas camadas de requinte e encontrar uma mulher depois das palavras cuidadosas. A mulher que eu conheci há muitos anos atrás, antes dela ter construído suas paredes.

Eu enfiei meu joelho entre as coxas dela e puxei o cabelo na base do pescoço. Sua boca estava aberta, e seu peito arfava. Ela não estava excitada, eu poderia dizer, e eu não me importei.

— Escolha uma palavra segura, Jessica.

— Nós precisamos...?

— Me pergunte de novo e eu vou foder sua bunda com tanta força que você não será capaz de se sentar.

Eu quase ouvi seus dentes rangeram. — Declan — ela disse.

— Escolha interessante... Evite tudo isso e me diga o que você realmente quer, vindo aqui. Eu vou parar isto com a palavra segura, ou não, até que eu esteja satisfeito.

Eu desfiz o cinto depois de virar sua cabeça para que ela pudesse me ver tirando do passador. Eu coloquei o rosto no vidro. Com o canto do meu olho, eu avistei um triângulo agudo de porcelana branca perto do pé da cadeira. Um dos pratos quebrados tinha se perdido da vassoura na manhã seguinte que eu fiz Monica recitar "Invictus".

— Não grite, Jess. — Eu me desloquei para o lado dela, ainda segurando o seu cabelo e meu cinto. — Não chore. Você entendeu?

— Sim — ela sussurrou tão baixinho, que era quase inaudível.

Eu bati na borda da mesa, um *smack* com o meu cinto. Ela pulou ao som.

— Sim, o quê?

— Deus, Jon... — Eu bati na bunda dela. O cinto aterrissou em uma *paulada* satisfatória. Ela endureceu e rangeu os dentes. — Isso dói. Você está me batendo.

— Você pediu por isso, Jess. — Eu puxei o cabelo dela no meu punho. — E isso é, "dói, *senhor*". — Eu bati em sua bunda novamente, e ela puxou a cabeça com força, fazendo um som como uma sapata de freio ruim. — Agora me diga o que você quer.

— Eu quero você.

— Bobagem. — Eu golpeei novamente. São quase três anos. Tempo demais. E eu não estava controlando muito. Elas tinham que doer. — Isso começou há um mês. Você manteve o Erik a distância. Por quê?

— Você.

Eu afastei meu braço, puxando seu cabelo Ela gritou.

— Foda-se, Jess. Pare de mentir!

Eu puxei o cabelo dela e olhei em seu rosto. Suas bochechas estavam molhadas com rios de lágrimas e seu rímel estava borrado. Seu lábio inferior tremia. Eu tinha sido uma bola branca quente de raiva. Se eu estivesse pensando, eu teria parado. Um dom não deve nunca ter um pingo de raiva em seu coração quando tiver espancando uma sub. Isso não foi divertido. Não estava tudo bem. Mas entre perder os serviços do Will e os conselhos de Debbie sobre Monica, eu não estava funcionando. Eu estava uma bagunça, ofegante e arfando olhando nos olhos cheios de lágrimas da minha ex-esposa.

— Você costumava ter um coração terno. — ela disse entre soluços. — Você se lembra quando eu abortei? Você me levou para o hospital, e você estava brincando durante todo o caminho? Tentando me fazer rir. Mas quando chegamos lá, você estava chorando. E você adormeceu na cadeira ao meu lado com a cabeça na cama.

— O que você *quer*, Jessica?

— Eu quero ir para casa.

Eu a puxei para cima e desamarrei. Ela estava infeliz com a experiência, e assim estava eu. Ela não estava pronta para algo tão duro, mesmo que ela tivesse alguma tendência nesse sentido, eu não fiquei nem um pouco sexualmente agitado.

— Vá pegar Erik de volta. Ele é bom para você. — Eu lhe entreguei sua bandana de volta. — Você sabe o caminho.

Eu não olhei para trás quando eu passei para dentro da casa, corri pelas escadas, e fechei a porta do quarto.

Meu Deus. Três pancadas. Isso foi estúpido.

# Capítulo Cinco

## Monica

Trabalhar com Kevin e Darren tinha sido intenso, e eu estava grata pela distração da minha destroçada batida de uma vida amorosa. Nós brigamos. Bebemos. Nós fizemos música e arte. Eu trouxe a minha dor para a mesa, usando-a para cor e nuance de uma obra de arte que era basicamente sobre a mágoa, perda e luto.

Quando nós tínhamos avanços, eu não poderia ter ficado mais satisfeita. E então, um dia, percebemos que tínhamos feito isso. Embora muito do que poderia usar um ajuste ou dez, a peça estava terminada e nem um minuto mais cedo.

De pé no centro do projeto na sala, ouvindo a minha canção de ninar tocando na viola de Kevin, algumas faixas ímpares da minha voz em harmonia sem palavras, mais o techno de Darren batendo, eu ri. Eu senti me embriagada, melancólica, miserável, drogada e santificada. Durante duas semanas, eu chorava todas as noites e colocava um sorriso de serviço ao cliente todos os dias, mas quando eu trabalhava com os rapazes, eu era eu mesma.

Quando a coisa estava acabada e fotografada, eu descansava em torno de um sofá redondo no quintal de Kevin e bebíamos cerveja barata na garrafa. Darren e Kevin tinham se envolvido mais apertado do que os antigos cabos ampères no fundo de uma mochila. Eles chamavam um ao outro quando eles não estavam funcionando. Tanto quanto eu sabia, Kevin ainda estava sem mulheres, e Darren

estava pelo menos marginalmente envolvido com Adam, mas eu muitas vezes me sentia como uma terceira roda na uma união das almas gêmeas.

Kevin fez grandes declarações intelectuais. Darren o tirou de baixo. Kevin tirou o raciocínio dos escombros. Darren disse que ele estava cheio de merda. Mais e mais. No momento em que tinha documentado todas as faixas, som, e resíduos de material da peça, os dois haviam se tornado um ruído leve.

Eu não tinha superado ver Jonathan parecendo tão vigoroso no outro dia. E tão educado. "Eu não quero que você se sinta desconfortável. Idiota. Mas meu encontro com Eddie tinha endurecido a minha determinação. Eu nunca, nunca quis que as pessoas me olhassem como na reunião, e que a única maneira de mudar isso era perder a música e Jonathan. Eu tinha que fazer o que eu estava tentando fazer há dois anos: focar na minha carreira.

— Planeta Terra chamando Mon. — disse Darren, acenando com a cerveja ao redor.

— Yeah. — Eu estalei um pouco fora.

— Feliz Ação de Graças.

— Dia nacional para se sentir órfão — eu disse. Nós tilintamos as garrafas e bebemos.

— Você conseguiu um voo para o BC? — Perguntou Darren.

— Sim — eu respondi. Darren e Adam estavam indo um dia antes para Vancouver. — No mesmo voo do Kev.

— E o seu passaporte? — Kevin empurrou o cabelo preto comprido de volta por um segundo, abaixou a mão, e caiu abaixo de seus olhos novamente.

— Pronto. Você precisa de mim aqui amanhã para a divisão e arrumação?

— De jeito nenhum — disse Kevin, se preocupando com o rótulo de sua garrafa de cerveja. — Os profissionais fazem isso. Eles vão ter tudo embalado ao meio-dia e estarão no B.C. Mod em uma semana. Nós apenas apareceremos para juntar tudo e ficaremos bonitos para a exposição de pré-visualização. Black tie. Todos os caras ricos. Exatamente como você gosta deles.

— Vai tomar no cu.

— Concordo. — Darren se levantou e tomou um último gole de sua cerveja. — Eu preciso assobiar tenho um golpe.

— Por assim dizer — eu atirei de volta.

— Hilariante. Ver você no sofá.

— Você está brincando — disse Kevin. — Você ainda está dormindo no sofá desse idiota?

— Se isso acontecesse com você, você iria se sentir desconfortável e violado também.

— O P.I.[2] disse que as câmeras foram retiradas.

— Mas eu não sei quem as colocou lá. Assim que eu souber, eu vou voltar.

— E como é que você vai saber? — Perguntou Kevin. — Eu quero dizer, você terminou com o cara que contratou o P.I.

Eles não podiam ver o meu rosto ficar vermelho vivo no escuro, o que era muito bom. Eles sabiam que eu tinha rompido com Jonathan, mas não o porquê. Kevin tinha um ponto, e Darren e eu tínhamos estado em cima das rochas uma centenas de vezes. Eu deveria ter dito para minha mãe vender o lugar. Isso apenas foi puxado debaixo de mim. Não era como se eu nunca a chamaria para casa novamente.

— Na mesma nota... — Darren jogou a garrafa na reciclagem. — Esta cidade está pulando com as homenagens ao Dia Nacional Após o Dia de Ação de Graças, e eu estou sendo arrastado para o meio gay deles.

— Ei, esperem! — Kevin disse. — Vocês têm que assinar os papéis de direitos autorais. — Ele correu para dentro, e voltou para fora como se tivesse estado junto a porta. Depois arrumar uma pilha de papéis sobre o velho bar do lado de fora que ele tinha salvo de um lote vazio, ele entregou a Darren uma caneta. — Bem aqui.

[2] Abreviação de investigador particular

— Cara, você me fez assinar papéis à luz de velas. — Darren colocou o rosto perto da página para cheirar, e Kevin riu. Darren assinou. Eu me levantei e fiz o mesmo. Eu me senti como se estivéssemos selando um acordo, provavelmente porque eu estava meio embriagada, e o espaço ao ar livre, à luz de velas e ar fresco, adicionou uma camada de profundidade ao processo.

— A nós. — Kevin segurou sua cerveja no alto. — A Threesome Nameless. — Nós clicamos as garrafas para o nosso nome colaborativo. Nós éramos uma cooperativa, o futuro da criação, a nova tendência em autoria. Colaboradores. Equipes. Kevin tinha visto a tendência e se certificou ele fosse uma parte dela. Kevin era um visionário, ainda que em detrimento de seu próprio ego.

Tinha sido divertido. Mais divertido do que eu tinha previsto, e, pela primeira vez em semanas, eu não me sentia ansiosa e sozinha.

Quando Darren se foi, Kevin ergueu a garrafa. — Outra?

— Eu tenho que estar no trabalho às nove e meia.

Ele me entregou outra de qualquer maneira. — Este é um pequeno show, mas foi uma boa ideia. Eu estou feliz que fizemos isso.

— Yeah. Foi muito bom. E eu nunca estive tão longe ao norte.

— Você é inteligente, Monica, e conseguiu isso. Você conseguiu fazer a arte que eu estava querendo dizer alguma coisa para você.

— Você não vai ficar sentimental para mim, vai? — Eu inclinei meus cotovelos no bar atrás de mim, a garrafa pendurada em uma das mãos. A cerveja estava subindo para minha cabeça.

— Eu estava errado. A maneira como eu te tratei. Chamando-a Piu-Piu. Marginalizando-a. Eu neguei para o mundo a sua beleza, e fui errado com você e para o mundo. — Ele acariciou minha bochecha com o polegar. Eu fui lento para reagir, e se eu estivesse sendo honesto comigo mesmo, o contato humano era bom. Ele se inclinou, o nariz perto do meu rosto, e eu peguei seu cheiro de malte e cheiro de chocolate. — Você estava certa em ir embora.

— Kevin, eu...

Ele colocou seus lábios nos meus, e meu corpo respondeu por torção. Ele me segurou. Sua língua tinha gosto de cerveja. Eu o empurrei.

— Eu não posso.

— Por quê? — Seu rosto encontrou o meu pescoço. Eu recuei, odiando que eu estivesse com tanta fome de ser tocada, mas apenas por uma pessoa.

— Eu estou apaixonada por alguém. Não seria justo com você.

Ele apertou os dois lados do meu rosto. — Eu vou viver com isso.

Quando ele foi me beijar de novo, eu apertei meus olhos e lábios, balançando a cabeça. Ele me segurou firme. Eu não gostei. A doçura de ser tocada se foi, substituída por um sentimento de violação, como se o controle do meu corpo estivesse sendo tirado de mim. Eu entrei em pânico.

— Kevin, não!

— Você precisa de uma palavra de segurança?

— *O quê?* — Quando eu tentei me afastar, ele apertou os braços em volta de mim e colocou seu joelho entre minhas pernas, espalhando-as.

— Monica — ele disse com esforço como eu balancei. — Acalme-se. Qual é o...

Eu mordi seu ombro, duro. Ele gritou, e quando ele se afastou, meus dentes ainda tinham ele. A pele rasgou. Sangue encharcou através de sua camisa. Mais rápido do que um insulto, eu senti um forte impacto no meu rosto, e eu perdi meu rumo com a bofetada.

Ele tinha uma expressão um tanto chocada e feroz. Eu dei um golpe com a garrafa cheia de cerveja nele. A garrafa não quebrou, mas bateu em sua têmpora com um *thok*. Eu perdi meu aperto, e da inércia puxou a garrafa da minha mão no chão. Ele caiu aos meus pés como um sol de espuma.

Kevin estava agachado, segurando a cabeça sangrando. Eu não sabia se ajudava ele ou fugia. Eu fiquei chocada pela inércia até que ele veio para mim. Então eu corri.

Eu corri para o estúdio, através da cozinha e sua sala de trabalho, passando pela instalação, em sua forma final, no fim do corredor, e sai pela porta. Quando eu cheguei à frente, onde o meu carro estava estacionado, a porta de entrada do metal não bateu de imediato. Ele estava bem atrás de mim, seu rosto lindo manchada de sangue.

— Kevin. Pare!

Ele não parou. Ele agarrou meu braço e me jogou contra o meu Honda.

Foda-se.

Minhas chaves estavam no estúdio.

Eu dei um golpe. Ele abaixou a cabeça. Eu tive a minha abertura. Eu corri para baixo do bloco e não parei até que eu ouvi a música.

# Capítulo Seis

## Monica

Como toda Angelina[3] que se preze, eu mantive o meu telefone no meu bolso. A festa que eu achei estava movimentada com barris e garrafas desorganizadas sobre uma mesa coberta de papel. Arte cobriam as paredes do armazém, algumas das serigrafias inclinadas a partir de encontros com os festeiros bêbados.

Eu liguei para o trabalho quando eu encontrei um canto tranquilo...

— Oi, Debbie? Eu não posso estar aí hoje à noite. Aconteceu uma coisa.

— O que é "uma coisa"?

— É pessoal.

— Se você está apertando mais as minhas meninas, eu quero saber por que.

Eu não quero passar por tudo isso. Eu já tinha mostrado para a minha gerente comportamento não profissional o suficiente. — Eu deixei minhas chaves do carro atrás de uma porta trancada. Estou tentando chamar meu companheiro de casa no telefone, mas ele não atende. Eu não acho que ele vai chegar aqui a tempo para eu ir trabalhar.

---

[3] Uma pessoa nativa ou habitante de Los Angeles.

Ela suspirou e cobriu o telefone para falar com um dos funcionários. — Onde você está? Vou mandar Robert.

Merda. Eu podia sentir meu rosto latejante onde Kevin tinha me atingido. Eu não poderia ir trabalhar assim. — Não, Debbie. Sinto muito. Eu não disse a coisa toda. Eu estive em uma luta. Eu não estou apresentável.

— Pare de discutir e me mande um sms de onde você está.

Ela desligou o telefone.

Meu rosto estava pulsando com a pancada da música. O espaço do armazém tinha sido cooptado para a noite por benfeitores alemães, cooperação de um artista apenas começando a fazer ondas. O lugar era enorme, estava lotado, e com cheiro de mijo, onde estava escuro. Apesar de dois DJs terem sido contratados, ninguém tinha pensado em trazer um banheiro portátil.

Então, eu fui forçada a sair para a luz, segurando alguma bebida avermelhada, colocando o plástico frio no meu rosto, evitando que as pessoas pudessem me reconhecer.

O que não funcionou. Ute Graden, uma atriz descendente de alemães, com cabelos naturalmente branco, me encontrou sentada em um muro de concreto pela rua, olhando o meu telefone e a estrada esperando Robert. Ela e seus quatro amigos circulavam, bebendo, rindo e falando sobre seu trabalho e sonhos. Eles faziam parte da minha torcida. O meu mundo, e eu me senti tão fora dele.

Ute e eu conversamos um pouco sobre nossas carreiras, onde eu não mencionei nada sobre uma canção eu tive que tirar do Carnival porque eu prometi ao meu ex amante que eu faria.

— O que aconteceu com seu rosto? — Ela perguntou.

— Cai na calçada. A porra da cidade está caindo aos pedaços.

— Parece desagradável.

— Danificada, também. Ei, o que aconteceu com esse filme que Indie que você estavam fazendo? Sobre a prostituta com as crianças?

— Acabou o dinheiro, exatamente no meio. Eu estou "de plantão", mas... oh. Olá.

Ela estava olhando por cima do meu ombro. Eu segui seu olhar, e uma vez que uma multidão de rapazes com bonés virados e jeans skinny de cintura baixa passou, eu vi Jonathan do outro lado da rua, à espera dos carros passarem.

— Oh, merda fodida — Eu disse.

— Yeah. Cabeça aos pés. Esse é um homem.

— Como se nada mais bastasse. — *Deus amaldiçoe você, Debbie*. Você é uma fofoqueira. Qual era o seu negócio? Ela era minha chefe ou minha mãe? Eu ia ter que ter uma, respeitosa e honesta conversa, para não perder o emprego, com ela.

Quando ele atravessou a rua, eu vi o que Ute viu. Ele usava calças simples e uma camiseta com uma jaqueta de couro. Um contraste com o resto dos homens da festa, que passou horas parecendo que não se importasse com o que eles usavam, Jonathan parecia elegante e realizado, como se ele se importasse. Ele era alto e magro e reto, seu cabelo estava penteado para trás, fora da testa. Ele era dono do mundo e tudo que havia nele. A dificuldade de me afastar dele era algo assim como ignorar a sua aparência, por isso além de qualquer atributo físico único, ele caiu dentro de uma nova categoria indefinida como "apropriado".

Eu coloquei minhas costas reta e inclinei meu queixo para cima. Eu pensei que Debbie fosse enviar Robert, mas eu tenho que fingir que eu estava bem e meu rosto não estava golpeado.

— Ele está vindo para cá — disse Ute, escovando o cabelo liso.

— Ele é minha carona — eu disse.

Suas sobrancelhas arquearam.

Eu fiz uma pausa. Jonathan gostava de loiras, se sua esposa fosse qualquer indicação. Ute era linda. Ela ficaria bem com ele.

Eu pensei sobre adicionar uma pequena explicação. Talvez "eu sou apaixonada por ele, mas eu o deixei" ou "ele era meu amante, namorado, mestre,

rei..." Nada disso funcionou, e pelo tempo que isso aconteceu "nós ficamos juntos por um tempo", ele estava em cima de nós.

— Hey, — ele disse, e sua voz foi direto para o meu estômago e rasgou coisas fora.

Eu me levantei. — Jonathan, esta é minha amiga, Ute. — Ela tinha um sorriso que envolveu em torno de seu rosto como uma mordaça.

— Oi — Ele olhou para Ute brevemente, depois de volta para mim. — O que aconteceu?

— Eu caí. O que você está fazendo aqui? Debbie está ficando fofoqueira?

— Eu por acaso estava no bar, e ela não podia poupar ninguém.

— Em Ação de Graças? Você não tem irmãs para convidá-lo para jantar?

— O jantar terminou às oito horas, e as crianças foram para a cama. Onde é que você caiu?

— O meu rosto. — Eu não tinha visto ainda um espelho, mas sua expressão me preocupou. Eu ia para a abertura em Vancouver com uma grande coisa que cheira mal na minha bochecha?

Ele se virou para Ute. — Foi um prazer conhecê-la. — Nada sobre sua voz era bom. Ele colocou a mão nas minhas costas, entre as omoplatas, e me guiou em direção à rua. Foi um gesto possessivo, e ele não tinha que fazer nada disso. Quando estávamos longe o suficiente da festa, eu tirou a mão.

— Desculpe, Jonathan. Eu gostaria que ela não tivesse lhe enviado.

— Por quê?

— Você sabe por quê.

— Conte-me sobre seu rosto agora. E a verdade desta vez.

A festa derramava na rua, enviando grupos de pessoas para a calçada e nos lotes vizinha. O distrito industrial iluminava partes, mas Jonathan e eu estávamos constantemente recebendo batidas e desviando dos bandos bêbado descolados.

— Você pode me levar para casa? — Eu cheirei sua jaqueta de couro, sua colônia, o Jameson em seu hálito. Ele estava a centímetros de mim. Se eu apenas me inclinasse para frente, eu poderia beijá-lo.

— Onde está o seu carro? — Ele perguntou.

— Na casa do Kevin.

— O que aconteceu? — Sua voz estava tensa como uma corda de arco, e sua postura correspondia.

Eu senti a pressão de um grito gordo empurrar para fora meu lábio inferior, espremendo as lágrimas dos meus olhos, e roubando a respiração dos meus pulmões. — Eu odeio que eu terminei com você duas vezes, e ambas as vezes você aparece em uma crise e eu fico chateada.

— O que aconteceu?

— Eu cai. — Minha voz falhou no meio de soluço.

— Parece que você caiu na mão de alguém.

— Na verdade, foi mais do que uma bofetada realmente dura, mas você devia vê-lo. Ele parece muito ruim.

Jonathan piscou. Devagar. — O que aconteceu?

Eu não respondi. Ele colocou as mãos nos meus ombros e, como que por força de vontade, tirou toda a raiva e julgamento de sua expressão. Ele só me fez chorar ainda mais.

— Foda-se.

— O que aconteceu?

— Ele queria... — eu quebrei. Como eu poderia dizer a Jonathan que eu sinto falta de ser tocada por um homem, por ele, então eu deixei algo acontecer e eu deveria ter parado? Ou por que eu estava me culpando quando eu não tinha feito nada? — Ele me beijou, e eu o mordi. Então ele me bateu. Eu o acertei com uma garrafa e corri, e meu carro e as chaves estão lá na casa dele. E você não deveria estar aqui assistindo isso, então eu não me sinto culpada por tudo.

Eu tentei ler sua expressão, mas era difícil de ver através das minhas lágrimas. Ele deslizou um daqueles malditos lenços de bolso, e eu o agarrei antes que ele pudesse me dizer a soprar.

— A culpa foi minha — Eu disse.

— Sério?

— Yeah. Você disse para não ficar sozinha com ele, e eu deveria ter escutado. Você disse que ele queria me machucar, e aqui estou eu. Agora eu não sei como eu vou para Vancouver com ele.

— Onde estava Darren enquanto você estava apanhando?

— Participando de uma festa. É a maior noite do ano.

Ele colocou seus braços em volta de mim, e eu caí dentro dele, colocando meu rosto em seu ombro, meu rosto em seu pescoço. Sentia-me bem. Tão apropriado. Tão quente e suave. Esse era o toque que eu queria, quando eu deixei Kevin perto de mim. Eu tinha feito tão errado. Eu senti um aperto na minha bunda, então cócegas. Ele deslizou o meu telefone do meu bolso.

— O que você está fazendo? — Eu peguei o telefone, mas ele o segurou no alto, batendo e arrastando até um mapa aparecer. Ele encontrou o endereço de Kevin.

Ele me passou o telefone. — Fique aqui com sua amiga por um minuto. Eu vou pegar o seu carro.

— Jonathan, apenas me leve para casa. Não entre em uma briga.

— Uma briga? — Sua voz estava tensa com o controle. — Você acha que eu vou levá-lo atrás do ginásio e socá-lo? Eu pareço um adolescente?

— Não, mas...

— Pare. — Ele colocou as mãos no meu rosto e chegou perto o suficiente para me beijar. — Você é minha, e eu vou defender você. Mas isto não é um filme. Você não destrói alguém com uma briga. E Monica, eu sei que você fugiu de mim, mas eu vou destruí-lo, apesar disso.

Ele beijou minha testa e caminhou em direção ao estúdio.

# Capítulo Sete

## Jonathan

Eu não poderia dizer exatamente o quanto desta situação poderia ter sido evitada se Margie não tivesse puxado a equipe de Will, mas pelo menos, eu teria recebido um telefonema quando Monica saiu correndo. Se eu não estivesse no Stock, ela provavelmente estaria implorando ao motorista do ônibus para um passeio gratuito de regresso para sua colina ou para a travessa Elysian Park para chegar em casa. A Somália era mais segura.

Ela teria de voltar para mim. Em breve. Ele teve os lábios nos dela, e eu queimei de dentro para fora. Eu não queria ficar preocupado com ele na frente dela. Seus lábios eram meus. Seu rosto era meu. Eu a deixei ir, na certeza de que ela voltaria para mim. Mas nesse ínterim, qualquer coisa poderia acontecer com qualquer um de nós. Embora eu sabia a diferença entre o que era falso e o que era real, eu não podia garantir que ela saiba a distinção.

E, também, o seu corpo era meu, apesar de tudo. Meu para beijar. Meu para foder.

Meu para bater?

O contraste não se perdeu em mim. Eu tinha espancado a bunda dela até ficar rosa com a intenção de uma foda dura e mais crua. E ela quis e implorou por

isso. Ele bateu com raiva, em seu rosto, e duro. Mas qual era a diferença? Quando e como ela se tornou um saco de pancadas para os homens que ela estava envolvida?

A Wainwright estava a dois quarteirões de distância. Eu vi seu carro no estacionamento da frente antes de ver o prédio. A má iluminação pública deixava dezenas de cantos escuros e me torna cego, mas é muito fácil de ver que a porta da frente estava entreaberta. A música vinha a partir dela. Um instrumento de cordas através de uma linha de percussão hip-hop, que parecia um pouco fora. Era desconcertante, todo ferido e tenso.

Eu abri a porta e entrei em um corredor estreito, com portas de ambos os lados. A música vinha da grande sala no final. Uma voz, em camadas mais e mais, com um único instrumento de cordas e dura percussão. Alguma coisa estava errada, mas isso era definitivamente sobre a Monica. Eu vi sua bolsa caída de uma mesa na sala grande. Eu a peguei, e quando eu virei, eu vi a peça.

Ela estava pronta. As seções foram marcadas para o transporte, e as caixas de embalagem de madeira estava ao lado dele. Como a mina de carvão, era uma sala independente com um interior e exterior.

Ela era cortada em dois horizontalmente em um pé-grande ferido ao redor de toda a circunferência. Telhas cobriam as paredes e as janelas, enquadrada no estilo do artesão e quebrada onde a ferida se cruzaram nelas, e foram pintados em ouro e prata. Curioso, eu entrei.

Do lado de dentro, a abertura da mandíbula de madeira e gesso no corte horizontal parecia mais mal, mais perigoso. Detritos derramavam em toda parte. Blocos de concretos quebrado. A gengiva do indivíduo estava pregada. Grama estava enraizada em montinhos de terra como em uma alameda. Tudo isso era anônimo, genérico, não desejado, arrancado, encontrado, mas não resgatados. Nas paredes ficava um enorme print screen de uma ferida aberta. Poderia ter sido qualquer parte do corpo, destruído por alguma briga de faca ou uma cirurgia de dez horas, isto não importa. Era trezentos e sessenta graus ao redor, e grotesco. No outro canto havia um inseto com uma antena na mandíbula e que dava voltas nas paredes.

Em seguida, a música fazia sentido. Era a voz da Monica, suas palavras em camadas tantas vezes que suas sílabas e significados foram perdidos. As cordas soavam um pouco fora de tom e o refrão era baixo estava meio fora do tom, um milésimo de segundo do tempo, então, gradativamente, mais até que o núcleo estava uma cacofonia desconcertante que caiu na batida correta, dando um nó em uma falsa sensação de um acerto mais permanente. Cada canto da parte acentuava uma camada vocal diferente e cada coluna tinha um tom diferente.

— Isso é bom — eu disse. Eu sabia que ele estava ao alcance da voz. — A música é a mesma do lado de dentro e do lado de fora. Mas a ouvi de forma diferente.

— A realidade é a mesma dentro e fora do relacionamento. — Ele estava na porta, que era muito alta para um quarto. Duas pessoas podem sair ao mesmo tempo, mas apenas se estivessem uma por cima da outra. — Antes e depois, a vida é uma merda. O que você está fazendo aqui? — O lado esquerdo de seu rosto estava cortado e sangrando. Ele segurava um saco vermelho encharcado de gelo nele.

— Ela fez um bom trabalho em você — eu disse. — Você merece coisa pior.

— Vamos lá, cara. Ela é uma provocadora.

— Não comigo.

— Tudo bem, cara, seja o que for. O que você quer?

Eu passei por ele e parei. — Vim para pegar o carro. Você a deixou sair em uma rua escura sozinha. Eu não sei o que acontece com homens como você.

— Você sabe o quê? Vai se foder. Você é apenas mais um cara rico, com questões de propriedade. Buceta como aquela nunca será sua propriedade.

Eu o empurrei contra a porta. O saco de gelo caiu, quebrando e espalhando cubos e cacos pelo chão. — Você não...

Ele me empurrou para trás. Éramos equilibrados, fisicamente, então quando eu o empurrei para trás, acabamos bloqueando a porta de entrada projetada para

uma pessoa, nos esforçando um contra o outro, sem se mexer com nossos rostos vermelhos com os esforços.

Eu deslizei meu pé atrás de seu tornozelo e puxei a perna de debaixo dele. Nós caímos, comigo por cima. Eu coloquei o meu joelho em seu esterno enquanto ele ainda estava desorientado. Eu tive sorte. Eu mantive minha cabeça. Nesse milésimo de segundo, eu olhei para aquele pedaço de merda e pensei: *Um duro golpe em seu rosto e eu o peguei*. Então a voz da razão soou dentro eu não o peguei. Deixando-o sem sentido não faria nada, mas o daria uma dor de cabeça pela manhã. Pior, eu perderia o respeito da Monica.

Ela esperava mais de mim, e nós estávamos muito precários para eu fazer algo temperamental e estúpido.

Eu tinha que tirá-lo de sua vida de forma pacífica e permanente.

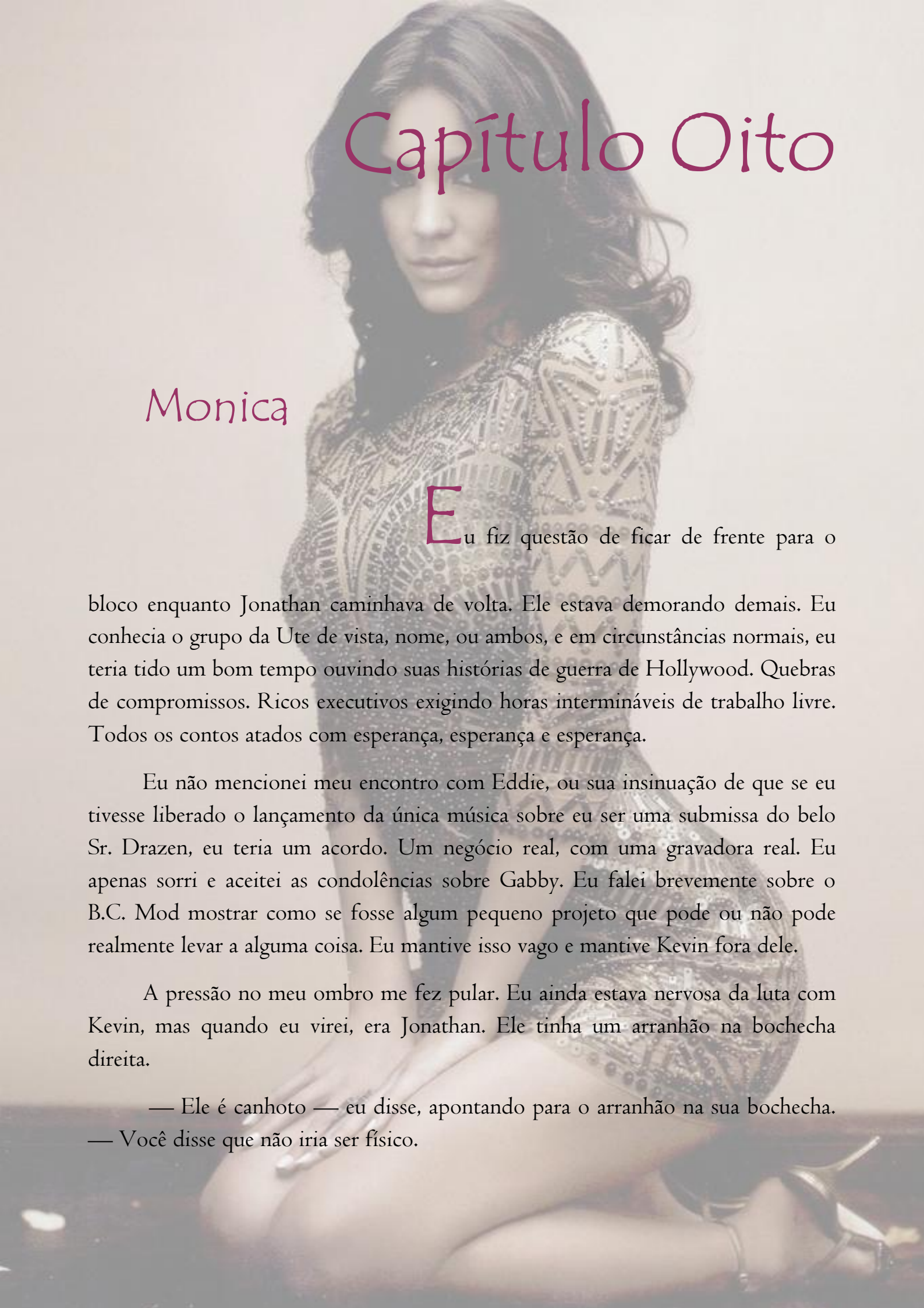
— Ouça-me — eu disse, sem fôlego e sabendo que minha vantagem não duraria. — Eu vou com ela para Vancouver. Vamos os dois agir como cavalheiros. Você não vai falar sobre ela assim comigo ou qualquer outra pessoa. Você entendeu?

— Você não a conhece. — ele engasgou.

Eu cavei meu joelho em seu peito. Ele bateu em mim, pegando meu rosto. — Você entendeu ou não? — Eu perguntei.

— Vai se foder.

Eu me levantei. — Vou tomar isso como um sim.



# Capítulo Oito

## Monica

Eu fiz questão de ficar de frente para o bloco enquanto Jonathan caminhava de volta. Ele estava demorando demais. Eu conhecia o grupo da Ute de vista, nome, ou ambos, e em circunstâncias normais, eu teria tido um bom tempo ouvindo suas histórias de guerra de Hollywood. Quebras de compromissos. Ricos executivos exigindo horas intermináveis de trabalho livre. Todos os contos atados com esperança, esperança e esperança.

Eu não mencionei meu encontro com Eddie, ou sua insinuação de que se eu tivesse liberado o lançamento da única música sobre eu ser uma submissa do belo Sr. Drazen, eu teria um acordo. Um negócio real, com uma gravadora real. Eu apenas sorri e aceitei as condolências sobre Gabby. Eu falei brevemente sobre o B.C. Mod mostrar como se fosse algum pequeno projeto que pode ou não pode realmente levar a alguma coisa. Eu mantive isso vago e mantive Kevin fora dele.

A pressão no meu ombro me fez pular. Eu ainda estava nervosa da luta com Kevin, mas quando eu virei, era Jonathan. Ele tinha um arranhão na bochecha direita.

— Ele é canhoto — eu disse, apontando para o arranhão na sua bochecha. — Você disse que não iria ser físico.

— O que você...? — Ele tocou seu rosto e voltou com sangue. — Arbusto com espinho. Está escuro lá. — Ele segurou a minha bolsa. — Eu estacionei seu carro na esquina. Vou pedir a Lil para pegá-lo amanhã.

— Por que eu não posso simplesmente leva-lo?

— Porque eu vou dirigindo para a sua casa.

— Não, Jonathan...

— Eu quero falar com você.

Parecia que ele tinha que me dizer alguma coisa, e desde que ele tinha acabado de voltar de Kevin, eu tinha certeza de que eu precisava ouvir. Eu disse adeus a todos com abraços de Los Angeles, promissoras chamadas e confraternizações que eu gostava do fundo do meu coração, mas eu nunca iria fazer acontecer.

Ele me levou para baixo do bloco, sem dizer nada até que chegamos ao Jag. Ele abriu a porta do passageiro para mim. Eu me inclinei sobre o carro, não estava pronta para deixá-lo me levar para casa.

— Entre!

Eu cruzei os braços. — O que aconteceu no estúdio?

— Eu vi a peça.

— E então?

— Você sabe que é fenomenal. Você não precisa me dizer isso. Agora entre.

— Eu não preciso ser empurrada duas vezes em uma noite.

Ele se inclinou sobre o carro, uma mão em cada lado meu. — Eu preciso sair dessa rua com essas quatrocentas crianças bêbadas indo e vindo de uma festa. — Ele não estava me tocando. Nem mesmo nossas roupas estavam se tocando, mas eu o sentia em um impulso de desejo. Eu o queria. Meus lábios, minha buceta, até o meu rosto latejante o queria. Quando voltou a falar, sua voz saiu de sua boca para o meu coração, iluminando como fogo. — Eu preciso conversar com você em particular.

— Eu não quero conversar. Eu quero ir para casa e olhar em um espelho.

— Você tem, facilmente, uma contusão. Está bem? Agora entre no carro.

Minha mão foi para o meu rosto. A pele estava dormente, com dor debaixo dela. — Deve estar horrível.

Ele pegou minha mão e beijou minha bochecha. Doeu e me deu um incrível prazer ao mesmo tempo. Quando ele moveu os lábios do meu rosto para o meu pescoço, a dor desapareceu e o prazer aumentou. — Não está. — ele sussurrou.

— Isso é um truque para me ter no carro?

Ele olhou nos meus olhos, então ele beijou meus lábios, separando-os com a língua. Ele fez uma pausa apenas para dizer: — Sim.

Eu dei a ele, seus braços descansaram em cada lado da minha cabeça e nos fechou do resto do mundo. Só nesse beijo que eu percebi o quão ruim as últimas semanas tinham sido, o quanto eu sentia falta dele. Não apenas sua atenção física, mas suas palavras e gestos, sua proteção e devoção.

Ele arrastou seus lábios ao longo do meu queixo e disse: — O que você quer, Monica?

— Eu quero você.

— O que você quer de mim?

— Que você me leve para a cama.

— Eu não sou um brinquedo. — Ele disse que ao beijar meu ouvido e tocar minha garganta, sua ereção firme na minha barriga. Ele usou sua voz mais suave. — Você não pode me jogar fora, então me atrair de volta quando você se sentir fodida.

— Então pare de me tocar sempre que eu arremessar uma linha.

Ele se afastou lentamente. — Você está certa. — Seus olhos percorreram os meus, e sua expressão mudou, como se ele percebesse algo. Eu não sei se eu gostei.

Parte de mim queria bobina-lo de volta. Era a parte de mim que ele amou em primeiro lugar, naturalmente. Essa parte queria se esfregar contra ele. Essa parte

tinha o visto atravessar a rua como um estranho, com todas as possibilidades aquecidas que se implicavam.

Mas meu cérebro disse "não". Minha mente era o repositório da memória, e nesse repositório sentava a sugestão de Eddie Milpas que eu me tornasse a garota Bondage para as pessoas comuns, o símbolo de seus desejos implícitos, desprezados e indesejados. Eu poderia cantar como um sapo, e não importaria desde que eu usasse coleira de homem rico.

— Vamos conversar no carro — eu disse — mas eu estou indo para casa.

Ele fez uma pausa, e eu queria cair em seus olhos, tão perto, tão penetrante. Eu escorreguei de debaixo dele e entrei no carro.

Ele fechou a porta e caminhou em torno da frente. Eu estava tão decepcionada comigo mesma. Eu o havia deixado por um bom motivo. Eu o deixei pelos mesmos motivos eu deixei Kevin: minha vida, minha carreira, meu trabalho. Então, como eu acabei no banco da frente de seu carro, prestes a falar de coisas que eu não queria falar? Como eu iria lidar com estar em ambientes fechados com ele quando tudo o que ele tinha que fazer era me tocar e eu cair aos pedaços? Eu era fraca, e eu sabia disso. Foi por isso que eu tinha deixado Kevin tão drasticamente. Foi por isso que eu fui celibatária por muito tempo. Se estar no controle da minha buceta não era uma opção, pelo menos eu poderia controlar quem eu vejo e em que circunstâncias.

Tão fraca como Kevin tinha me feito, e tanto quanto a fraqueza me fez fugir dele, não era nada comparado com o que Jonathan fazia para mim.

Ele entrou no lado do motorista, e eu fechei os olhos. Eu não queria vê-lo, ou a forma como a luz atingiu as maçãs do rosto ou a pele esticada de sua mandíbula. Se eu pudesse apenas fechar o nariz e meus ouvidos, eu sairia do carro intacta.

— Monica — disse ele — você está bem?

— Tem sido uma longa noite.

— Você não pode ir com ele.

— Foda-se, é a minha carreira.

— O masoquismo não deveria deixar o quarto.

— Vá para o inferno. — Eu fui para a maçaneta da porta. Ele estendeu a mão sobre mim e agarrou meu pulso.

— Você não está me ouvindo. Você não pertence intimamente a ele. Isso queima um buraco em mim.

Eu tinha o direito de ver quem eu queria, por qualquer razão eu quisesse. Jonathan e eu tínhamos rompidos. Mas eu me senti culpada por deixá-lo, e minha culpa falou. — Quem era ela? Em DC? Você vai me dizer que você não tem alguém para transar em cada porto de chamada? Conte-me sobre ela, e vamos até mesmo convidá-la.

Ele se inclinou para trás, soltando o meu pulso — Você está falando sério?

Eu não deveria ter perguntado, porque o seu olhar não era uma negação, mas — Como você ousa perguntar? — O jeito que ele disse isso, eu tive a certeza que ele tinha feito alguma merda nas últimas duas semanas e imobilizado meu coração. Quando eu era criança, um buraco do tamanho de um punho se abriu no meio da nossa rua. Três centímetros de asfalto caiu em um nada profundo. Ele ficou maior e maior, caindo em si, até o Toyota de Teddy Ramirez ficou presa.

Meu peito tinha um buraco nele. Isso apenas caiu em si mesmo, criando uma maior abertura para o nada e sugando o ar para fora de mim. Não. Isso não era bom. Essa era a própria definição de horrível. Eu me mexi e fui para a porta. Ele estendeu a mão sobre mim novamente e bloqueou meu punho. — Você não pode fugir cada vez que algo fica difícil.

— Jonathan, por favor, eu não posso suportar a ideia de você com outra pessoa. — Seu corpo estava tão perto do meu, tão real. Aquele filho da puta. Construído tão certo para mim e quanto as outras?

— Espere. Você acha que havia outra pessoa? — Ele questionou.

Eu mordi meu lábio. Eu não sabia mais o que eu achava.

— Monica. Não. Existe. Outra. Pessoa. — Ele deixou meu pulso e olhou para mim por um segundo. — É apenas você. Você acha que eu sou idiota? Você acha que eu posso criar o que temos com outra mulher? Eu sei como é o mundo.

Eu sei como são as pessoas nele. Nós? O que temos não é algo que fizemos. É algo que já existia antes de nos conhecermos.

O buraco no meu peito se inverteu, como o filme de trás para frente, todo quebrado.

— Sinto muito. — eu disse. — Eu não deveria ter perguntado. Não é da minha conta.

— Por que você se afastou de mim, se você ainda se importa? — Ele perguntou.

— Eu sou humana. É uma condição terminal. — Eu queria que ele me beijasse. Eu queria seus lábios, suas mãos, sua língua, mas eu não podia, não quando havia tantas razões sensatas para não. — Eu tive um encontro com Eddie Milpas. Ele quer fazer de mim uma estrela, eu riria de qualquer outra pessoa. Mas não é engraçado, porque ele tem o poder de fazer isso. Ele quer colocar o músculo do Carnival atrás de mim. Se ele fizer, eu vou ter tudo o que eu sempre quis.

— Monica, isso é...

— Ele quer a música — eu disse. Jonathan se inclinou para trás, contra a porta, um sorriso triste em seus lábios. — Ele não vai conseguir. Eu cumpro minhas promessas, e para ser honesta, eu desejaria que eu nunca tivesse escrito nada. Mas isso não é incômodo. Ele tem muitas músicas com letras excêntricas que vai soar grande como uma menina toda arrumada em couro e correntes. BDSM é quente agora, aparentemente, e eu "conheço isso", assim eu poderia retirá-la.

Eu fiz uma pausa, porque a imagem explodiu em minha mente.

— Foda-se! Eu passei algumas semanas com você, e eu sou a garota Bondage. Que diabos eu devo fazer agora? Você sabe o quão duro eu trabalhei? Você sabe o que eu coloquei para isso, e me sentei na frente desse cara, e ele me diz... esperar por ele.... ele me diz que eu sou perfeita, porque eu *sei o que estou falando*? Quem sou eu? Que *porra* é essa? — Eu bati o painel. — E Kevin, você sabe por que ele forçou-se sobre mim? Porque ele achava que *eu gostava dessa maneira*. Caramba. Jonathan, e se as câmeras estavam em minha casa, porque alguém queria fazer chantagem com *você*? E eu sou pega nesta rede agora. Isso não é o que eu quero.

— Eu quero cantar. Eu quero fazer música. Eu alienei a minha mãe, eu sacrifiquei uma centena de outras carreiras, eu perdi a minha melhor amiga por causa disso, eu pratico e trabalho o tempo todo. Isso é tudo o que eu penso. É tudo eu quero. Mas eu estou presa nessa coisa pervertida com você, quando todo o trabalho poderia estar dando resultado. Isso é uma merda. Minha carreira poderia quebrar a qualquer minuto. Estes deveriam ser os melhores dias da minha vida, e eu desejo que eu estivesse morta.

Eu tive que parar, ou eu ia chorar, o que eu não queria. Chorar iria atrapalhar todo o meu ponto. Eu não olhei para Jonathan, porque eu não me importava com o que ele sentia ou pensava. Eu não queria ver seu lindo rosto porque ele me transforma em bagunça. Eu olhei para as minhas mãos no meu colo, em seguida, para fora da janela na festa.

— Sinto muito — ele disse.

— Eu não te culpo. Você não tinha a intenção de arruinar a minha vida. Mas eu realmente gostaria de não ficar pior, se estiver tudo bem.

Ficamos em silêncio. Eu considerei dizer adeus e abrir a porta, mas eu não podia. Eu considerei correr antes que ele pudesse me pegar, mas eu não poderia fazer um ou outro. Em vez disso, eu o encarei. Ele esfregou o queixo distraidamente e ficou olhando a uma meia distância.

E então minha boca se abriu e as palavras saíram. — A pior parte é que eu sinto sua falta.

Ele não reagiu, mas eu sim. Eu me transformei em pedra. Jesus, o que eu estava dizendo? Ele era a última coisa que eu precisava. Ele era o problema. 1,89m de problema prejudicial na vida em um doce, tentador diabo filho da puta em um pacote.

Ele se virou para mim, como se tivesse decidido algo. — Você e Darren decolam no meu avião para Vancouver. Deixe-me colocar vocês em um hotel.

— Não.

— Quer parar de me enlouquecer?

— Você não está me ouvindo.

— Eu estou ouvindo um monte de dor de todos os quadrantes. Vai ficar pior se você não me deixar te proteger. Quando você voltar em segurança, ai conversaremos.

— Não há nada para conversar.

— Oh, deusa. — Ele roçou minha bochecha com as costas dos dedos.

— Não me chame assim.

— Temos muito o que conversar.

Eu fechei os olhos. Seu toque parecia um barco em águas paradas, deixando ondulações em seu rastro. Quando é que eu vou parar de desejar ele? — Eu não quero minha vida arruinada.

— Nem eu. Mas isso... — Ele passou as suas mãos sobre o meu rosto, trazendo a minha pele para a vida. — Isso, eu quero. Eu nunca quis algo assim tão profundamente. Eu sentia suas mãos em seu telefone quando você lia meus sms. Eu vou para a Stock depois de seus turnos só para estar onde você esteve. Eu caio adormecido no travesseiro que você usou quando você estava na minha cama. Eu preciso compartilhar o que quer que seja parte do mundo que você está dentro. Diga-me que você não se sente da mesma forma.

— Você sabe como eu sinto — eu resmunguei.

— Nós não podemos retroceder. Você e eu vamos descobrir como fazer este trabalho.

Sua confiança deveria ter me feito ficar esperançosa, mas isso só me encheu de pavor.

— Eu quero ir para casa agora. Por favor.

Ele me acompanhou até meu carro. Quando ele me entregou as chaves, balançando-as em seus dedos, eu tive o desejo de fazer o que eu fiz quando nos conhecemos, o que Will Santon tinha feito: superar o meu alcance de um toque. Só um pouquinho. Mas, em seguida, Jonathan falou.

— Até nós conversarmos, e você começar a colocar a cabeça no lugar, não vou tocar em você. Você tinha razão. Nós começamos vacilando, você e eu. Nós

nos tocamos e nos sentimos bem, e então nós reinamos na cama e esquecemos o básico.

— Conversar não vai consertar isso.

— Nem ficar fodendo.

Eu tirei as chaves dele. — Nós podemos nos consertar, mas nós não podemos consertar o mundo, Jonathan.

— O mundo está cheio de idiotas. — Ele abriu a porta do motorista para mim e a fechou quando eu estava em segurança dentro

Eu abaixei a janela. — Quando eu te conheci, eu pensei que você fosse um idiota.

Ele sorriu. — Você não pensou.

— Eu pensei. Um lindo idiota.

Sua risada veio do fundo do seu peito. Ele mordeu o lábio e estendeu a mão em concha na minha bochecha, mas caiu a meio centímetro. — Eu era um idiota para fazer de você uma outra conquista. — Ele colocou a mão no bolso, e eu perdi o potencial do seu quase toque. — Saia daqui, deusa. Descanse um pouco.

Quando eu voltei para Echo Park, Darren estava fora. Meu rosto estava um pouco inchado. Eu fiz um bloco de gelo e fui para o sofá. Eu estava lá com a TV sem som, me lembrando dele. O beijo que compartilhamos. Seu toque, o calor. Eu deslizei minha mão em minha calcinha de algodão, tremendo em antecipação. Eu queria gozar. Eu queria querer gozar. Eu queria cair em minha imaginação mais suja e me enrolar no desejo sexual.

Mas quando eu toquei em minha abertura, eu me achei despreparada com a atenção. Um pouco de toque e não deu em nada, e eu senti como se eu estivesse tentando tocar uma música em um instrumento que eu nunca tinha ouvido falar. Eu puxei minha mão e fui para um sono inquieto.

# Capítulo Nove

## Jonathan

Eu andei até o carro com poucas palavras, mas não porque eu não tinha nada a dizer. Eu tinha muito a dizer. No tempo que eu tinha tomado para que ela me perdoasse por ter destruído sua carreira, eu tinha jogado uma dúzia de bolas mentais no ar, e se eu falasse, eu teria despejado todas elas.

Eu não tenho compaixão por sua situação. Eu tenho uma crua simpatia que me fez querer abraçá-la e sussurrar mentiras de conforto. Mas isso não ia dar certo. As coisas não estavam voltando ao normal. O único caminho dessa coisa toda iria explodir se ela vivesse uma vida de obscuridade. O reconhecimento e o sucesso que ela ganhou e mereceu prometia agravar sua situação. Não havia absolutamente nenhuma chance de as pessoas ignorarem o que elas sabiam, e não havia ainda a menor chance dela largar suas ambições para proteger sua privacidade.

Se eu a deixasse ir, o cenário mais provável seria dela poder jurar que ficaria fora dos homens, até que outro dominante aparecesse. Então ela ia cair de volta para o seu papel submisso com ele.

Isso não seria aceitável.

Eu tive telefonemas para a Ásia até bem tarde da noite. Na parte da manhã, depois do que pareceu ser 30 minutos de sono, eu coloquei Kristin para descobrir

quando Eddie Milpas estaria no Loft Club. Eu precisava tirar a impressão que tinha dele. Eu não queria agir com base apenas na explosiva imaginação da Monica.

# Capítulo Dez

## Monica

Eu acordei às oito e meia e olhei para teto empipocado de estuque do Darren. As persianas verticais lançavam listras em todo teto, e só quando meus olhos doeram de olhar para sua simetria estranha é que eu me levantei.

Eu tinha um e-mail de Kevin. Eu estava tentada a excluí-lo sem lê-lo, mas eu estava curiosa. Eu li no meu celular com os olhos turvos e no banheiro.

Querida Monica,

Você não vai pegar minhas ligações. Eu te conheço.

Eu me sinto como um fodido. Eu não me importo. Eu vou colocar tudo por escrito.

Eu nunca soube o que eu fiz de errado. Eu deveria ter condenado o meu orgulho e esperado em sua varanda até que você me dissesse por que você me deixou. Realmente o porquê. Não por causa das noites de terça. Isso só pode ser um sintoma de alguma outra doença.

Eu não sabia o que eu estava fazendo com a peça mina de carvão. Eu apenas fiz isso, e demorou um ano. Eu não ia convidá-la. Eu pensei que se

você a visse, você ficaria chateada, mas você sabe como eu me sentia. Eu achei que era o equivalente a me ter esperando em sua varanda, 20 meses mais tarde.

Todo mundo disse que estava solteira, mas você não estava, estava? Quando eu vi você chegando lá com outro homem eu queria destruir a minha cara. E então você estava no jardim chorando em seu ombro. Eu só posso imaginar que seria sobre a peça.

Lembre-se de quando nós lemos Blake às vezes? Eu pensei em um presente...

Eu disse meu amor, eu disse meu amor,

Eu contei a ela todo o meu coração,

Tremor, frio, em medos horríveis...

Ah, ela se afastou.

Eu fiquei um pouco louco. Eu sabia que eu queria fazer o trabalho cooperativo antes do Eclipse, e você foi a primeira pessoa que eu pensei. Eu só ia falar isso para você mais tarde. Depois de nós conversamos. Mas a loucura tomou conta.

Fizemos um bom trabalho juntos, mas você não iria falar sobre o que aconteceu com a gente, mesmo que fosse toda a peça. Eu ouvi sobre seu novo namorado e do tipo de merda que estava dentro. Eu pensei que talvez isso era o que você precisava de mim e você não poderia dizer.

Não era fácil, era?

Ontem à noite, depois que você saiu, eu estava chateado. E magoado. E eu disse um monte de merda para o idiota sobre você que eu não deveria ter dito. Tenho certeza de que ele repetiu isso para você. No momento eu quis dizer isso porque meu rosto estava arrebentado. Mas agora eu estou com vergonha de esperar em sua varanda. Assim que voltar de Vancouver, eu vou.

– Kev.

Eu sentei no vaso e o li novamente. Em seguida, o poema de Blake. Em seguida, a carta na íntegra.

Eu era uma vadia sem coração, me escondendo atrás de silêncio e indignação hipócrita que ficou sem resposta. Eu pensei que eu estava tomando o controle da minha vida, mas eu tinha deixado uma bagunça atrás de mim. Quantas pessoas eu tinha feito isso? Minha mãe? Ela nunca deixou de lançar alguma crueldade aparentemente inocente para mim, mas eu a cortei e chamei minha independência.

Tudo machucava. Eu tinha acordado com não mais do que um ponto escuro debaixo do meu olho, mas sob o peso de metade do meu rosto. Minhas costas eu senti que estava torcida e frágil, dolorida como se eu tivesse levantado um piano escada acima. Eu não sabia o que fazer com a minha dor, ou mesmo se alguma coisa precisava ser feito.

Meu telefone tocou às nove horas exatamente.

– Como está seu olho? –

Eu nunca tinha respondido ao sms das nove horas, mas depois da noite anterior, o e-mail de Kevin, eu pensei que eu deveria responder.

– Você deveria ver o outro cara –

Houve uma pausa mais longa do que o habitual. Eu o imaginei lendo o meu sms, tão surpreso que eu respondi que ele teve que tomar um segundo para se organizar.

– Eu senti suas mãos no telefone –

Eu acariciei um pouco o plástico e caixa de metal como um amante, sentindo um calor e formigamento entre as minhas pernas que esteve desaparecido na noite anterior.

– Eu tenho que ir trabalhar. Turno do almoço –

– Eu sei –

Idiota. Lindo idiota.

# Capítulo Onze

## Jonathan

— Eu realmente poderia ter usado vocês ontem à noite — eu disse, culpando Will por algo que não foi culpa dele. Margie, a fonte do dinheiro, havia se mudado com toda a sua equipe em um processo de divórcio com triangulações desde Flintridg em Santa Monica, para Monterey Park, e de volta. Eu poderia ter deduzido que estava se separando, se eu me importasse.

Santon parecia imperturbável com o que tinha acontecido com Monica. Sentamos em uma mesa no Loft Club. Santon não parecia impressionado com o clube em tudo. Um sinal a seu favor.

Ele deslizou a mão sobre o vidro de uma forma que parecia uma ameaça. — Eu não consigo entrar na casa, de modo que, mesmo se uma dos meus rapazes estivesse lá, eu não dou de forma alguma, garantia de que ele não teria ido por esse caminho.

— Você tem alguma coisa sobre esse cara? Ou minhas mãos estão atadas?

— Encontramos alguns mandados em Idaho. Ele liderou um protesto anti-guerra fora da prefeitura Boise e foi pego por incitar um motim. Ele caiu fora do campo de visão um mês depois que ele fez seus dias trinta e ninguém lá em cima, na verdade, deu uma merda quando ele apareceu aqui. O Agente da condicional

falou que nunca pensou nele como um criminoso. Então encontramos duas aberturas. Uma carga de bateria. A DUI[4]. Diferentes agentes condicional.

Eu olhei ao redor do clube. Larry servia bebidas. Caras de terno riam no bar. Eu esperava Eddie em breve, e eu queria estar resolvido com Santon antes dele chegar.

— As câmeras? — eu perguntei. — Alguma coisa?

— Foram retiradas antes de descobrimos como foi feito e quem ordenou o trabalho. Estamos rastreando os números de série, apesar disso. Seguindo o dinheiro.

Ele fez uma pausa, e eu rodei minha mão no pulso para ele continuar. Ele não fez. O cara era imperturbável.

— Bem? De onde isso veio?

— Você.

Eu bufo uma risada e bebo o último gole do uísque. — Puta que pariu, fantástico. Foi de Ibiza?

— Ilhas Canárias. Alguém colocou os dedos em sua torta.

— Aparentemente. — Eu estendi minha mão. — Eu aprecio você vir aqui para terminar esta conversa.

Santon tomou-a, e nós apertamos. — Me ligue em duas semanas, quando as coisas liberarem.

— Vou ligar.

Ele saiu, e eu desci para o vestiário, mastigando o que diabos estava acontecendo com confiar nas ilhas Canárias. Kevin certamente não tem o tipo certo de espírito ou conexões. Era possível que eu estivesse subestimando ele. Também era possível que eu o entendia, porque eu o desprezava.

[4] Dirigir sob a influência alcoólica, embriagado.

O clube tinha um grande lote para praticar golfe, campos de tênis, gaiolas de basebol, e um monte de arremessador falso e placas de marcação para jogar basebol. O proprietário possuía um ou dois times na liga principal, e ele mantinha o beisebol no clube, mesmo que as instalações não fossem muito utilizadas. Eddie e eu o usamos mais do que quaisquer outros dois membros. Eu defini o tempo com ele para senti-lo mais sobre Monica. Talvez eu pudesse convencê-lo a experimentar um outro ângulo de marketing, qualquer outro ângulo, porque eu sabia que o que ele queria fazer era colocá-la no inferno.

Eu esfreguei a bola, raspando um monte do arremessador falso sob o meu gancho. Eddie estava na caixa do batedor. Um tal arrogante fodido. O cara atingiu 209 em sua melhor temporada.

— Vamos lá, Drazen!

Eu acenei para ele, me preparando para o meu arremesso. A postura de Eddie era tão cômica quanto se tivesse estado em Penn. — Eddie! Você tem prisão de ventre?

— O quê?

— Você está de pé em sua bunda.

— Vai se foder.

— Não, *foda-se* você. — Eu joguei. Ele bateu com o campo da esquerda, batendo um alvo marcado ÚNICO antes de franzir a rede de nylon. Um pequeno milagre. Eu peguei um vislumbre do relógio velocidade à minha direita. Sessenta e cinco segundos. Minha merda estava enferrujada. Ou eu estava distraído.

Após seu sucesso conectando o bastão na bola pela primeira vez, Eddie estava de volta na caixa, olhando triunfante.

Eu peguei outra bola do balde. — Eu ouvi que você se reuniu com Monica Faulkner.

— Ela é um número quente. — Eddie chicoteou o bastão voltando antes de entrar em posição de prisão de ventre. — Você comprou sua música ou você está apenas impedindo que ela cante?

Eu toquei a bola. — Por quê?

— Nós queremos essa, e ela desistiu.

— É a sua canção.

— É tudo sobre colocar coleira e lamber o chão. Você tem escrito em toda ela. — Ele apontou o bastão para mim. — Eu quero isso. Isso é dinheiro. Eu acho que você a está impedindo de liberar a música.

Eu joguei um ataque. Setenta e cinco, mas meu cotovelo tinha agarrado um pouco do esforço. Eu não estava puxando a partir do ombro. — Você está me dando um monte de crédito.

— Você é o mestre.

Eu odiei isso. Eu odiava saber o tom do que ele queria dizer, porque alguém como Eddie banalizava algo que eu levava a sério.

— Isso não funciona assim, babaca — eu gritei.

Eu joguei um ouro ataque, bem dentro da zona. Cronometrado em setenta e sete, mas não o idiota do meu cotovelo bateu.

— Então, me ajude a entender o ponto.

— O ponto é que você não pode enganá-la como uma prostituta e colocá-la no palco.

— Vamos lá, cara. Dê ao mundo um gostinho do que vocês fazem.

Quando eu atirei o próximo arremesso, ele conectou. Duro. Eu enfiei a luva na minha frente e a apanhei antes que ela me batesse no saco.

— Desculpe, O'Drassen. — Ele usava o nome do meu velho bisavô, quando queria me provocar. Isso me incomodava na faculdade, e ele se agarrou a isso. Eu estava montando o próximo passo enquanto Eddie saia da caixa. — Sério, eu quero ela. Queremos ela. Ela tem aquela coisa. Sabe o que é. A coisa que eu posso vender. Cada homem no lugar vai querer transar com ela.

— O quê? — Eu tinha esperado isso. Eu tinha sido o palhaço, o contador de histórias, o aventureiro. Eu tinha sido o cara que fazia piadas sobre quem eu

fodia, e onde, e quantas vezes, ao longo das cervejas. Enquanto isso, eu defendia Jessica de cada palavra cruel atirada nas suas costas. Por que alguém acha que eu dou uma merda? — Ela não vai foder com você, Ed.

— Por que não? Eu sou um executivo de gravadora — ele brincou.

Apesar do fato de que ele estava brincando, as imagens vieram à mente como um vizinho prevenido. Seus olhos semicerrados. Eddie em cima dela, empurrando uma de suas pernas para cima enquanto ele bombeava dentro dela, e ela dizendo seu nome quando ela gozava. Mais e mais. Em seguida, as imagens vieram mais rápido. Ela rindo com ele. Curvando-se para ele. Segurando sua mão. Olhando para ele com amor, um sorriso iluminando seu rosto enquanto pensava em usá-la e despejar nela.

Eu balancei isso. Eu estava sendo um adolescente. — Entre na caixa maldita.

— Tudo bem. Sinto muito, cara. Eu não sabia que ela significava tanto para você.

Quando eu senti o gelo no meu peito e minha mente ficou completa e absolutamente clara, eu deveria ter sabido. Eu passei um longo tempo recebendo meu temperamento sob controle, e eu sabia disso bem. Meu temperamento não é um fogo que queima em um emaranhado confuso de pensamentos, era uma lucidez congelada, uma clareza de intenção, cujo único objetivo era prejudicar. Eu aprendi os sinais de alerta, mas no monte, eu me iludia pensando que eu estava concentrado na zona do ataque.

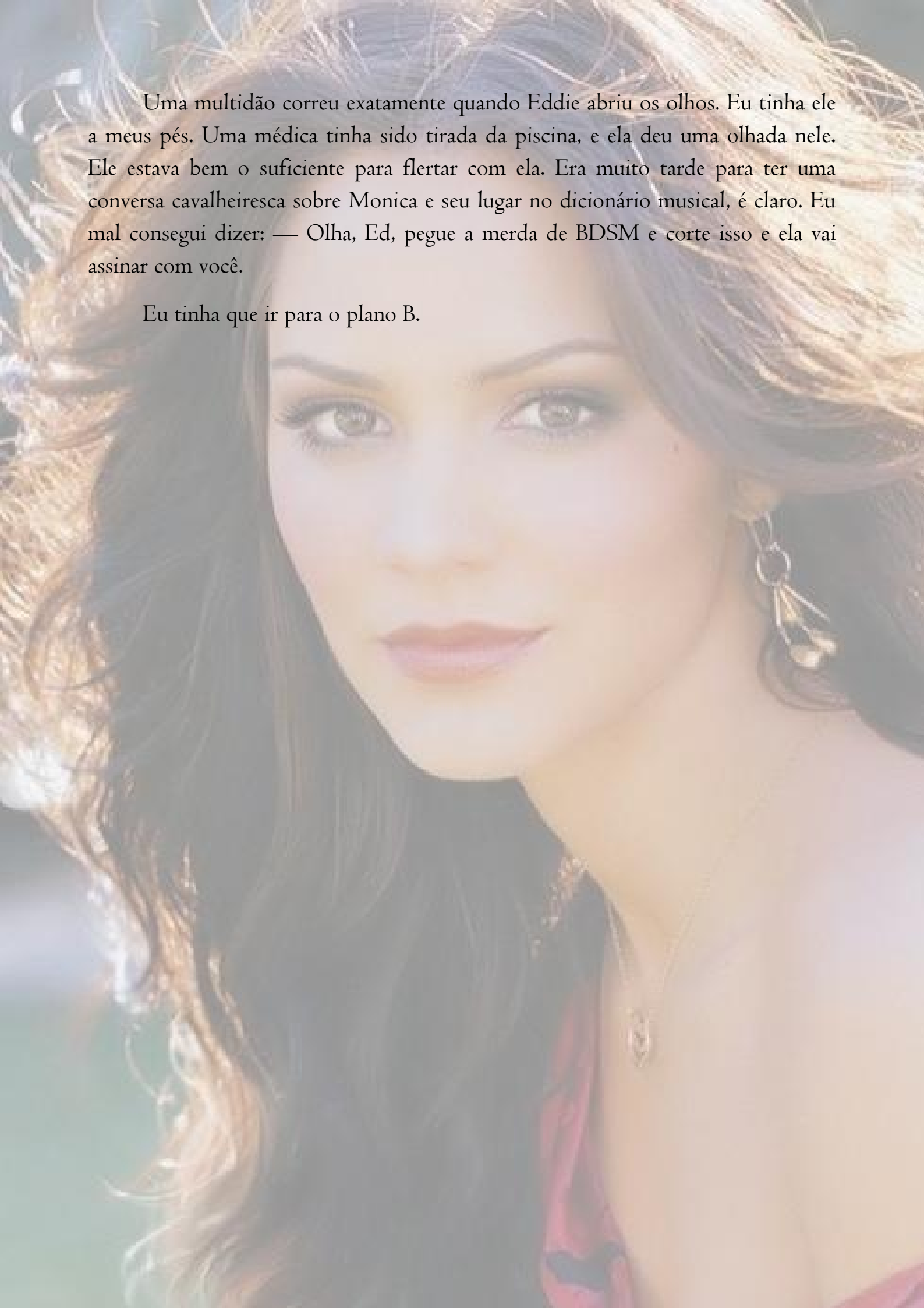
Eu joguei uma bola rápida, reta e dura. Eu enrolei o poder em meus quadris, até as minhas costas, e para o meu ombro, girando o braço como uma catapulta. A bola caiu bem onde eu queria: entre a orelha e o olho do Ed.

Ele não apenas caiu. Ele se virou com o impacto e caiu de costas.

Foda-se. Eu olhei para o relógio velocidade. 91. Isso é sobre como me senti quando que deixou meus dedos. Eu corri até Eddie e me ajoelhou ao lado dele. Ele estava inconsciente.

*Maldito, que* porra *estava em sua mente?*

Nada. Esse era o problema.



Uma multidão correu exatamente quando Eddie abriu os olhos. Eu tinha ele a meus pés. Uma médica tinha sido tirada da piscina, e ela deu uma olhada nele. Ele estava bem o suficiente para flertar com ela. Era muito tarde para ter uma conversa cavalheiresca sobre Monica e seu lugar no dicionário musical, é claro. Eu mal consegui dizer: — Olha, Ed, pegue a merda de BDSM e corte isso e ela vai assinar com você.

Eu tinha que ir para o plano B.

# Capítulo Doze

## Monica

Eu quase não respondi ao Kevin. Três dias se passaram em um calor de compositora e garçonete. Quando eu percebi que eu ia deixar o tempo passar, eu pensei que talvez eu estava fazendo a mesma coisa que eu sempre tinha feito: virar as costas para alguém até que fosse tarde demais para voltar atrás.

Kev,

Eu quero que você saiba eu te entendo, mas eu não sei como responder a isso agora.

Vejo você no avião.

Mon

Um dia antes de partir para Vancouver, eu estava no meu armário, tirando os meus sapatos de trabalho para colocar os meus sapatos de rua, quando Jonathan apareceu brilhando como uma moeda nova.

— Seu olho sarou legal.

Eu pulei. — Jesus, pare com isso. Eu pensei que você fosse me deixar sozinha até eu voltar.

Ele se inclinou sobre o banco do vestiário, cruzando os tornozelos. — Aceite o meu avião. É sério.

— Você veio aqui para me convencer a aceitar um jato particular para minha exposição de arte? Falar sobre um problema rico. — Eu bati o armário e o tranquei. Ele sorriu para mim, em seguida, por meia batida, rápido demais para qualquer um perceber, ele baixou os olhos e me bebeu. Eu me senti como se ele estivesse me acariciando com os dedos nos meus ombros, e um arrepio passou por mim.

— Ótimo, eu vou verificar para que fique pronto.

— Eu não disse que ia aceitar isso.

Eu passei por ele. Não porque eu queria fazer um gesto ameaçador, mas porque o meu desejo de estar perto dele fez o corredor muito estreito. Ele caminhou ao meu lado, como se ele pertencesse ali. Como se eu tivesse concordado com uma discussão sobre o nosso relacionamento antes da hora marcada, o que eu não tinha.

— Então, o que está mantendo você ir para Los Angeles no tráfego e ficar em um voo comercial com três outras pessoas?

— A saída dos empregados cuspe no estacionamento, que está lotado com o pessoal chegando, saindo, e cumprimentando uns aos outros com risos e conversas curtas.

Eu tinha que andar perto dele ou falar alto o suficiente para ser ouvido por todos. — Olha, eu vou ter a conversa se você acha que vai mudar alguma coisa, mas se eu começar a aceitar favores e presentes de antemão, isso será corrompido.

Eu aproximei meu Honda com a minha chave do lado de fora, mas quando eu fui para ele, ele colocou a mão no carro, cobrindo a junção entre a porta e o teto. Aquela mão estava bem ali na minha frente, com o seu cabelo cor de cobre gotejando nos dedos em forma agradável. Tudo que eu podia pensar era que correr sobre o meu corpo plano em primeiro lugar, em seguida, curvar a minha forma.

Que iria parar de segurar e agarrar as partes que encontrasse, apertando na minha pele, minhas contusões com emblemas de prazer agonizante.

Ele disse no meu ouvido, — Eu admiro a sua nobreza, mas a conversa já está manchada por algumas dezenas de orgasmos.

Ele ainda não estava me tocando, e ele puxou o rosto o suficiente para que eu tivesse que me reclinar um pouco para dentro dele para roubar um beijo. Eu ansiava pelo calor de sua respiração e seu toque. Deus, seu toque. Seu corpo estava arqueado e eu fiquei em linha reta, embora o desejo de caber dentro dele como uma colher em uma gaveta foi um impulso quase químico.

*Beije-me beije-me beije-me...*

Mas ele ainda estava de pé. — Você não quer estar em um voo com Kevin Wainwright mais do que eu quero você nele.

Eu poderia ter mencionado o e-mail de Kevin como prova de que o nosso encontro foi um mal entendido, mas eu não seria um fabricante de desculpa para um cara que não entende a palavra "não". Ele tinha acabado com um ombro sangrando e o rosto surrado pelo problema, mas esse não era o momento.

— Nós fizemos tudo errado. — eu disse. — Eu, principalmente. Então, eu não vou entrar em uma conversa com você toda questão de sexo e seu dinheiro.

Seu sorriso se espalhou, e seus olhos se fecharam um pouco. Ele abaixou a cabeça, como se ele não quisesse ver o seu divertimento, mas eu vi seus ombros agitarem um pouco com o riso.

— As coisas que você diz. — ele disse, quando ele finalmente levantou a cabeça dele.

— As coisas que você *diz*. — eu respondi. — Eu posso entrar, por favor? Eu tenho que fazer as malas.

Ele pegou sua mão para fora da porta. — Você deve usar essa coisa que você usou no show Eclipse. Eu sei que você não vai me deixar te comprar algo novo.

— Esqueça isso, Drazen.

— Os sapatos, pelo menos. — Ele deu um passo para trás duas vezes, e eu não podia deixar de dar a ele o mesmo tipo de olhar que ele tinha me dado antes. Eu o bebi dentro de seu pescoço, os ombros, o terno azul-escuro que cobria o corpo que eu imaginava. O peito pressionado contra o meu. Os braços esticados para cima de mim, segurando minhas mãos para baixo. Os quadris empurrando para mim cruelmente. Ele deu outro passo para trás, e eu senti como se eu estivesse sendo puxada para frente.

Criatura deslumbrante. Eu me perguntava, como ele disse, Deus o havia feito para mim, tanto quanto eu tinha sido feita para ele. É claro que Deus, então, maldosamente criou um mundo onde não podíamos ficar juntos sem ser marionetes da imaginação de outras pessoas.

# Capítulo Treze

## Monica

Eu estava na minha varanda, tremendo. Eu olhava apenas para as minhas chaves enquanto elas deslizaram na fechadura e só no botão quando eu girei. Meu olhar ampliou não maior do que a porta aberta. Eu odiava agir como uma criança brincando de esconde-esconde, acreditando que se eu não pudesse ver a mamãe, ela não podia me ver.

A casa já cheirava a mofo. Eu coloquei minha cabeça para baixo e caminhei para o meu quarto. Eu calei a minha visão periférica, porque eu não podia ter certeza de que não havia olhos nos cantos. Eu foquei em meus pés enquanto atravessei o meu tapete da sala. Meu chão da cozinha. O piso de madeira do corredor.

Meu quarto.

Eu joguei a mochila na minha cama.

O armário. O vestido, ainda em um saco de limpeza a seco.

Os sapatos, aglutinados no chão.

O banheiro. Minha maquiagem extravagante.

A cômoda.

A gaveta superior.

Eu só tinha a calcinha Bordelle a esquerda.

Sob um envelope pardo.

A cama.

A mochila.

Os objetos empurrados para dentro.

Sapatos. Vestidos. Roupas íntimas. Maquiagem. Envelope.

O fecho de correr.

Meus pés no chão. O tapete.

A varanda.

O porta.

A chave.

Clique.

Minha respiração.

Exalei.

# Capítulo Catorze

## Monica

Eu sequei o cabelo com a porta do banheiro aberta. Quando a porta de tela de Darren abriu, eu pulei. Ele estava em seu caminho para o Canadá com Adam, e eu não estava esperando ninguém. Eu meio que esperava que fosse Jonathan, mas sabia que não era. Espreitando para fora da sala, eu vi Darren arrastando ao pé para dentro e eu puxei um vestido fora do cesto e me vesti com ele, assim eu poderia ficar com ele rapidamente.

— O que diabos você está fazendo aqui? — Eu perguntei.

Ele deu de ombros. — Homens.

— Homens? O que isso significa?

Ele pegou uma cerveja na geladeira e abriu. — Eu quero dizer, como diabos você lida com a gente?

— Você é bonito e você tem essa parte agradável e sedutora. E daí?

— Então, correto. Adam.

— Eu já o conheço.

Ele esfregou o rótulo de sua garrafa. — Cara muito legal. Realmente.

— Realmente. Então? Por que não está no aeroporto?

— Eu meio que me apavorei com ele.

Eu me atirei no sofá e dei um tapinha no assento ao meu lado. — Vá em frente.

Ele se sentou na cadeira. De alguma forma, o sofá se tornou meu território. — Como estávamos carregando um carrinho, eu só... Eu não sei. Havia este painel de metal reflexivo na parede, e eu estava de pé ao lado dele. Eu nos vi no painel de metal. Nebuloso, mas éramos nós. Ele estava olhando para o telefone, e eu estava olhando para o painel pensando, "Oh foda. Isto é o que as outras pessoas veem. É isso que eu sou? Será que eu decidi isso? E quando?" Eu me preocupo com ele. Eu amo estar com ele, mas quando é que eu começo a me chamar de bissexual ou gay, ou... Quem sou eu, Monica?

Eu tenho muitas banalidades. Eu tive conselhos e eu não podia sequer fingir que seja apenas quem você é ou deixar que o mundo veja o que eles queriam ver. Proferir estas palavras, sem ironia ofensiva teria sido obsceno. — Eu não acho que qualquer um de nós conhecermos a nós mesmos.

Ele esfregou os lábios, um gesto que eu lembrei dos nossos primeiros dias. Darren estava tentando não chorar. Foi doloroso assistir.

— Estive tentando não me preocupar com isso. — ele disse. — Eu venho tentando descobrir que se eu cuidar das pessoas, elas pensam menos de mim ou não, e, honestamente, eu não acho que seja isso. Eu quero dizer, porra, eu sou um baterista. Eu sou sempre o pé nas costas. É só que... Eu sinto que eu nunca tive a chance de trabalhar com isso e dizer: "Tudo bem. Isto é o que eu vou ser para o mundo". Eu tenho tudo embrulhado nele, especialmente depois de Gabby. Eu sou gay sem ele? Ou, e se eu voltar a ser quem eu era? Porque eu nunca pensei sobre isso antes dele? Então agora eu estou assumindo toda essa identidade, sem nunca decidir sobre isso. Eu estou fazendo algum sentido?

— Yeah. — Minha garganta estava seca. — Será que você o deixou no aeroporto? Será que ele entrou no avião?

— Não. Ele me seguiu até o estacionamento. Eu quero dizer, o pobre rapaz estava tão perplexo. Ele está me perguntando se há alguém, ou se eu estou chateado com Gabs e que isso está causando a piração.

— A coisa sobre uma aberração fora é que você não sabe por que você está pirando — eu disse, abrindo a geladeira. — Como você se sente sobre ele?

— Eu não sei.

— Ah. — Eu abri uma cerveja para mim.

— Eu sei como me sinto em perder aquele voo.

— Como?

— Em mil e quinhentos no buraco. Voo não reembolsável. Novo bilhete de última hora. Eu tenho setecentos no banco e dois estourados do limite do cartões de crédito. Eu poderia levar o carro, mas mesmo se eu começar a dirigir agora, eu vou perder o show.

Eu engoli minha cerveja, pensei por um segundo, e disse: — Eu acho que eu tenho uma solução para que parte desse dilema.

# Capítulo Quinze

## Monica

Darren tinha tomado algo convincente. Ele estava obviamente desconfortável com o uso do dinheiro do Jonathan, mas ele precisava. Ele foi influenciado quando eu assegurei a ele que seria apenas ele e eu. Jonathan não estava vindo, e eu não iria deixar a viagem de avião mudar a minha decisão de ficar com ele ou não.

Pegamos o ônibus para o Aeroporto de Santa Monica para evitar taxas de estacionamento. Eu tinha explicado tanto a situação para Jonathan quanto eu achei apropriado. Eu deixei de fora a aberração de Darren e substitui por "ele perdeu o voo". Jonathan não parecia convencido de vencer a grande batalha do jato privado, apenas se irritado quando eu insisti em tomar o ônibus.

— É apenas um desperdício de tempo — ele disse. Eu o ouvi tocar nas teclas do computador. Multitarefa novamente.

— Eu não tenho mais nada para fazer. E eu, em um ônibus. Isso me lembra de quando eu era criança.

— Você está se preocupando em corromper essa conversa de quando você era criança?

— Minhas palmadas não foram dadas com tanta boa vontade naquela época.

Ele suspirou e o deixei ir.

Darren e eu nos sentamos com as malas entre nossos pés. Ele se levantou para dar lugar as mulheres com filhos duas vezes durante a longa viagem de 1:20hs. No momento em que chegamos em Sepulveda, a multidão havia diminuído, e ele e eu tínhamos parado nos assentos flip.

— Você disse ao Kevin que não estaria no voo? — Ele perguntou.

— Mandei uma mensagem.

— Ele me disse o seu lado da história do que aconteceu na outra noite.

Eu balancei minha cabeça. — Eu aposto que ele fez.

— Realmente, Monica, eu estava querendo dizer. Eu acho que você deveria dar a Kevin outra chance.

Eu virei para olhá-lo. — Você está falando sério? Sua mente está totalmente envenenada?

— Ele não é o mesmo.

— Não, ele está pior. Deixe-me perguntar uma coisa: Você foi o único que disse a ele sobre mim e Jonathan? Talvez você tenha mencionado os hematomas em meus pulsos?

Darren apertou os lábios e olhou para baixo. — Ele já tinha uma ideia. Geraldine Stark passou algumas noites com Drazen e voltou com algumas histórias. Para Kev, era como um relâmpago.

Geraldine porra Stark. Claro. A artista que colocou o trompe l'oeil na lateral do edifício de Kevin tinha que ter saído com Jonathan. Ela disse a Kevin, provavelmente no pós-coito, e, em seguida, Kevin foi em frente e disse sobre isso ao Darren. Juntos, eles se organizaram para nos juntar novamente.

— Me incomoda que nós trabalhamos juntos tantas horas em um esforço para fazer essa coisa, e todo o tempo, você e Kevin estavam planejando uma reconciliação que eu não quero.

— O que você quer?

— Agora? Ser deixada sozinha por qualquer pessoa com um pau. Vocês são todos os problemas. Eu quero nunca mais quero ouvir sobre o quanto Jonathan era fodido antes de eu o conhecer. Mesmo que fosse a primeira dama ou Brad Pitt, eu não quero saber.

— Por que não? — Seu tom era de confronto, como se estivesse me desafiando a lhe contar a verdade.

— Deus, você sabe que tudo sobre isso *dói*. Então pare de ser um idiota. — Eu me virei para a janela, fechando mais um argumento. Viajamos no dobro do tempo entre o dia e a noite, quando os faróis ficaram acessos e as luzes da rua passava de um frio morto para cantarolar a meia luz.

— Será que você abriu o envelope eu deixei? — Ele perguntou.

— Não, você abriu?

— Não. Ainda está na casa?

Eu me afastei da janela para retomar a nossa conversa. — Eu o deixei na sua casa.

— Nem mesmo curiosa?

— É provavelmente uma árvore genealógica.

— Então por que não abrir?

— Eu não tive tempo. — Eu podia ver, pela sua expressão, que ele não acreditou em mim. — Eu preciso falar com ele. E eu preciso que ele seja claro. Sobre nós. Nenhuma merda forasteira. Se não houver nada lá dentro, não é nada. Se é merda vier de fora, então não é realmente para eu saber disso.

Seus olhos se fixaram nos meus, e eu me senti nua. — Você o quer de volta.

— Eu não sei o que eu quero.

— Foda-se. Você o quer. — Ele balançou a cabeça de um modo que indicava nada menos do que decepção e vergonha.

— O quê? Isso é um problema para você?

— Eu deveria ter vindo dirigindo.

— Estamos de volta a essa coisa de prostituta?

— Não me bata de novo! — Ele cobriu seu rosto com as mãos. — Por favor. Minha masculinidade não poderia aceitar isso.

Apesar do fato de eu querer bater dele, ou gritar com ele, ou mesmo me desligar e ficar fria, eu ri.

Ele sorriu e disse: — Você pode me dizer, você acha que você gosta dessa coisa de ficar amarrada? Ou você está fazendo isso porque ele gosta?

A mulher do banco na nossa frente virou a cabeça um pouco, e eu lhe lancei um olhar. Ela tinha um bebê no colo e uma bolsa de cordas sobre os ombros.

— Ambos — eu disse, olhando diretamente para ela, porque fodia ela. Eu estava envergonhada e horrorizada, e isso me fez me sentir hostil. Ela se virou. — É a sua reputação que eu não gosto. E todo mundo sabendo. Isso é colorir o tipo de atenção que estou recebendo da indústria.

— Eu quero tranquilizá-lo. Eu quero te dizer que é assim que sou, e isso me é agora e para sempre, e eu estou tão feliz que eu descobri esse meu lado. Mas eu não sei. Tudo sobre ele está envolto dele mesmo. Eu não consigo imaginar deixar ninguém me tocar daquele jeito, o que não é o que você quer ouvir. Eu sei disso. Você acha que é uma coisa de química, e com certeza, é. Seria com mais alguém? Se eu conhecer o cara baunilha certo, eu seria baunilha? — Eu dei de ombros e coloquei minhas mãos para cima. — Ele poderia seguir de qualquer maneira. Eu teria que estar na situação de descobrir.

— Bem, eu gosto dele por causa do jeito que ele te trata. Mas eu não gosto, pela forma que ele te trata. E eu acho que você está perdendo Kevin. Ele te ama.

— Oh, por favor, me dê um tempo.

— Lide com isso. — Ele apertou minha mão, mas desviou o olhar. — Esta é a nossa parada. Vamos dar o fora daqui. — Ele acenou para o bebê na frente de nós. A mãe segurou a criança mais apertada.

# Capítulo Dezesseis

## Jonathan

Assim que Will confirmou que ele não poderia enviar alguém para Vancouver, eu sabia que eu iria. Eu ia dormir ainda menos do que o habitual, se eu não fizesse. Eu organizei um manifesto de revista, fiz as minhas chamadas, mala, e me encontrei com eles no avião que já estava definido para sair naquela noite.

Minha esperança era que ela pegasse o avião, eu escapasse com ela, e nós tivéssemos três horas inteiras para nos resolver e nos estabelecer. Seus temores sobre o que as outras pessoas pensavam eram bem fundamentados, mas sem sentido. Eles pensam que eles quiserem. Ela precisava saber que o que tínhamos era maior do que eles e que quaisquer dúvidas que ela tinha sobre ser despejada eram infundadas. Sexualmente, ela e eu precisávamos de limites rígidos. Nossa discussão tinha que incluir o quanto de controle ela realmente exercia quando estávamos sozinhos. Eu tinha ido longe demais com ela sem definir corretamente os limites e explicando torções para ela que não tinha nenhuma experiência com isso. Na minha alegria em cima dela, eu tinha sido irresponsável.

Eu ainda não tinha certeza de como convencê-la sem a tocar. Mas eu me senti como se ela estivesse indo embora, e eu não podia deixar isso acontecer.

Eu tinha ido através da imigração e levei a minha própria mala. A segurança era inexistente. Era o meu próprio avião, afinal de contas, e todos no aeroporto me conheciam. Eu lhes disse para não incomodarem meus dois passageiros, e brincaram sobre o meu hábito de levar as mulheres em aviões e enviá-lo de volta sem mim. Eu olhei para frente para mudar a brincadeira. A perspectiva de manter Monica era mais emocionante do que deitar com uma centena de mulheres. Eu rejeitei a oferta de uma carona para o avião. Minhas pernas resolviam, e eu não queria me anunciar tão alto.

Monica e Darren tinham chegado por meio da imigração em tempo recorde, aparentemente, e eles já estavam subindo na cabine. Eles estavam dentro e fora da minha vista antes de eu chegar as escadas. Meus pilotos, Jacques e Petra, estavam casados há sete anos e ainda se davam as mãos, enquanto esperavam por mim.

— Jacques — eu disse.

— Jon. Estamos programados para esperar por você. Dois dias — disse Jacques.

Petra aderiu a conversa — Podemos ter que voltar para uma consulta médica.

— Bem, eu acho que você vai ter que voltar e fazer uma coleta de qualquer maneira. Eu vou enviar um sms com os nomes para o manifesto quando eu os possuir. — Eu olhei para os dois. Eles pareciam nervosos. — Algo que vocês querem me dizer?

Petra sorriu.

— Não. — disse Jacques. — Vamos lá. Temos uma agenda a cumprir.

Eu entrei no avião logo atrás dos pilotos.

# Capítulo Dezessete

## Monica

O avião era provavelmente a melhor coisa que eu já tinha visto. Os pilotos tinham nos apontado para os pequenos degraus embutidos na porta que caia para baixo e para dentro de uma cabine com dez bancos de couro macios. Dois assentos se enfrentaram em torno de uma mesa de verniz brilhante. A madeira combinava com o armário de bebidas e o da cozinha, que estava mais limpa do que a minha cozinha já tinha estado.

Darren lançou-se em uma cadeira e eu sentei ao lado dele. Tínhamos trabalho para fazer. Nós tínhamos detectado uma falha no som para o show. Não era muito, mas a música era para ser alta, e um pouco de clique em uma das quarenta e algumas faixas arruinaria seriamente a experiência. Eu libertei meu telefone e fones de ouvido para começar.

Eu senti o cheiro do Jonathan. Então eu o vi em pé sobre a mesa. Eu me senti como uma garota pega comendo seu almoço antes da campainha.

— Eu tinha a sensação de que você ia aparecer. — disse Darren.

Jonathan escorregou em frente a nós. — E você não me trouxe flores, chocolates ou qualquer coisa?

Ele deslizou em direção à janela, observando Darren quando ele disse — Eu não quero que você tenha ideia errada.

— Ou Monica fique com a ideia errada. — Jonathan olhou para mim com aquele sorriso irresistível. Era bom ele estar sorrindo e bom que Darren lembrava que parte dele gostava do cara, mas eu tinha um misto de sentimentos.

— Esta é a segunda vez que você aparece onde não deveria estar. — eu disse.

— É o meu avião.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Eu sei. Eu estou indo para a inauguração e exibição na noite anterior porque eu amo arte e porque eu faço parte do comitê financeiro do B.C. Modern. Agora. Eu tenho trabalho a fazer. — Ele colocou o laptop sobre a mesa e olhou para cada um de nós com expectativa. Apesar dos seis outros bancos, a mesa era a única superfície conveniente para laptop. Bastardo.

Darren seguiu o exemplo, abrindo seu Mac em um flash. Ele olhou entre eu e Jonathan, como se um de nós de repente estivesse irradiando calor.

— Eu preciso verificar os loops — Darren disse a mim, todo profissional. — Houve um estalar estranho. Então eu estou misturando-os novamente. — Ele me entregou os fones de ouvido desajeitados que ele trouxe e olhou para Jonathan. — Ela tem um ouvido perfeito.

— De fato.

Eu coloquei os fones de ouvido e assisti a tela do computador de Darren, para ouvir uma falha que pode ser parte do hardware ou um minúsculo pontinho na faixa trinta e dois ou quarenta.

O avião decolou. A pequena coisa me deixou frágil e insegura muito rápido. Meu estômago caiu entre meus pés, mas eu tentei manter uma cara séria, mesmo quando eu agarrei o antebraço de Darren. Tivemos que começar o ciclo novamente quando o laptop deslizou sobre a mesa. Não havia ninguém para nos dizer para colocar nossas coisas fora, e isso não parece ser um requisito de qualquer maneira. Jonathan pretendia trabalhar, mas eu sabia que ele estava me observando.

Meus olhos ficaram colados na tela do Darren até que o avião nivelou e eu consegui engolir novamente. Eu tinha ouvido a música para a peça do B.C.

Modern uma centena de vezes, mas em poucos minutos, eu estava ouvindo com todo o meu cérebro por um clique que podia ou não estar lá. Eu assisti o ondulado fluxo de linhas em toda a tela como batimentos cardíacos até que meu telefone tocou e iluminou. Um sms. Do cara sentado na minha frente.

- Está muito quente aqui? Ou é você que está apenas muito linda?

-

Ele estava olhando para mim sobre a tela de seu computador, os lábios se curvaram em um sorriso.

- Isso é tão anti poético. Mesmo para você -

- Devo te comparar a um dia de verão? -

- Em Los Angeles? Eca. Existe um chuveiro nesta lata? -

Ele se inclinou para trás, com um sorriso rastejando em seu rosto. Ele ignorou seu computador em favor do telefone. O frio, azul eletrônico iluminou seu rosto enquanto a suave luz de cima aquecia sua sobrancelha e cabelo.

— Mon? — Eu mal ouvi Darren através dos meus fones de ouvido. — Você ouviu o clique?

— Uh, não. Você pode executar o loop de novo?

- Eu sinto suas mãos no telefone -

Meu coração pulou uma batida. Ou parou. Ou será que a coisa que eu senti era sua presença no meu peito.

- Como, exatamente? -

- Como se estivessem no meu corpo -

- Temos uma regra de não tocar em vigor -

- Só até que você se comprometa a mim -

Eu sabia que isso ia acontecer, e eu queria, perigoso como era.

– E se eu não me comprometer? –

– Você vai –

– Então o quê? –

– Então vou pegar essas mãozinhas delicadas e amarrá-las em seus joelhos –

– Nem beijar primeiro? –

– Não –

– Nem mesmo no seu pau? –

Ele franziu os lábios e olhou para mim. Suas mãos deslizavam sobre o copo. Foda-se, ele não ia tomar o controle da conversa. Eu coloquei meus cotovelos sobre a mesa, inclinando-me sobre ela em direção a ele.

– E se eu me rastejar aos seus pés, me ajoelhar na sua frente, olhando em seus olhos enquanto você pega esse pedaço de carne suculento entre as suas pernas –

Ele olhou para Darren, que estava sentado no escuro, com os olhos colados na tela do computador desconhecendo nossos *apitos* e *toques*. Em seguida, Jonathan se inclinou para frente, espelhando a minha posição sobre a mesa, quando ele mandou uma mensagem.

– Quando eu terminar de amarrar suas mãos, eu vou te curvar e pressionar sua bochecha contra o colchão. Em seguida, amarrar seus tornozelos ao pé da cama, segurando-as e as espalhando para mim, mantendo você lá –

– E se eu beijar a ponta do seu pau? E você me pegar na parte de trás da minha cabeça enquanto você o esfrega ao longo de meus lábios fechados, e então eu os abro –

Nossos braços repousavam sobre a mesa, de lado, sem nos tocar, enquanto observávamos um ao outro e as nossas pequenos telas brilhavam. Nossos telefones apitavam e tocavam e tocou tão rápidos, quanto feijão em saltos eletrônicos.

– Eu vou colocar o meu polegar em seu clitóris, em seguida, movê-lo até seu cu até que ele esteja molhado –

– Em um movimento, você coloca todo o seu pau na minha garganta abaixo –

– Eu vou firmar meu polegar molhado em seu cu até que ele se renda para mim –

– Eu aliso minha língua na sua base quando você o retirar da minha boca –

– Meu polegar vai entrar e você vai gemer e tencionar contra suas pregas –

– Eu olho para você e abro a boca para você me foder mais uma vez –

– Eu vou ajoelhar e lamber sua buceta até que você implore para eu te foder –

– Você vai apertar o controle sobre meu cabelo na parte de trás da minha cabeça –

– Eu não vou –

– E pressionar o pau em mim até a minha língua tocar suas bolas –

– Eu vou bater em você até que você não possa fazer mais do que gemer –

– Cruelmente, você fode minha boca e eu adoro isso, porque lhe agrada –

- Quando você menos esperar eu entro em você e te fodo. Duro. Duas estocadas, em seguida, puxar e te esfregar toda com meu pau todo molhado -

- Saliva escorre pelo meu queixo e no meu peito -

- Sua bunda vai estar fresca e úmida, e pronta para eu deslizar nela. Você vai gritar -

- Oh -

- Então você vai gemer -

— Eu ouvi. — eu disse, tirando meus fones de ouvido. — O clique.

— Eu também — disse Darren. — Ok, tudo que eu tenho que fazer é...

— Deslize mais, eu tenho que sair. — Eu esbarrei nele, e quando ele não se moveu rápido o suficiente, porque ele estava enrolado ao redor do equipamento, eu estava em pé na parte de trás de seu assento e passando por cima dele.

O banheiro era provavelmente melhor do que qualquer coisa que eu já tinha visto, e eu não me importei. Eu não tinha que fazer xixi. Eu bati a porta e Jonathan estava bem atrás de mim, fechando-a atrás de nós. Eu coloquei meus braços ao redor dele.

— Por trás, de costas. — ele rosnou e apertou minhas mãos atrás de mim. Minhas costas estavam contra algum tipo de contador, eu senti mais do que vi os armários, um banheiro, à minha esquerda, e um piso de cerâmica. Principalmente, eu vi Jonathan. Suas mãos estavam nos armários, o rosto a um centímetro do meu.

— Toque-me, Jonathan. Por favor.

— Comprometa-se a mim.

— Oh, Deus. Não...

— Comprometa. A si mesma. A. Mim. — Ele disse suavemente e com firmeza, metade sussurro, meio grito.

— Eu sou sua. Toque-me.

— Você não sabe o que está prometendo.

— Sim, eu...

— Eu não posso vê-la ir embora novamente. Se você se comprometer, você é minha. Você irá definir seus limites, e eu vou honrá-los. Você será exclusiva para mim. Você vai submeter-se a mim sexualmente. Completamente.

— Sim.

— As pessoas vão saber.

Eu pensei que eu teria concordado em fazer qualquer coisa por ele, mas ele me parou imóvel na minha faixa. — Por que não podemos ser discreto?

— Eu quero tudo. Eu quero ter você completamente. Eu quero que nós fiquemos amarrados, sem nos preocupar com quem nos vê, e eu não quero que os homens olhem para você como se você fosse solteira.

— Tudo bem, então o Carnival vai me colocar no palco em uma coleira.

Ele levantou uma sobrancelha como se ele descobrisse que o interessante, não era repulsivo. — Você deixou isso fora de sua lista.

— O colar é figura simbólica. Se todo mundo já sabe, eu poderia muito bem deixá-los pensar do seu modo e colocar um em mim. Mas não vai ser o seu colar, vai ser o deles.

— Diga a eles que não é aceitável.

— Eu não estou em posição de negociar.

Ele dobrou os joelhos um pouco para obter o seu nível de seu rosto com o meu. — Você não sabe o poder que tem.

Minhas mãos ainda estavam nas minhas costas, mas meus ombros caíram. Eu estava desconfortavelmente excitada, e embora eu estivesse feliz que minha buceta lembrou carinhosamente do sexo o suficiente para umedecer, o doce desejo físico era uma oposição ao fedor de merda do meu coração. — Eu só quero que seja segredo por um tempo.

— Sem segredos.

— Oh, você sabe o quê? Sr. Sem-Segredos-Senhor. Senhor Sua-Honestidade-é-bonita. Conte-me sobre quando você tinha dezesseis anos. Em Westonwood Acres?

Se eu tivesse realizado qualquer esperança dele colocar as mãos em mim, eu frustrei as minhas chances muito claramente. Ele tirou as mãos dos armários e encostou-se na parede oposta. Eu fiquei vermelha.

— Foi Gabby — eu disse. — Você não sabia do seu negócio. Ela queria saber tudo sobre todo mundo que ela pensava que podia ajudá-la. As pessoas com dinheiro ou conexões ou ambos. Westonwood Acres chegou às minhas mãos no dia de seu funeral.

— Esses registros estavam selados.

— Tudo foi apagado, exceto a instituição, seu nome e a data.

Ele examinou meu rosto, seus olhos passando rapidamente para trás e para frente, então os lançou para baixo. — Eu tomei um punhado de pílulas. O Adderal[5] era meu. O Oxycontin[6] e os demais eram da minha mãe. Eu nem me lembro de todos eles.

— Por quê? — Eu pego a mão dele, mas ele puxou-a para trás, ainda obedecendo as regras. Maldito.

— Não eu tenho que falar sobre isso no banheiro de um Gulfstream[7]?

— Comprometa-se, Jonathan.

— Tem certeza que você nunca considerou fazer faculdade de direito?

Eu poderia ter contado uma anedota, negado, ou mesmo exigido uma resposta, mas ele estava protelando. Eu não iria dar-lhe algo para responder com outro esquivo. Eu cruzei os braços.

---

[5] Medicamento indicado para o tratamento de transtornos psicológicos.

[6] Analgésico narcótico semelhante à morfina.

[7] Modelo de jatos particulares.

Como se entendendo o gesto, a sua boca se curvou em um sorriso melancólico. — Agora você sabe por que eu corri para você quando sua amiga se matou.

— Eu pensei que era porque você se importava comigo.

— Isso também. Acredite em mim, isso também.

— O que foi tão ruim que você tentou tirar sua própria vida?

Ele balançou a cabeça e deslizou para baixo da parede até que seus pés estavam entalados contra o balcão oposto. Ele colocou as mãos nos bolsos. — Lembra-se de Rachel?

— Eu nunca vou esquecer essa história. — Eu deslizei para baixo, bem como, me inclinando meus pés na parede oposta, um espelho de sua postura.

— Não foi apenas uma vez, ela e eu — ele disse. — Foi uma coisa. Eu estava apaixonado, e ela estava fodida. Foi intenso. Abrangente. Meu pai não estava em cena, em seguida, nós escapamos ao redor. Difícil de fazer quando você tem quinze anos, mas com dinheiro suficiente torna mais fácil. Eu tinha a minha licença e um carro, logo que legalmente possível. — Ele sorriu como se algo incomodasse sua memória, mas algo agradável inundou sua mente. Então ele sacudiu a cabeça. — De qualquer forma, motorista bêbado. Perda de sentido. Devastação. Uma família que eu não poderia me apoiar ou eles saberiam a verdade. Etc, etc.

— Eu não acho que você deve colocar "etc" em nada disso.

Seu riso era curto e sem humor. — Não. Eu não deveria. — Ele enfiou os polegares nos bolsos. — Eu tenho uma família grande. Eu sei, éramos grudados, então não é como se todos nós vivêssemos em um apartamento de um quarto, mas alguém estava sempre por perto. Não foi até que ela morreu que eu percebi que mesmo que eu estivesse cercado por sete irmãs e dois pais e todos os amigos, e eu ainda estava sozinho. Muito, muito sozinho. Meu pai disse, "Oh, meu filho, a propósito, eu tomei cuidado com sua família, então não se preocupe". — Como se isso fosse tudo que faria para ele. Ou não. Talvez ele estivesse ferido e não queria me mostrar, porque ele estava em negação? Ou ela realmente não significava nada para ele, me revoltei, porque eu sabia que era verdade.

— Seu pai parece um cara encantador.

— Você não tem ideia de quão encantador ele é. — Ele olhou para seus pés, em seguida, continuou. — Eu senti como eu viesse da merda, e era onde eu estava. Rachel, aquela que valeu a pena, entendeu a dinâmica. Ela me fez sentir menos isolado. E quando ela morreu, eu me senti inútil e sozinho. Um punhado de pílulas parecia ser a melhor maneira de cuidar dela.

Nós assistimos um ao outro por um segundo antes de eu disse: — Eu quero te abraçar.

— Comprometa-se a mim.

— Sim.

— Você vai ficar bem com as pessoas olhando para você, sabendo que você é submissa a mim?

Eu engoli. Eu não estava pronta. Eu acho que eu nunca estaria.

— Do seu rosto, eu posso ver que isso é um não. — ele disse.

Um zumbido veio dos alto-falantes, chocando-me em linha reta e alerta. A voz de Jacques veio logo depois.

— Senhor Drazen e passageiros. Por favor, apertem os cintos. Estamos aterrissando em poucos minutos.

Jonathan abriu a porta e me deixou sair primeiro. Ele apertou-se ao batente da porta quando eu passei por isso nossos corpos não se tocaram.

# Capítulo Dezoito

## Monica

Subimos na limusine, exaustos. A noite em Vancouver parecia muito com a noite em qualquer outro lugar. Embora eu estivesse animada para estar fora dos EUA pela segunda vez na minha vida, o meu corpo, a minha mente e o meu coração tinham passado por muita coisa nas últimas seis horas.

— Estamos no Travel Lodge — Darren disse. — Eu suponho que você não vai ficar lá.

— Nem você. — disse Jonathan.

— Jonathan. — eu resmunguei.

— Eu tenho um hotel praticamente em cima do museu. Não seja estúpido. Ficar em Richmond vai ser perda de tempo e dinheiro. Quartos separados, caso você esteja interessado.

— Eu não estou. — eu disse.

— Obrigado. Isso vai ser ótimo. — disse Darren.

Eu queria chutá-lo. Por que era certo ele aceitar um quarto de hotel caro, mas sempre que eu aceitava um presente, eu estava me prostituindo? Eu tentei dar-lhe um olhar, mas ele só mexia com o seu telefone. Então, ele sorriu um pouco e

olhou para mim. Então eu percebi que em sua mente que, aceitando isso por mim, ele estava me salvando de ter que fazer isso. Assim, eu não era prostituta.

Homens.

— As caixas chegaram esta tarde. — ele disse.

— Você já ouviu falar do Kev? — Eu presumi que ele não foi convidado para o Hotel Fancypants, e ele precisa saber onde estávamos.

— Não.

— Eu vou arranjar que enviem comida até seus quartos, e um despertador — disse Jonathan. — Quanto, antes da hora, você pode conseguiu arrumar?

— Sete — eu disse. — Isso tem que ser feito a tempo da pré-visualização as quatro.

— É apertado — disse Darren.

— E nós temos experiência zero de fazer esse tipo de coisa, então Kevin precisa de um despertador também. — Eu chutei Darren. — Isso é com você.

Eu notei o silêncio de Jonathan, mas eu não olhei para cima. Eu não queria ver a reação dele.

O Hotel C parecia com todos hotéis de Jonathan, um edifício elegante e moderno, ninguém confundiria com uma casa. Na entrada da frente havia uma fonte de mármore, e todo o hotel parecia ser feito de vidro e aço. O staff desceu sobre nós imediatamente com o Sr. Drazen isso e Senhora e Sir isso. Darren ficou do lado de fora para gerenciar a descarga do equipamento. Chegamos até a porta e entramos no hall de entrada feito em preto e marrom e as superfícies de madeira fosca, com assoalho de cimento e teto estilo armazém. Uma mulher com cabelos castanhos em um toque francês e uma saia de couro preta, entregou a Jonathan uma prancheta. Ela parecia encantadora, apesar do fato de que já se passava das 10:00 horas da noite.

— Senhor Drazen, feliz por vê-lo de volta.

— Obrigado, Marsha. Você pode chamar Kristin para as reuniões de amanhã, por favor? Houve algumas mudanças.

— É claro.

— Devemos fazer check-in? — Eu perguntei a Jonathan, que foi assinar um monte de papéis.

— Já está feito.

— Deve ser bom.

— Eu permiti isso — ele disse enquanto entregava a prancheta de volta para Marsha, com um sorriso. — Aqui está. Onde está o Darren?

— Tentando processar o evento lá fora. Sua vida é nesses computadores.

— Você e eu tomaremos uma bebida antes de dormir?

Bebida. Eu concordaria com qualquer coisa depois de uma bebida. Eu imploraria por qualquer coisa, até mesmo sem limite, mas ele me nega a fazer o ponto. — Estou exausta.

— Vamos lá, então. Marsha irá resolver as coisas com Darren.

Eu olhei para o meu amigo e o encontrei conversando fervorosamente com Marsha enquanto indicava o equipamento. Meu palpite era que ele queria levar tudo lá para cima e dormir em cima disto, e ela queria colocá-lo com segurança no hotel. Esse argumento poderia continuar indefinidamente.

Um homem apareceu atrás de Jonathan. — Senhor Drazen?

— Anthony.

— Eu posso te ajudar com alguma coisa? Levá-lo até seu quarto? Conseguir uma mesa no bar?

Jonathan se virou para mim e perguntou: — Você precisa de alguma coisa para comer?

Eu não respondi de imediato. Eu não sei o que a minha expressão disse, mas algo provocou Jonathan para voltar para Anthony e dizer: — Nós vamos deixar você saber.

— Muito bem, senhor. — Ele girou sobre os calcanhares e se afastou.

— O que foi isso, Monica?

— Eu tenho um problema.

— Diga o que é.

— Eu sei que eu estou cansada e com fome, e eu tenho muito o que fazer amanhã. Mas eu não posso jogar este jogo com você. Eu não sou boa nisso. Eu quero você. Eu quero ficar nua com você agora. O fato de que eu estou tão perto de você e eu posso sentir seu cheiro, senti-lo, ouvi-lo... Porra, eu estou ficando louca.

— É totalmente recíproco.

— Você não parece que está enlouquecendo.

— Autocontrole. Isso é tudo o que é.

— Eu não posso sentar em uma mesa com você. Eu mal consegui através da viagem de avião. As últimas semanas têm sido mortas para mim. Meu corpo desligou. Então você veio. Eu quero desligar de novo, porque eu vou concordar com tudo agora.

Ele se inclinou para mim, e não me tocando e ficando com as mãos nos bolsos. — Eu só vou deixar você se comprometer para mim se você disser isso. Eu não vou deixar você cometer um erro, porque eu não vou tolerar você indo embora de novo.

Eu me inclinei um pouco em direção a ele. Eu senti o calor de sua respiração, e sua jaqueta aberta roçando o meu ombro. — Na primeira vez que nos encontramos, em seu escritório, eu te ameacei com uma ação judicial.

— Você me chocou.

— Você me deu o cartão de Sam. Eu rocei seu dedo com os meus.

— Sim.

— Eu desejo que eu não tivesse feito isso. — eu disse. — Eu desejo que eu simplesmente tivesse saído.

— Já era tarde demais antes disso.

— Eu preciso ir para o meu quarto sozinha. E eu preciso não saber onde você está.

Ele sorriu. — Eu estou ao seu lado.

— Eu apenas lhe disse para não me contar.

Ele riu e deu de ombros.

Darren veio até nós, um manobrista rolando o hardcase atrás dele.

— Eu tenho algumas coisas para fazer aqui — disse Jonathan. — Eu vou ter Anthony mostrando seus quartos.

Com isso, ele se afastou para atender Marsha com o contador.

— Cara boa pinta, admito. — disse Darren enquanto víamos Jonathan passar por todo andar, como se fosse o dono da articulação. — E nem metade idiota.

— Mas e o Kevin é melhor?

Darren deu de ombros. — Kevin é meu amigo neste momento. E você também. Então, para mim, parece natural.

— Não para mim.

— Eu estou percebendo isso.

# Capítulo Dezenove

## Monica

O quarto não era um quarto. Era uma das duas suítes do último andar. Eu vi a linha do horizonte através das janelas do chão ao teto em todas as direções. A decoração combinava com o do lobby; preto fosco e madeiras escuras com textura de grãos manchadas por contraste. Eu atravessei os cantos e a extensões de área da sala até o quarto, a cada passo mais uma prova de que eu estava sozinha. O sofá de couro preto era muito grande. Com capacidade para seis. Espaço no armário para uma família ou um varal de roupa.

Algo estava faltando. Depois da segunda vez eu passeei em volta de todo o quarto, eu percebi que eu não me sentia como se eu estivesse sendo vigiada. Eu não tinha percebido que o sentimento que tinha ficado comigo quando eu tranquei a porta atrás de mim, mas a sua ausência, eu compreendi que tinha.

Eu tentei ligar para Kevin e não obtive nenhuma resposta. Nós estávamos em roaming internacional. Ele provavelmente desligou o telefone. Nós precisávamos dele. Ele nos levou para dinamizar o processo criativo, mas os aspectos práticos de uma instalação estavam além de mim. Se ele se segurou por muito tempo, Darren e eu estaríamos em um mundo de merda.

Eu tirei minha jaqueta, e a manga ficou do lado avesso. A costura da etiqueta tinha rasgada há séculos, mas os fios soltos das bordas eram invisíveis quando eu usava, então eu mantinha a coisa, prometendo corrigi-lo algum dia. Eram os nossos

relacionamentos como as jaquetas que vestíamos? Cada um era, uma coisa condensada e digestível do lado de fora com uma ferida aberta no lado de dentro. Então, quando nós removemos nós mesmos, eles se deslocam, como a manga da jaqueta, e expõe suas matérias, lugares quebrados que nunca tenho tempo de corrigir.

Eu olhei para a jaqueta por um pouco mais de tempo. Eu estava tão fodidamente excitada e rosa, que era doloroso. Jonathan estava certo. Nós poderíamos foder as nós mesmos azul e ficarmos deprimidos, mas só até que descobríssemos como ficar juntos, só estávamos usando os corpos uns dos outros para sacrifício mútuo.

Seu quarto estava provavelmente atrás da porta de madeira grossa com a grande fechadura. Ele ficava ao lado da cristaleira vazia que provavelmente seria preenchida se eu chamasse o serviço de quarto e anunciasse que estava me divertindo Se Jonathan não estivesse em seu quarto já, ele estaria em breve. Ele tinha que aparecer para dormir. Eu toquei a porta, tentando senti-lo do outro lado. Eu coloquei meu rosto contra ela. Como eu queria. Se ele não estava carregando a bagagem da garota Bondage, os olhares, os comentários inteligentes, o giro autodestrutivo do meu próprio cérebro.

E se eu o rejeitasse completamente, de novo? Como um vício, a dor corporal precisava ser quebrada primeiro, depois o hábito. Se eu fizesse isso por meio desta viagem, eu poderia chegar em casa pronta para assumir algo novo. Talvez ir a um encontro? Talvez encontrar alguém legal? Como qualquer viciado, eu não podia ver um mundo fora da droga. Mas eu sabia que não era uma delas.

Eu me afastei da porta e me preparei para dormir em uma neblina. Eu tirei o vestido e separei minha roupa de trabalho para o dia seguinte. Eu tinha feito tudo certo. Minha voz era um instrumento para a peça. Eu tinha gravado de forma limpa e feito um bom trabalho. Eu só precisava terminar o trabalho. Amanhã. Eu tive que focar nisso.

Eu fui para a cama nua, sentindo os lençóis frescos do hotel, roçarem em minha pele, e logo Jonathan estava de volta na minha mente. Droga. Colocando as suas mãos em mim. Acariciando minhas costas, minha bunda, minhas coxas. Ele segurava meus seios, acariciando-os, em seguida, apertava e torcia os mamilos até

que o prazer se transformou em uma bala aguda de dor. Minha mão seguiu o caminho da minha mente criada por ele, e eu olhei para a frente para minha liberação e descansar. Arqueando as costas para o calor e imaginado ele, eu abro minhas pernas, dando os meus dedos um lugar para pousar. Eu os escorreguei entre minhas pregas, fingindo que eram os dedos dele, imitando a ternura que ele mostrava imediatamente antes da aspereza assumir.

Eu rolei sobre o meu estômago e coloquei os dedos sobre meu clitóris. Eu não estava pronta. Como pode ser isso? Eu não poderia ir para a cama frustrada. Eu não seria capaz de dormir. Minha mente precisava falar algum sentido para o meu corpo, mas, aparentemente, ela não estava em condições de falar. Eu coloquei minha bunda para cima e senti um pouco de formigamento que pode ter sido alguma coisa ou nada, mas sem me tocar. Eu apenas me imaginei no lugar dele pronta, esperando, sem saber o que ele faria em seguida. Mas era muito confortável.

Eu escorreguei até o chão.

O tapete era de lã cinza, áspero ao toque. Ela cavou em meus joelhos e as palmas das mãos enquanto eu rastejava, nua, na sala de estar. Meus braços e pernas mantiveram um ritmo a meio tempo, cabeça baixa em submissão a alguém que não estava na sala. Tudo era mais alto. Eu era menor do que a mesa, o sofá, as cadeiras. A reação do meu corpo foi quase imediata. Fluidos coletados entre minhas pernas, lubrificando-as uma contra a outra.

O que uma criatura repulsiva como eu era incapaz de encontrar a excitação sem me rastejar no chão. Até a minha auto aversão virou-me tão intensamente que eu tive que parar de rastejar por um segundo e tremer com o poder dele.

Eu estava sozinha. Eu estava segura. Ninguém estava olhando. Eu podia me permitir sentir isso, fazer isso, no entanto eu o queria. Eu cheguei à porta da minha suíte para a dele. Em minhas mãos e joelhos, eu coloquei meus lábios para ele, pensando em seu nome repetidas vezes, saboreando o sabor plano de madeira e verniz, encontrando seu cheiro de serragem dentro dela.

Dúvidas vieram, mas eu os lavei no conhecimento de que ninguém tinha que saber. Apenas uma porta trancada mantinha a companhia da minha submissão. Minha abdicação sexual. A renúncia de responsabilidade e controle.

Quando eu mudei meus lábios da porta, eu me vi na janela, um reflexo translúcido de um eu solitário, mulher nua rastejando até a porta de seu mestre. Eu caí no tapete, coloquei meu rosto na lã áspera, e vi meu reflexo quando eu me virei de costas para a porta, erguendo minha bunda para cima, e deslizando as mãos entre os meus tornozelos.

Eu estava pronta para ele, mas ele não estava vindo.

Eu espalho os meus joelhos e deslizo a mão dos meus tornozelos por entre as minhas pernas. Eu engasguei, então, como eu empurrado através da espessa camada de maciez, para traçar em mim mesma, eu gemi.

— Jonathan — eu sussurrei tão baixinho que eu quase não me ouvi — meu rei.

Conhecendo-o, sabendo como ele jogava e como ele fodia, eu me toquei, sempre muito gentil, ao redor da abertura, sobre a ponta do clitóris. Eu coloquei meus dedos na ponta e apertei meus quadris para ele um pouco, em seguida, de volta, a antecipação e a fome em cada movimento. Dois lados de mim guerrearam. O lado que queria apenas esfregar o orgasmo para fora de mim mesma, e o lado que queria estar lá com o meu rosto para o chão ordenhando, para cada segundo de prazer. Eu queria ordenhar para ganhar. Então, eu acariciava o meu clitóris com um único dedo três vezes e, em seguida, uma vez duro, depois três vezes levemente, em seguida, enfiei dois dedos em minha buceta de imersão.

Repita.

Eu ouvi sons no outro lado da porta. Pé arrastando. A luz acesa. Abertura da gaveta. Uma voz que fala uma língua estrangeira, como se fosse no telefone.

Bem ali. Ele estava bem ali, do outro lado da porta.

Eu pressionei meu dedo contra o meu clitóris e o puxei para baixo, com força. Doeu um pouco, em seguida, explodi em um prazer tão profundo que eu tinha de levantar a minha bochecha do chão. Eu esfreguei novamente. Eu pulei

quatro estágios de desejo direto ao orgasmo. Minhas coxas aqueceram. Minhas pregas estremeciam enquanto eu me tocava, e minhas costas se endireitaram. Minha cara saiu do chão, e eu me ajoelhei, pernas abertas, com os dedos entre as minhas pernas e esfregando em um círculo. A bola de calor enrolada apertada em torno de si na minha pélvis. Eu agachei, pressionando a palma da minha mão contra o meu clitóris, e depois arqueei as costas. Eu desenhei meu pulso, então meu antebraço, ao longo da minha fenda molhada até meus dedos chegarem a minha parte inferior das costas. Continuei, sentindo a única pressão que quebrou a bobina de prazer, e quando eu endireitei, trazendo o antebraço, punho e mão para trás sobre o meu clitóris, eu exalei em um gemido abafado. Eu fiz isso de novo até que minha testa estava no chão, e eu puxei de volta, meu antebraço agora um instrumento liso. Minha bunda e buceta apertando repetidamente enquanto eu tentava não gritar alto o suficiente para ser ouvida pelo rei, do outro lado da porta.

# Capítulo vinte

## Jonathan

Às vezes, conversar com as pessoas na Ásia era o suficiente para me fazer querer ferir fisicamente a mim ou aos outros. Eu não deveria ter deixado aquela frase entrar na minha mente depois do que eu tinha revelado a Monica no banheiro do Gulfstream.

*Luz do sol e pirulitos.* Eu achei essas palavras tão difíceis que eu quase disse a eles em coreano conforme eu explicava ao meu vice-presidente de operações que a aparência do Hotel M em Seul era exatamente a mesmo que os de Los Angeles, Vancouver, Nova York e Chicago. O espírito da coisa era o que importava. Ficando exatamente com o mesmo designer para Seul quanto tínhamos em Nova York era menos importante do que ter o mesmo *tipo* de designer.

Eu desliguei, em seguida, olhei para um calendário como se eu pudesse negar a verdade.

Eu tinha que ir para a Ásia amanhã à tarde, o mais tardar.

Foda-se.

Eu a desejava tanto, que levou toda a minha concentração para não tomá-la muito em breve. Eu não podia perder o foco. Muita coisa estava acontecendo. Mas lá estava eu, esperando Jacques na linha para dizer para Aling Mira para fazer a

minha mala. Eu não tinha escolha. Colocar os negócios em primeiro lugar era um hábito eu não poderia quebrar.

Isso eram duas semanas, exatamente fora de casa. Duas semanas fora de LA. Fora de sua esfera. Eu não queria ir embora. Eu estava tão perto dela. Tão perto de conseguir seu compromisso, seu coração, sua promessa, então alguma merda através do oceano ameaçava explodir em uma tempestade de merda de laca vermelha em estilhaçada. Eu deixei meu laptop e telefone em cima da mesa. Meu casaco jogado por cima da cadeira. Tinha arrancado a minha gravata como se tivesse me enforcando pessoalmente. Calçados, chutados. Abotoaduras, atiradas.

Eu não tinha a intenção de contar a ela sobre a tentativa de suicídio. Eu não gostava de falar sobre isso, e eu não gostei dela saber, mas os minutos no banheiro entre a decisão de contar a ela e realmente contar, foram mais íntimo do que qualquer coisa que tínhamos experimentado. Ela tirou minha pele e viu o meu isolamento interior. Ela não podia se afastar de mim agora. Não podia.

A porta entre as nossas suítes abriam com um cartão de acesso, e eu o tinha. Isso era meu, afinal de contas. A madeira ficava quente ao suave toque. Seca. As molduras eram curvadas pelo trabalho da pintura mais perfeita que o dinheiro poderia comprar. Correndo o dedo ao longo da fresta, eu senti o pouco do ar que escoava através do compartilhamento entre nós. Estávamos conjugados pelas moléculas, os aromas aumentavam a temperatura, a partir de seus pulmões para o meu e vice-versa.

Eu tirei minha camisa na sala de jantar. Eu não queria olhar para a cama vazia, e eu queria estar perto da porta por razões que não têm palavras na minha mente que pudesse definir. Eu não queria perder o ar, ou algo igualmente absurdo e impossível de aceitar.

Vestindo nada, apenas minha cueca em uma sala de jantar do hotel, ao lado de uma vazia cristaleira, eu coloquei as minhas duas mãos sobre a porta, acariciando para baixo. Eu não sabia o que estava por vir em cima de mim, mas a porta se tornou seu corpo, e eu queria tocá-la. Eu precisava.

Em seguida, através da porta, eu a ouvi. Sua voz. Cantando.

# Capítulo Vinte e Um

## Monica

Meu braço estava coberto de fluido de sexo, e eu fedia a voo e fast food. Depois de desmaiar no chão do hotel, envergonhada, eufórica, e sexualmente satisfeita até que Jonathan trabalhasse seu caminho para a minha esfera de novo, eu precisava de um banho.

O banheiro era preto com luminárias brancas, e eu estava sozinha. Os quatro chuveiros eram poderosos, e a água estava escaldante. As paredes de vidro do box era foscas e ele era tão grande como um closet. Eu me lavei com o sabão perfumado do hotel, e enquanto eu me lavava, eu comecei a cantar uma música que eu tinha começado no dia anterior em um calor do entorpecimento. Eu memorizei as palavras mesmo enquanto as escrevia. Enquanto me inclinava nos ladrilhos, eu trabalhava a rima o tempo todo. Eu a sentia na ponta da língua, e estava me fugindo desde ontem.

*Eu estou com medo o tempo todo*

*E eu preciso o tempo todo*

*Eu estou com medo o tempo todo*

*E eu preciso o tempo todo*

Eu ouvi um estalido atrás de mim, e uma infusão de química do medo fez cada veia no meu corpo pulsar. Um homem. No meu chuveiro. Não convidado. Eu gritei, ou tentei, mas porque eu tinha esquecido de respirar, então saiu um coaxar.

— Shhh — Jonathan disse. Ele usava nada além de uma cueca boxer que mostrava a glória da sua ereção.

— Você, porra, foda-se.

— Por favor. — Ele colocou as mãos em um gesto destinado a me mostrar que ele não ia me tocar.

— O que na terra que obrigaria você?

— Você. — Ele se inclinou para frente, e eu parei contra a parede. Seus antebraços me pressionam contra a parede em cada lado da minha cabeça, e ele ficou a centímetros do meu rosto. A água caia sobre seu cabelo seco, correndo caminhos escuros para seu rosto. Rolando pelo nariz, testa e queixo dele. — Você. Deusa.

De repente, a satisfação sexual que eu tinha conseguido em meus joelhos, com toda a extensão do meu braço era inadequada. — Me tome.

— Comprometa-se a mim. Seja minha para todo o mundo.

— Eu já disse que sim.

— Faça-me acreditar. — Seus olhos fecharam, lentamente, como se ele não quisesse ver meu rosto. Ele estava molhado, o corpo uma cachoeira. A água acumulando em cada curva e ângulo dele.

— Como?

— O que era aquela música? Eu não conseguia ouvir toda ela.

— Eu escrevi isso ontem.

Ele abriu os olhos. — Será que você canta para mim?

Seu corpo ainda não tocava o meu. Eu sentia sua respiração no meu ombro e a presença de sua ereção, e eu o queria tanto quanto nunca eu quis nada. Ele não ia

me tocar. Não um dedo. Ele estava respirando em mim e sussurrar no meu ouvido, nua no chuveiro, até eu estourar.

— Por favor. — ele disse.

Uma parte de mim queria dizer a ele para se foder, mas outra parte queria estar perto dele tão mal que uma canção parecia tão mais, íntimo do que sexo. — Você está pronto? — Eu sussurrei.

— Sim.

Eu respirei fundo e cantei para ele, minha voz baixa, da mesma forma que eu cantei para ele a minha canção de medos em seu quintal. Desta vez, eu cantei sem vergonha ou arrependimento.

*Covardes correm*

*Suplicam permanência*

*Covardes correm*

*Suplicam permanência*

*A fria, mancha escura em uma calçada quente a partir do lançamento de um balão de água*

*Covardes congelam*

*Suplicam abaixar a cabeça*

*E escreve ao som do nada em giz vermelho*

*Covarde permanecem*

*Suplicam correr*

*Covardes permanecem*

*Suplicam correr*

*Partes do enigma em uma caixa cheia aberta*

*Sozinhos então, encontram combinação perfeita*

*Suplicam toques*

*Covardes observam*

*Peças deslocam, enquanto cinco pequenas lentes assistem*

Eu cantei a rima um pouco mais alto olhando em seus olhos de jade. Eu queria me conectar a ele, para colocar meus sentimentos para ele, assim ele entenderia.

*Eu estou com medo o tempo todo*

*E eu preciso o tempo todo*

*Eu estou com medo o tempo todo*

*E eu preciso o tempo todo*

Eu parei. Nós não dissemos nada, nossas vozes silenciaram, e os únicos sons no ambiente eram as gotas de água caindo sobre nossos corpos e o barulho do chuveiro. Os olhos dele sobre os meus, a sua expressão parecia uma máscara. Eu não queria ouvir seus pensamentos. Eu não queria falar. Eu não gostaria do que ia ouvir, eu sabia.

— Essa não é tão reveladora, eu acho. — Eu bati a torneira para baixo para fechar a água.

— Mais reveladora, na verdade. — Seus lábios estavam em meu rosto, mas eu não tive a coragem de virar e beijá-lo. — Partes do enigma. Uma caixa cheia, e apenas uma que se encaixa. E você me deixou em pé na minha varanda, porque você está com medo.

— Eu estava indo para ficar com você, porque eu estava com medo de deixá-lo pelo mesmo motivo. Pelo menos dessa forma eu não vou arrastar você para a minha merda.

Ele se afastou. O modelo do azulejo ficou pressionado na carne de seus braços.

— Não. — eu sussurrei, colocando a mão na sua cintura.

Ele não se deslocou para longe, mas ele não queria que eu o tocasse. Eu senti a maneira que ele endureceu, sua ingestão aguda da respiração, o modo como seus olhos estavam fechados até a metade. — As câmeras em sua casa. Eu sei quem as colocou lá.

O barulho da água caindo das torneiras em nossos corpos ecoaram como tapas no azulejo. — Quem?

— Eu — Ele abriu a porta com um estalo.

— O quê?

Ele saiu e pegou uma toalha, enrolando-a sobre seus ombros. Eu ainda estava nua e molhada, sem me impressionar por toalhas ou qualquer outra coisa, de pé meio fora do chuveiro.

— Santon encontrou os números de série e seguiu o dinheiro para uma das minhas contas.

— O que significa isso? — Eu me senti tensa, quente, o coração batendo como um tambor.

— Isso significa que alguém que teve acesso a uma das minhas contas as colocou lá dentro. Para responder sua próxima pergunta, sim, Jessica teve acesso a essa conta. Sim, eu acho que foi ela, e não, eu não sei por quê.

— Por quê? — Eu perguntei como se eu não o tivesse ouvido falar.

— Ainda não sei. O que eu sei é que você não está pronta para lidar com o que ela vai repartir.

Se eu tivesse sido mentalmente sóbria, eu não teria sido tão insultada, mas tinha sido asperamente a dez minutos. — Então, basicamente, você estoura dentro, quase nu e totalmente duro, aterrorizando o inferno fora de mim. Você me faz cantar essa música pesada em seu ouvido, e depois me diz que a sua fodida ex mulher é aquela que colocou merda em minha casa, e no final, você me chama de fraca?

— Estou te protegendo.

— Papo furado. Que tal o sadismo ficar no quarto?

Eu cerro os punhos e olhou para ele, tentando transmitir como ofendida eu estava. O chuveiro pingou três vezes. *Plink plonk plink*.

Ele se moveu tão rápido que eu nem sequer o vi, mas eu o senti no deslocamento do ar. Eu me encolhi como se eu estivesse prestes a ser atropelada. Suas mãos agarraram os lados do meu rosto, e sua boca veio a minha, sua língua separando meus lábios com força. Eu os bebi, uma vez que eu estava sobre estado de choque. Sua língua tocou a minha. Ele podia muito bem estar tocando em meu clitóris, minha buceta, minha bunda, tal era a intensidade do sentimento. Entre a música e a adrenalina, os produtos químicos no meu corpo foram criados para responder, correndo sangue e fluidos entre as minhas pernas. Eu coloquei minhas mãos em seu pescoço, movendo o meu rosto contra o dele. Ele me empurrou contra o vidro do boxe.

Eu pressionei minha pélvis contra ele, detonando contra o pau dele. Me senti bem. Melhor do que bem. Me senti ótima. Eu o queria. Eu queria o seu peito contra o meu. Eu queria suas mãos para agarrar minha bunda. Meus mamilos endureceram para ele, como se os milímetros se aproximassem por puro magnetismo.

Agarrando o meu cabelo como se para alavancar, ele se afastou. — Monica — ele suspirou, os olhos fechados, seus lábios postados nos meus.

— Jonathan, por favor.

— Eu nem deveria estar aqui.

— Sim, você deveria. Está tudo bem. Nós vamos fazer isso agora. Descobriremos o resto mais tarde. Eu estou gritando por dentro, você não tem ideia. Eu não me sinto como eu. É como se algo em mim estivesse dormindo até que você apareceu. Quando você faz, isso e transforma em um animal selvagem em uma gaiola de palito de fósforo.

Ele se afastou. — Você me deixa louco.

Eu senti ele sair antes mesmo de seu corpo se mover. — Não me faça implorar.

— Eu não vou te deixar. — Ele deixou cair as mãos. — Sinto muito. Eu simplesmente perdi o controle quando eu ouvi você cantando. Mas você não pode voltar pra mim só porque estamos nus no mesmo ambiente. Eu não posso... — Ele olhou para o chão, em seguida, de volta para mim. — Jessica é a ponta do iceberg. Você ter medo - isso dói em meus ossos.

— Eu sei — eu disse, resignada enquanto ele caminhava para fora do banheiro sem me foder cegamente. — Eu sou a única que dorme no sofá do melhor amigo.

Eu tirei a toalha do gancho. Era quente, branco e felpuda como o inferno, mas quando eu a coloquei, ele não ofereceu conforto.

— Saia, — eu disse. — Eu não posso nem olhar para você.

Ele fez uma pausa, olhou para o chão, então ele girou sobre os calcanhares e saiu sem olhar para trás.

# Capítulo Vinte e Dois

## Monica

Duas da manhã.

Nenhuma palavra de Kevin.

Eu não ouvi um pio do lado da porta de Jonathan. Eu toquei uma vez antes de dormir. À uma e meia, eu estava sentada no chão, de costas para ela, olhando para o conjunto ridiculamente opulento. Tudo foi feito com perfeição, e nada foi resolvido.

Eu sabia quem tinha colocado as câmeras em casa. Talvez eu pudesse ir para casa, ou talvez sabendo que era Jessica iria piorar a situação. O que diabos ela estava tentando fazer? Fazer um escândalo público? Se fosse isso, por que agora? Por que com uma garçonete anônima que ela tentou ter sua confiança? Quem fez isso e quando foi feito?

Eu queria que eu não tivesse descoberto. Todas as perguntas que eu tentei não perguntar por que elas estavam me perturbando veio até mim em uma inundação, e eu não conseguia dormir. Eu me reposicionei no chão, puxando almofadas do sofá. Eu estava prestes a abrir uma obra de arte em um museu, e às duas da manhã, e eu me encontrava enrolada na frente de uma porta trancada, minha mente andando em círculos.

Entre essas perguntas e tropeços ao longo da minha casa, eu tive que me perguntar se eu queria o homem da minha vida. Devido a minha produção musical prolífica nas últimas semanas livres de Jonathan, eu sabia que era uma obra parada à espera de acontecer. Ele sabia disso. Foi por isso que ele saiu de cueca molhada em vez de me tomar ali no chão.

Eu realmente queria que eu não o tivesse tocado na primeira vez. Eu queria que eu não tivesse sido levada em uma aposta naquela noite no Frontage. Eu queria que eu não o tivesse encontrado no Loft Club, após sua viagem à Coreia do Sul, e eu queria que eu não o tivesse perdoado por beijar Jessica. Eu tinha tido todas as oportunidades para assumir o controle da minha vida, mas eu não fiz.

Eu assisti o céu passar de marinho para royal, de ciano para azul bebê. Eu tinha entrado em um estado de fuga de arrependimento e insatisfação, mas não encontrei o sono. Não era um bom dia para estar cansada, mas eu tinha que levantar e fazer o trabalho.

# Capítulo Vinte e Três

## Monica

— Você já ouviu falar alguma coisa? — Darren perguntou sem um "olá" ou "bom dia".

— Não. — eu olho por cima do ombro dele para o pequeno café da manhã no buffet. Era ridiculamente luxuoso. — Nada. Eu o chamei, tipo, sete vezes. — Nos rechauds de prata tinham três preparações diferentes de ovos, guloseimas doces como panquecas e torradas, carnes e café da manhã todos em uma fileira. Ou o que nós preferíssemos no nosso café da manhã fresco, tínhamos de sobra, homens a postos com chapéus de chefs estavam prontos para nos fazer uma omelete ou waffle. Os pratos eram brancos e imaculados. Os talheres eram mais pesado do que um clarinete. Todos que trabalhavam sorriam com seus dentes brancos nítidos, e todos os hóspedes pareciam perfeitamente confortáveis com seu café da manhã nas porcelanas claras e copos de cristal.

Eu tenho um pouco de frutas e um croissant, sentindo como se eu não estivesse aproveitando o que me foi dado, mas eu não tinha apetite.

— Eu liguei para o hotel dele. — Darren continuou. — Eles não podem me dizer se ele fez check-in ou não. É contra algum tipo de lei ou regra ou qualquer outra coisa. — Ele levou seus flocos de milho para a mesa.

Eu peguei chá e o segui. — Nós deveríamos aparecer no hotel.

— Yeah. Então, temos que ir para o B.C. Mod e vamos rezar para possamos descobrir isso.

Eu dei de ombros. — Você sabe que ele esta provavelmente lá em um terno de grife já, conversando com a curadora sobre banalidades luminosas e fetichismo cultural até que ela levante a saia.

— Isso é ele.

— Kev não é tão exigente.

— Séria esta manhã. Será que não conseguimos ter o senhor Drazen na cama?

— Ele não significa nada para mim.

Darren esboçou um sorriso.

— Bom dia. — veio uma voz que não deveria ter me surpreendido em tudo.

— Falando do diabo. — disse Darren.

— Bom dia — eu disse, enquanto Jonathan se sentava. Ele parecia bem descansado e fresco como uma porra de uma margarida. Terno pressionado. Sapatos engraxados. Cabelo bagunçado o suficiente, então parecia que ele passou pouco tempo mexendo nele. Eu percebi que eu estava com olheiras e pálida e esgotada. Meu corpo não foi construído para três horas de sono por noite, e certamente não para tão pouco quanto eu tinha ficado na frente da porta do filho da puta.

— Como é que vocês vão por aí hoje? — Ele perguntou.

— Nem pense nisso. — eu disse.

A garçonete trouxe para Jonathan ovos mexidos, batatas e frutas. Ele nem sequer teve que ir pegar no buffet nada para ele.

— Por favor — Darren disse em torno de seu cereal. — Tudo o que você vai oferecer, eu vou aceitar. Ela não vai tirar nada de você na minha frente. Nós já tivemos essa briga.

— Cale a boca — eu rebati.

Jonathan colocou açúcar em seu café, sorrindo para mim, e se voltou para Darren. — O carro do hotel é um Audi azul. O nome do seu motorista é Feran. Ele vai levá-los para o museu e de volta, e ele vai levá-los de volta para o evento hoje à noite.

— Nós temos que fazer uma parada. — eu disse. — Nós não estamos conseguindo contato com Kevin, e eu quero ir até o Marriot e ver se ele está lá.

— Eles não vão dizer nada. — ele disse. — Nem mesmo o número do quarto. É a lei. Você quer que eu o encontre para você?

— Aquele hotel pertence a você, também? — Eu disse.

— Sim — Darren se meteu na conversa — Você pode fazer isso, por favor? Veja se ele fez check-in? E me envie um sms se ele estiver com uma cadela.

Jonathan levantou uma sobrancelha para Darren, aparentemente ofendido com os xingamentos. Ele estava seriamente sendo protetor contra Darren? E esse era o mesmo cara que me deixou no meu banheiro, totalmente não fodida, sem olhar para trás? Esse cara estava enfurecido sobre eu ser chamada de cadela por um cara que era praticamente meu irmão?

— Darren. — eu disse — isso foi idiota da sua parte. See yoo en tee[8].

Jonathan sorriu por trás de sua xícara de café.

Darren riu, mas não repetiu a palavra. — Eu prefiro cadela, mas seja qual for. — Ele jogou o guardanapo. — Eu tenho que arrumar o equipamento. Quando é que o motorista vai estar por aí?

— A recepção sabe quem vocês são. Peça-lhes para mandá-lo quando estiverem prontos.

— Esta é a única maneira de voar por aí, não é?

— É.

Darren me beijou na bochecha e me deixou com Jonathan, que parecia sereno.

[8] A maneira inteligente e espirituosa de falar ou xingar alguém com a palavra buceta sem que elas percebam.

— Eu não consegui dormir — ele disse.

— Você não dorme de qualquer jeito. Você cochila.

— Eu preciso de três horas, e eu não consegui tê-las.

Eu me inclinou para a direita, só para ficar um pouco mais perto dele. — Eu caí em frente a porta.

Ele suspirou como se ele não tivesse satisfeito com a informação. — Eu estava deitado no sofá sem dormir.

— Meu palpite é que foi pela mesma razão que eu estava no chão, sem dormir.

Ele tocou seu copo de água e, novamente, eu não podia tirar meus olhos de sus mãos. O relógio dele tinha uma banda de metal larga em prata escura. Analógico. Uma marcação. A simplicidade dele, envolto em seu pulso, trouxe o arco de sua mão, e eu lembrei do som tinindo profundo que fazia quando ele me fodia.

— O que estamos fazendo? — ele perguntou.

— Você está tentando me fazer implorar para você voltar.

— Estou tentando fazer você ver que seus medos são reais. Se fizermos isso, se você se comprometer a mim, você vai se consumir. Eu acho que isso é o que você está tentando evitar.

— Yeah. — Eu posse ver isso. As câmeras na minha casa não eram mais do que um sinal de que coisas piores virão. A publicidade incontrolável que não tinha nada a ver com a minha música. A implicação de que qualquer sucesso que eu tivesse era por causa dele. A torção. Os inimigos. Mas o pior, o envolvimento emocional. Eu já me sentia mais do que eu queria. Se eu realmente me deixasse ir, ele realmente ia me devorar.

Eu balancei minha cabeça. — Podemos decidir quando voltarmos? Meu cérebro está bagunçado agora.

— Você viria para Seul comigo?

— O quê? Por quê?

— Eu vou ter que partir assim que eu voltar para LA, e eu não posso esperar mais duas semanas para que possamos descobrir isso. Se eu decolar, eu poderia perdê-la. Eu preciso te convencer, e eu preciso que seja real. Eu não posso foder um compromisso fora de você. Isso seria inútil. Eu tenho que ter seu coração, Monica. Uma coisa real. Sem medo.

— Eu não posso prometer que eu não nunca vou ter medo.

— De mim. — Ele colocou a mão sobre a minha. Ele ainda não me tocou, ele pairou como se quisesse me tocar e estivesse com medo do contato quanto eu estava. — Eu não me sinto perto de ninguém, exceto às vezes de você. Às vezes eu tenho momentos com você. — Ele pegou a mão dele e a colocou de volta em seu copo. — Eu quero você, e eu preciso de tudo de você. Primeiro, que você me leve pelo caminho certo. Sem compromissos. Nenhuma marca pelo meio do caminho.

Ele não se equivoca com o olhar ou postura. Uma parte de mim derrete em sua direção. Como eu queria me render a ele, e como eu queria correr do terror. A tensão entre essas compulsões fez dessas palavras tão impossível quanto o movimento. Eu não poderia fugir dele ou tocá-lo. Eu não poderia concordar com duas semanas longe de LA, a logística não era pouca coisa. Eu tinha um trabalho e um compromisso com o Frontage.

— Você viria? — Ele perguntou. — Eu estarei trabalhando, mas eu posso garantir que vai ter um bom tempo na sua vida.

Seus olhos pareciam maiores do que eu já vi. Como se ele realmente quisesse que eu fosse e ficaria arrasado se eu não fosse. Como se a nossa relação ficasse articulada em uma viagem para a Ásia.

— Monica — Darren falou por trás de mim, interrompendo um olhar de cem metros de profundidade e um milhão de anos. — Vamos lá.

— Nós vamos conversar mais tarde. — eu disse a Jonathan.

— Vejo você hoje à noite. — Ele sorriu, como se nada no mundo estivesse errado.

# Capítulo Vinte e Quatro

## Monica

Feran, um cara bonito do Oriente Médio em uma jaqueta preta e calça, e estava esperando em um Audi sedan azul marinho. Eu não sabia que os Audis eram tão grande, mas o equipamento se ajustaram na parte de trás, com um dos bancos traseiros rebaixados. Eu disse a Darren para se sentar na frente, e nós fomos para o museu.

Vancouver era enorme, de um jeito diferente de Los Angeles, mais vertical. Os edifícios de vidro altos aglutinados como alunos fazendo fila para a sala de casa. A arquitetura menor, era velha, com arenito e tijolo apoiados por vielas estreitas. Estacionamentos eram poucos e distantes entre si. Eu imaginei que fosse um problema para as pessoas que estavam dispostas a viver aqui, porque as ruas eram parede a parede, até às oito da manhã.

Cerca de um minuto se passou antes de tanto o meu celular quanto o de Darren apitasse.

- Ele nunca se registrou no Marriot -

— Merda, Darren — eu disse.

— Sim, eu recebi. O que poderia ter acontecido com ele?

— Por que você está me perguntando? — Eu tinha uma reação defensiva injustificada, como se de alguma forma a culpa fosse minha, ele estava M.I.A[9] ou porque eu não dormi com ele.

— Eu não estou perguntando para você. — Darren virou para me encarar. — Eu estou perguntando no geral. O que poderia ter acontecido? Ele não perde uma merda como essa.

Eu disse que eu não teria dito se ele realmente tivesse me acusado. — Não foi por causa da outra noite? Que você acha?

Ele puxou o telefone do bolso e rolou por aí. — Supere isso. Deixe-me fazer algumas chamadas.

E ligamos para ele fez todo o caminho até o museu. Utilizamos o sistema de emergência virtual, que lhe permitia fazer quatro chamadas em quinze minutos.

Nós estacionamos na doca de carregamento por trás de um edifício de pedra amarelo. Embora o próprio museu fosse novo, o antigo armazém no centro da cidade era centenário, eviscerado e reaproveitado para salvá-lo da extinção. Foi quando Darren conseguiu falar com alguém que sabia de algo.

— Geraldine, hey, homem. — Darren disse assim que saímos e Feran começou a descarregar. — Você ouviu falar de Kevin?

Eu ignorei a pausa porque eu já esperava que a chamada seria um beco sem saída.

Mas Darren inclinou seu pescoço para cima e fechou os olhos, murmurando: — Oh, foda. — Então ele colocou o braço em volta dos meus ombros. O que não era bom sinal. — Você conseguiu um? — Eu ouvi a voz dele pelo telefone, com seu novo sotaque nova-iorquino e fala rápida. — Por que você não nos ligou? Nós estamos sentados aqui...

Ele, obviamente, foi cortado. A voz de Geraldine veio através gritos altos em uma máquina de arma de fogo com as consoantes cortadas. — Tudo bem, tudo

[9] Desaparecido em Combate.

bem. Não, está tudo bem... Nós não culpamos você. Você pode me ligar se souber de alguma coisa? — Ele desligou logo depois. — Estamos fodidos.

— Ele está bem?

— Ele está vivo. Ele chamou Geraldine para conseguir um advogado uma vez que ela tem família em Idaho.

— Ele está em Idaho?

— Ele se meteu em alguma lista de observação internacional. Quando ele foi parado na alfândega, eles descobriram que ele tinha mandados em aberto e o enviaram para o estado onde os crimes foram cometidos. De volta para casa.

— Crimes? Lista de observação?

— Ele estava em liberdade condicional. Ele fugiu quando ele veio para LA. Nós acabamos com o fim da cultura.

Eu estava feliz que ele estava bem, pelo menos. Nenhum machucado ou morto. Nem bêbado em um beco. E apesar de ter sido egoísta e narcisista para sequer pensar nele, eu estava feliz por ele ficar longe por causa do que tinha acontecido entre nós.

— Nós podemos fazer isso. Certo? — Eu disse, pegando uma caixa de Darren.

— Ele tem os diagramas.

— Você se lembra de como fazer isso junto?

— Eu quero dizer que sim. — disse ele, sem confiança.

— Eu também. Nós podemos fazer isso.

— Yeah.

Ficamos aliviados de ver as caixas de equipamentos assim que entramos nas entranhas do edifício. Quatro homens de terno azul escuro e emblemas abriram as caixas, as verificaram, checaram nossas identidades, e fizeram uma tonelada de perguntas.

— Sem nome. Três nomes. Onde está o terceiro? — Perguntou um cara careca que parecia como se ele fosse feito de chumbo.

— Atrasado. — eu automaticamente menti. — Precisamos verificar o resto da peça? Elas estão vindo através de transporte especial, de L.A?

— Você tem os números de rastreamento?

— Não.

— Fatura comercial?

— Não.

— Certificado de transferência da Alfândega?

— Olha — Darren interrompeu — o cara com toda a papelada que foi confundido com um ação de imigração. Nós temos o equipamento de som e especificações para ele, mas só isso.

— Senhor Rivers! — Um homem de camiseta preta e óculos emoldurados se aproximou de nós. Ele aparentava ter seus cinquenta anos, com cabelos grisalhos. Darren o reconheceu. Eles apertaram as mãos.

— Monica, este é...

— Samuel Kendall, seu curador. Você deve ser a mulher sem o passaporte.

— Eu consertei isso.

— Obviamente. — O que poderia ter sido um insulto realmente não foi. Ele disse com um ligeiro arco da cabeça e um pouco de jogo de um sorriso. — Eu ouvi o que aconteceu com Kevin. Na verdade, temos um problema muito mais grave.

Como se uma máscara tivesse sido removida sem ele mover um músculo ou mudar sua expressão, eu vi o Sr. Kendall, sob o verniz de inteligência alegre, ele estava lívido.

— Quão sério? — Eu perguntei.

— Assunto sério, fim de carreira. — Ele sorriu novamente do mesmo jeito. — Por favor, me acompanhem.

Darren e eu caminhamos por um longo corredor com ele. Ele falou com a cabeça meio virada, suas palavras ecoando contra os blocos de cimento. — Nós alocamos o espaço para esta peça, e uma tonelada dela. Temos financistas que esperam um show completo e colecionadores à espera de ver uma peça inteira.

Entramos em um espaço maior, inacabado com sistema de ventilação expostos e extintor de incêndio. Caixas e caixas estavam em todos os lugares. Kendall encontrou três caixas perto da doca de carregamento e as indicou. Dois eram de oito metros de altura. Um deles era tão grande quanto uma mesa de cozinha.

Kendall parou junto delas e sorriu, inclinando a cabeça. — Que porra é essa?

Darren pegou uma prancheta da caixa menor e pegou a papelada de qualquer jeito. Eu nunca percebi o quão corajoso e imperturbável ele era. Pelo menos em situações que não estivesse eu ou sua irmã envolvidas. Ou sua sexualidade. Ele era tão fácil de brincar como qualquer um, não apenas em assuntos de sua carreira. Abençoe ele, que era o único lugar que eu me sentia como se eu tivesse desenhado na hora errada.

— Estamos faltando quatro caixas. — Ele folheou as páginas. — A página da fatura comercial está faltando.

Eu inspecionei as grades altas. Todos tinham sido identificados e numerados para corresponder às instruções de montagem. Kevin tinha comentado comigo por alguma outra razão do que para saciar minha curiosidade.

— Elas estão atualmente na alfândega, obrigado — disse Kendall. — Mesmo se eles fossem liberadas imediatamente, elas não vão ficar aqui para a visualização. Senhor e Senhora, eu não posso expressar-lhe o impacto financeiro que isso terá sobre o museu, se não tivermos esta peça instalada. Alocação de espaço é de oitenta por cento da nossa preocupação, e ter uma galeria vazia é inaceitável.

— A galeria não vai estar vazia — eu disse. — Nós vamos ter que descobrir o sistema de som, mas eu acho que nós podemos começar este trabalho. Não vai

ser uma peça completa, e não vai combinar com o catálogo, mas o espaço vai ter algo nela.

— Se ele vender, haverá repercussões financeiras.

— Se não, vai ser pior — murmurou Darren. Ele olhou para cima a partir da área de transferência. — Podemos conseguir estas que mudaram?

— Imediatamente — Kendall respondeu. — Nós temos tido um grande interesse nesta peça. — Darren e eu olhamos um para o outro enquanto Kendall era saudado por um cara em uma empilhadeira.

# Capítulo Vinte e Cinco

## Monica

Minha ideia era simples. A instalação tinha quatro paredes. Duas tinham sido entregues. Um monte de detritos cuidadosamente indexados que estava na caixa na mesa do tamanho da cozinha. Isso era o suficiente para metade de um pedaço. Se colocá-lo contra um canto da galeria, gostaríamos de ter pelo menos quatro paredes.

— Dois deles serão branco comum — disse Darren. — Todo o sentido da coisa era sobre a natureza avassaladora de vulnerabilidade emocional.

— Pense sobre a natureza esmagadora de dizer a *esse cara* que sua galeria vai estar vazia.

Nós não sabíamos o que estávamos fazendo. Nós tínhamos feito algo usando os conhecimentos de Kevin, e embora nós tentamos aprender tudo o que podíamos, contribuindo para o visual, Darren e eu tínhamos concebido essencialmente o som. Nós colocamos os alto-falantes, decidimos quais os tipos de usar e onde. Nós conceituamos, gravamos, misturamos e fizemos funcionar. Nós

conversamos com Kevin sobre como o som funcionaria no âmbito da peça, mas tudo o que podia ser visto era dele.

Ele tinha a última palavra.

Assim, o projeto de montagem foi até ele, e nós nos preocupamos apenas na medida em que os alto-falantes precisava de um lugar para ser escondido.

As galerias estavam cheias de artistas pendurando seu trabalho, e quando ouviram falar sobre nossa situação, encontramos voluntários ajudando no trabalho com mãos e mentes que entenderam como colocar uma instalação. A frente da casa, com a porta e a parede adjacente. O besouro dentro era um todo, bem acabado. A coisa não parecia totalmente quebrada. Darren e eu decidimos tirar o som para que funcionasse usando as paredes do museu, que decidimos deixar em branco.

Darren poderia ter tirado algo sobre ele, mas não teria correspondido a arte de Kevin. Colocamos os copos quebrados e os blocos de concretos como lembrávamos. Quando estava tão bom quanto ele ia conseguir colocar, com as paredes estabilizadas, a parte de cima pairando sobre o corte, e as camadas da minha voz enchendo a sala, os artistas que nos tinham ajudado ficam para trás e eles mesmos nos aplaudiram por puxar um coelho da cartola.

Embora nós faríamos sucesso com o show que ele nos matou, a conversa em torno das galerias era que a carreira de Kevin estava comprometida. A não entrega do trabalho era uma infração grave, matando até mesmo os mais loucos artistas que não fugiam disso. O fornecimento foi uma perda de espaço. Foi uma perda de prestígio e de face. Foi desculpas e voltava dinheiro.

Quando saísse do buraco qualquer que ele estivesse de volta à casa dele em Idaho, Kevin teria que escavar-se fora de um buraco ainda mais fundo no mundo da arte. Eu não o invejava. Por uma questão de fato, eu me senti muito, muito triste por ele.

# Capítulo Vinte e Seis

## Monica

Estávamos muito perto de estar atrasados.

A peça tinha que ser levantada e a música ligada quando terminasse a arrumação do buffet e do bar. Feran tinha ficado a nosso serviço o tempo todo, mesmo no vai e vem de Darren para pegar um cabo que precisava para reconfigurar o som. Ele correu pela cidade, em torno de ruas e rodovias, e nos levou de volta ao hotel com sete minutos de sobra.

— Cara — Darren disse: — Obrigado.

Eles apertaram as mãos como só os homens fazem, e Darren e eu corremos para nossos quartos.

A porta entre as nossas suítes estava aberta. Eu espreitei para o espaço de Jonathan e o encontrei em uma camisa, smoking e gravata, colocando uma abotoadura. Barbeado, cabelo arrumado para o evento, vestindo uma roupa mais sexy do que qualquer lingerie, ele silenciou minhas censuras sobre a porta aberta só de olhar como se tivesse saído de uma revista.

— Você está bonito — eu disse.

— Obrigado. Eu mandei vir algumas coisas de Yaletown[10] — ele disse. — Elas estão no armário.

— Eu trouxe o meu vestido do Eclipse.

— Não há dúvida de que você trouxe. — Ele bateu o relógio. — Estou indo embora. Mas vocês vão se atrasar, se você não se mexerem.

— Eu tenho que fechar isso. — Eu indiquei a porta.

— Shoo.

Por mais doloroso que fosse cortá-lo fora da minha visão, eu fechei a porta. Claro, eu não tinha a intenção de usar qualquer vestido que ele havia enviado a partir de onde ele disse que eles foram enviados. Eu tenho o meu vestido do Eclipse, que era a coisa mais linda que eu possuía. Eu adorava. Mas ao lado dele no armário, havia pendurado um grande saco de vestuário projetado para vários cabides. Neste caso, sete.

Eu pendurei o vestido de Eclipse no banheiro, atrás da porta, para que o vapor o desamarrotasse, e corri para o chuveiro. Enquanto eu me despia, eu fazia questão de não pensar sobre os sete vestidos. Em toda a probabilidade, não combinaria com meus sapatos. Eu não tenho os acessórios certos, e olhando para eles só martelava o que eu já sabia. Os vestidos tinham sido escolhidos por alguém que não me conhecia, não sabia o meu gosto, e, obviamente, comprado com o objetivo de fazer parecer interesse feminino de um homem lindo como um bolinho molhado.

O chuveiro não estava na temperatura certa. Não exatamente fria. Talvez estivesse muito quente. Era isso. Eu avanço a torneira um quarto em direção a frio e corri para o armário como se o saco estivesse cheios de doces e abriu tão rápido o zíper e gritei.

— Deus me ajude — eu disse. — Eu não sou feita de pedra.

Sete vestidos. Quatro pretos. Eu os empurrei para o lado. Todo mundo ia vestir preto, e o tempo estava passando. Darren bateria em minutos.

[10] Um região badalada do centro de Vancouver.

Um estampado. Fora.

Os dois últimos caíram logo abaixo do joelho. Um laço brilhante, cor da pele e com um lenço de fundo e, um terninho vermelho de corte baixo que gritava *não fode comigo*. Era isso. E combinava com os sapatos.

Eu tomei um banho rápido, mantendo o meu cabelo seco. Me depilei rapidamente. Me ensaboei toda. Me sequei como um relâmpago e corri para o armário.

Certo. Vestido vermelho.

Eu puxei minha calcinha para fora do saco, e, claro, embora eu pretendesse usar as minhas de algodão normal, as rendas e ligas estavam ali. O conjunto era branco com ganchos e fivelas dourados. As ligas eram de cetim com renda sobreposta, e os anéis que prendem as tiras eram de igual tamanho. A frente era realizada em um conjunto com pequenos ganchos dourados. Foda-se. Pelo menos eu tinha uma chance remota de ser tocada por ele.

Quando eu puxei o vestido fora do saco, eu vi um outro, menor em um que saco que estava anexado. Eu abri para encontrar um par de sapatos de sola vermelha dentro. Oh. Poderia ser?

Removendo o colete do vestido creme, eu encontrei um par de sapatos de salto alto de 15 centímetros que combinava com o creme. Porra, todos eles tinham sapatos. O que significava que eu precisava de mais uma hora. Eu tinha que olhar para cada vestido no saco, cada par de sapatos, e que Deus me ajude, dois dos pretos tinham echarpes.

Houve uma batida na porta a duas salas de distância.

— Mon? Vamos! — Era Darren.

Eu corri pelo quarto, sala de estar, sala de jantar, e o chamei pela sala de estar — Um segundo!

Vestido vermelho.

Mas quando eu cheguei ao armário, eu percebi que eu não queria parecer como uma vadia pegando fogo. Eu não queria ser perigosamente sexy. Eu queria

ser doce e acessível. Eu escorreguei no vestido creme. Eu parecia bonita. Como uma mulher gaciosa.

# Capítulo Vinte e Sete

## Jonathan

O plano B estava em seu caminho para o museu do aeroporto. Petra tinha ido para sua consulta médica e alegremente me disse que ela teria que parar de voar em poucos meses. Eu invejava Jacques.

Eu tinha deixado Feran com Monica e Darren, e enviei alguém para o Plano B, para me levar para o museu. Eu estava muito mais confortável no B.C. Mod do que no show Eclipse. Minha esposa tinha pouca influência deste lado da fronteira, e meu lugar na comissão de finanças não veio através de ligações familiares, mas de um amor pela arte que Lanie Jackson tinha notado quando eu doei algumas peças pós-modernas para o museu em expansão.

Era um espaço pequeno e nunca mais seria a Moma ou LA Mod, mas Vancouver não precisa de um palácio. Ele precisava de algo íntimo, como a própria cidade.

Naquela noite, seria um pequeno, caso embriagado com colecionadores e colegas curadores. Era o momento de Monica, e sem Kevin para sugar o vento para fora dela, ela poderia apreciar isso. Na entrada, um quarteto de cordas tocava uma melodia clássica top quarenta com um pianista em um piano de cauda preto. Eu disse algumas saudações, apertando algumas mãos, ri de um par de piadas estúpidas sobre LA, e tomei um uísque. Eu finalmente encontrei o Trio Sem Nome, seguindo o som da voz de Monica.

Não era a mesma peça. Apesar de sua voz, em camadas quarenta vezes como anjos cantando, em seguida, gritando, gemendo, então, era perfeita, a peça não era tão boa. Adequada. Isso seria assim. Não era vergonhoso, e não parecia errado, tanto quanto parecia de alguma forma abortada. Eu não consegui descobrir se a diferença era que eu tinha visto em seu estado completo e meu olho tinha sido colorido, ou se ele realmente tinha algo truncado sobre isso.

Samuel Kendall se aproximou de mim, a mão para fora, usando a mesma camiseta preta que ele sempre usava. — Você viu a peça Irmãos Simulcra no Ocidente Hall?

— Ainda não. — Eu apontei para a casa truncada. — Ficou interrompido pela voz.

— O que você acha? — Ele perguntou.

— Eu vi em L.A.

— Ah, então você viu concluída. — Ele apertou os dentes. Ele não era um homem feliz. — Foi bom. Erro amador. — Ele abanou o dedo para mim. — Nunca lide com amadores.

Eu engoli minha bebida e sorri. — Amateur vem do Amatus agente Latina. Para amar. Nunca se preocupe com o amor. O amor oferece. São os profissionais incompetentes que vão estragar você.

Kendall riu amargamente. — Cada maldito tempo. — Ele olhou por cima do meu ombro. — Quem é esse? — Eu segui o seu olhar para o Plano B, que tinha acabado de chegar.

— Harry Enrich, o presidente do Carnival Records. Ótimo cara. Eu tenho algumas propriedades para ele olhar. Ele está pensando em abrir um mini-estúdio aqui em cima.

— Quem não está?

Harry veio em meu caminho com sua esposa, Yasmine, em seu braço. Ele era um homem pequeno, magro, com cabelos e bochechas que nunca ficavam livres da sombra de fim de dia. — Jonathan, você já conhece a minha esposa?

— É bom ver você de novo.

— Avião bonito — ela disse.

— Estou feliz que você tenha gostado.

Eu os apresentei para Kendall, e Harry não perdeu um segundo antes de perguntar-lhe: — Quem é esta? — Ele apontou para o teto. — Eu conheço essa voz.

— Ela acabou de entrar. — eu disse, sabendo que eu estava sorrindo.

Ela havia escolhido o vestido creme com as pequenas lantejoulas. Como voluntariosa que ela era, ela provou que é minha, com cada pequena decisão, aparentemente irrelevante. Ela estava de tirar o fôlego, mesmo no braço de Darren, se inclinando sobre ele, como se ele fosse seu irmão. Na minha cabeça, ele era. Ela acenou quando me viu e fez seu caminho para o bar.

— Não a reconheço — Harry disse.

— Monica Faulkner.

Ele tocou a campainha. Na inclinação de sua cabeça e olhar em seus olhos, eu sabia que Harry reconheceu o nome. Eu também sabia que ele não sabia bem o suficiente para ser anexado de qualquer noção de como ela deve ter assinado ou com sua marca. Isso tudo tinha sido ideia de Eddie.

# Capítulo Vinte e Oito

## Monica

Eu arrastei Darren pelo saguão e pelas galerias sem dizer-lhe que eu estava procurando por Jonathan. Eu encontrei Jonathan pela nossa parte com outras três pessoas, incluindo Kendall de gola alta preta. O outro homem parecia Harry Enrich do Carnival, mas poderia não ser ele. Jonathan parecia mais relaxado e confortável do que tinha estado show Eclipse. Mais afável, de alguma forma, melhor em sua própria pele, se isso era mesmo possível.

— Eu preciso de uma bebida. — eu sussurrei para Darren.

Ele acenou com a cabeça e me puxou de volta para o lobby. O quarteto de cordas e pianista, duas mulheres vestidas com saias pretas longas e três homens de smoking, interpretando Dança Húngara um Brahms como um canto fúnebre. De alguma forma, funcionou. Gabby e eu tínhamos tomado uma tonelada de shows como esse até o ensino médio e na faculdade. Festinhas e grandes eventos cheios de pessoas ricas tentando agir rico. Eles pagaram uma porcaria, mas achamos que teria sido a prática de qualquer maneira.

— O que você quer? — Perguntou Darren, um pouco menos confortável em um terno e gravata de Jonathan. Ele lançou os olhos para baixo para seu telefone.

— Uísque com gelo. De quem é o sms? Kevin? Ele está bem?

— Não. — Ele bateu no bar, em seguida, balançou a cabeça como se tivesse uma mosca pousando em seu cabelo. — Não, eu quero dizer que não é Kev.

— Tudo bem?

— Adam aterrissou.

— Ele está vindo?

Darren esfregou os olhos. — Eu não sei o que eu quero.

— Bem, se ele está aqui e ele veio para vê-lo, é melhor você pensar em algo rápido. Como um pedaço de torta ou um cookie. Você não quer que ele perca a viagem.

Nossas bebidas chegaram com um olhar sedutor do barman para mim. Ele arqueou as sobrancelhas e lábios carnudos, lembrando-me de Kevin.

Christian Rondo, um dos artistas que tinham nos ajudado naquela tarde, nos apresentou a Donna Santonini. Conhecê-la me fez corar, não só porque era o seu inesquecível trabalho, também foi pornográfico, provocativo e nobre, de uma só vez. Eu a amava, disse isso a ela, e encontrei outras sete pessoas nos próximos 10 minutos.

Meu sorriso de serviço ao cliente estava ficando um treino. Todo mundo achava que eu estava com Darren, e cai naturalmente em uma rotina irmão / irmã que tínhamos afinados desde que terminamos. Os músicos fizeram uma pausa, silenciando o ruído de fundo. Nosso amigos artistas não perceberam. Nós apenas continuamos falando sobre como achávamos fodido, desrespeitado, chutado na bunda. Coisas que todos nós tínhamos em comum.

E Kevin. Nós conversamos sobre o estado ausente de Kevin Wainwright.

Eu senti a mão de Jonathan nas minhas costas. Mesmo através do meu vestido, eu sabia que era o seu toque. Seus dedos me roçaram, e eu queria derreter debaixo deles.

— Esse vestido me faz querer destruí-lo. — ele disse no meu ouvido.

Ele me encarou, e eu notei sua mão esquerda nas minhas costas, de repente eu senti frio. — Perdeu sua oportunidade na noite passada.

— Eu vou tomá-la quando estiver pronta e nem um minuto mais cedo. — Ele apertou os lábios, olhando para mim como se tivesse me engolir toda uma vez e que o momento de prontidão veio. — Eu tenho alguém aqui que jura que ouviu sua voz em algum arranhões do corte zero e uma de suas aquisições pessoais lhe trouxe aqui.

Eu olhei para trás de Jonathan e encontrei o cara que eu pensava ser o Harry Enrich com três outras pessoas que eu não reconheci. — O presidente Carnival Records?

— O chefe de Eddie.

Jonathan e eu ficamos juntos, olhando um para o outro, sem palavras passando entre nós. Eu vi as manchas azuis nos olhos e as linhas de riso em seus cantos.

— Eu poderia apresentá-lo a você — ele disse. — Ou você pode lembrá-lo do corte que ele ouviu. — Ele olhou para o piano vazio, então de volta para mim.

— Eu poderia provar que eu não sou a garota Bondage?

Ele assentiu. — A música pode ser a que você quiser. Cante isso.

— Você a está liberando?

— Sim.

— E se eu cantar outra coisa?

— Sua chamada. Eu nunca vou acreditar em você novamente.

— Jonathan. — Me inclinando para ele com os olhos semicerrados, eu sussurrei tão baixinho, eu duvidava que ele mesmo tinha me ouvido.

— Vá — ele sussurrou tão baixinho. — Pegue o que é seu.

Ele deu um passo para trás, e eu me senti ao mesmo tempo totalmente sozinha e totalmente poderosa.

Onze passos para o piano.

Eu poderia fazer a nova canção, — Suplicar /covarde/ — Ele reconheceria a minha voz, talvez, mas eu seria a Monica.

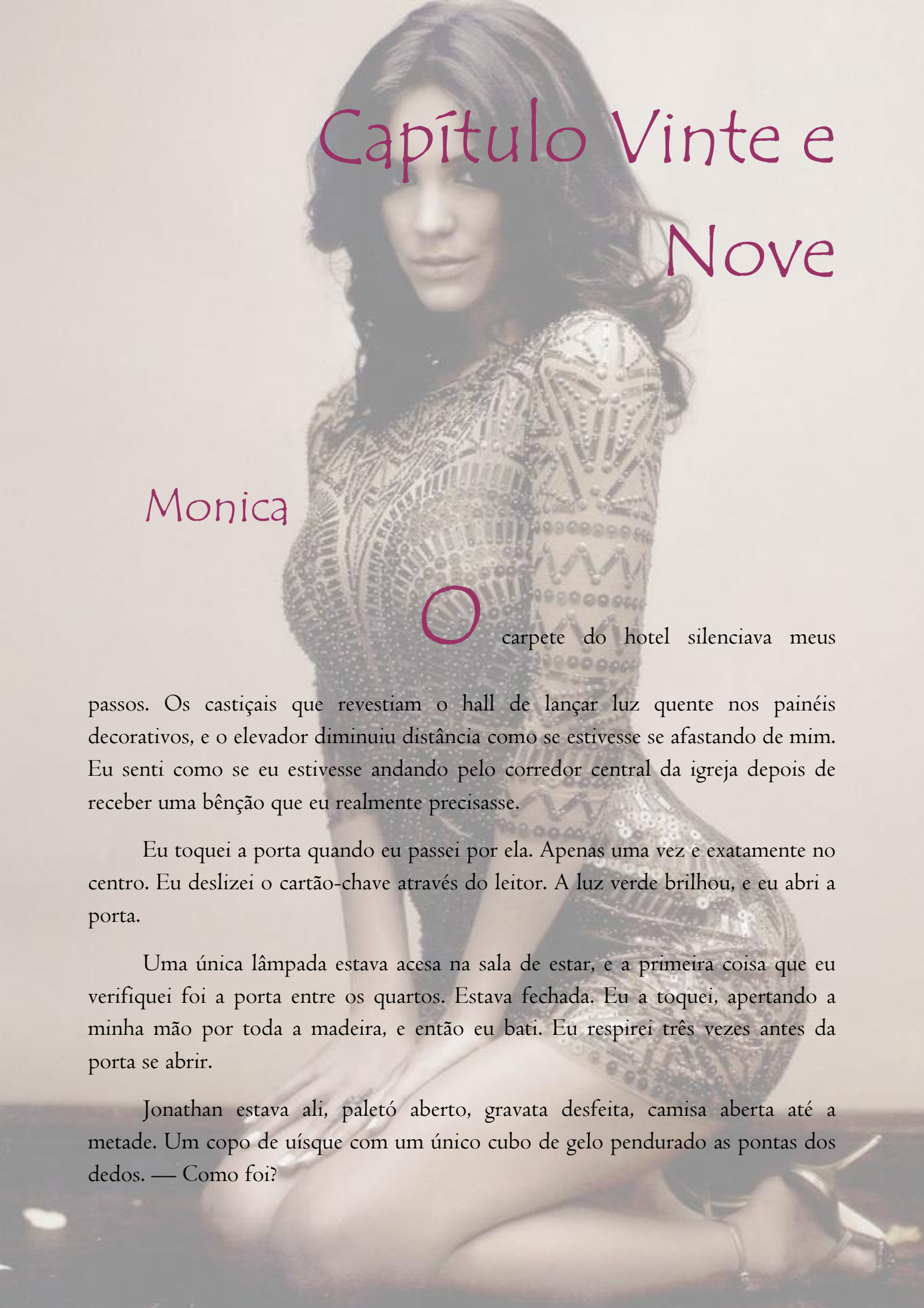
Seis passos para o piano.

Mas se eu fizer "pegar pelo colarinho", ele saberia quem eu era de imediato.

Garota Bondage.

Dois passos, e tempo limitado para conseguir a canção antes de os músicos saírem em sua pausa.

Eu deslizei no banco e começou com uma escala B-bemol, então meus dedos decidiram a canção para mim.



# Capítulo Vinte e Nove

## Monica

O carpete do hotel silenciava meus passos. Os castiçais que revestiam o hall de lançar luz quente nos painéis decorativos, e o elevador diminuiu distância como se estivesse se afastando de mim. Eu senti como se eu estivesse andando pelo corredor central da igreja depois de receber uma bênção que eu realmente precisasse.

Eu toquei a porta quando eu passei por ela. Apenas uma vez e exatamente no centro. Eu deslizei o cartão-chave através do leitor. A luz verde brilhou, e eu abri a porta.

Uma única lâmpada estava acesa na sala de estar, e a primeira coisa que eu verifiquei foi a porta entre os quartos. Estava fechada. Eu a toquei, apertando a minha mão por toda a madeira, e então eu bati. Eu respirei três vezes antes da porta se abrir.

Jonathan estava ali, paletó aberto, gravata desfeita, camisa aberta até a metade. Um copo de uísque com um único cubo de gelo pendurado as pontas dos dedos. — Como foi?

— Você saiu.

— Era o seu momento. — Ele se inclinou no batente da porta, mas seus pés descalços ainda estavam do seu lado. — Qual música você escolheu?

— Eu fiz "Colocando o Colar", mas diferente. Menos bondage. Mais doce.

Ele tomou um gole do uísque. — E então?

Eu olhei para uma reação negativa e não vendo nenhuma. — Eles exigiram outra. Então, eu fiz "Covarde". Foi bom. Muito bom. Eu queria que você estivesse lá.

— Eu estou aqui agora.

Ele estava, todo reto e de ombros imponente, beleza controlada. Bem ali, na minha frente. Perto o suficiente para eu sentir o cheiro do uísque e do couro.

— Eu gostaria de ir para Seul com você. — eu disse sem pensar. No momento que isso saiu da minha boca, eu soube que era a coisa certa. Eu senti uma pressão do fluxo de tensão fora de mim em uma inundação da retidão dele.

Jonathan olhou para o chão, e eu não conseguia ver o rosto dele. E se ele tivesse mudado de ideia? Um pouco de tensão retornou até que ele levantou a cabeça e olhou para mim. O sorriso dele se alargou, e ele tocou seu peito.

— Deusa. — Ele olhou como se quisesse dizer mais, mas não tinha palavras.

— Eu tenho que descobrir o que fazer sobre o trabalho. Eu poderia perder meu emprego.

— Eu posso amaciar sobre isso com Debbie.

— Não faça isso. — Eu levantei meu dedo. — É minha responsabilidade.

— Você me fez muito feliz.

Eu tinha uma resposta sarcástica pronta, mas eu disse: — Eu fico feliz. — O gelo no seu copo tilintava, e eu olhei para ele melancolicamente. Ele estendeu o copo. Eu separei meus lábios, e ele levantou o copo e derrubou um pouco de líquido dentro, as pontas dos dedos na parte inferior para que ele não tocasse meu

rosto. O uísque picou na minha língua e queimou minha garganta. Quente e frio rodava no meu peito ao mesmo tempo.

— Obrigada. — eu disse. — Eu deveria tentar dormir.

— É claro. — ele disse, dando um passo para trás em seu quarto.

— Não é como eu estivesse cansada ou qualquer coisa.

— Certo.

— Mas não é pela sua regra de não toque, é que se eu gastar mais um segundo com você, eu vou perder minha mente e tentar tirar suas roupas. Estou cansada de ser a única sem autocontrole por aqui.

Ele só olhou para mim, para cima e para baixo, um pequeno sorriso brincou nos cantos de sua boca. Eu conhecia aquele olhar, Jonathan estava calculando o jogo, imaginando todas as suas possibilidades.

— Eu vou te dizer até quando — ele disse. — Sua escolha. Vamos esperar até voltarmos para L.A. Aí conversamos. Nós concordamos que você nunca viraria as costas para mim novamente, a menos que eu te traia ou machuque você, o que não irá acontecer. Nós podemos apressar a viagem para a Coreia, e eu provavelmente vou te pegar no avião ou dentro do carro ou algo assim. Eu nem sequer sei. Ou a outra opção, e isso é uma péssima ideia...

Ele parou.

— Vá em frente — eu disse, com uma pequena construção de excitação entre as minhas pernas.

— Agora, que você concordou nunca virar as costas para mim novamente, a menos que eu a traia ou a prejudique...

— E?

— Quando esse cubo de gelo derreter, a regra de não tocar está cancelada.

Eu limpei minha garganta e olhei para baixo. Minhas mãos estavam ao meu lado, com os dedos se contorcendo como se eu estivesse tocando um instrumento de cordas. — Jonathan.

— Monica.

— Eu não consigo imaginar uma situação em que eu vire as costas para você novamente. Pelo menos, não para sermos quem somos. Eu não vou negá-lo novamente. Eu não vou fingir que isso é tudo menos do que realmente é, que eu sou submissa a você sexualmente. Se você foder ou até mesmo beijar alguém, nós terminamos. E se você me machucar ou se você for descuidado comigo, eu realmente vou andar. — Eu suavizei meu tom de voz e me inclinei em direção a ele. — Exceto isso, eu sou sua. Você me possui. Você me tem para sempre.

Ele entrou no meu lado da porta. Ele estava tão perto. Tudo eu tinha que fazer era me inclinar para a frente, e ele teria que me segurar para me impedir de cair.

— Agora veja como isso vai ser em seguida, Monica. Você está pronta?

— Sim.

— Quando esse cubo de gelo derreter, eu vou fazer amor com você tão lento, que todos neste hotel vão saber o meu nome. Não será um jogo. Vai ser sério.

— Tudo bem. — Eu olhei para o copo. Esse cubo de gelo parecia enorme.

— Então isso é o intervalo. — Como ele tinha feito na nossa primeira noite, ele pegou seu copo e apertou a parte mais fria no meu mamilo. Ele não me tocou, apenas o vidro tocava. Eu endureci mesmo pelo vestido, separando meus lábios para que um *ah* pudesse sair. — Eu vou amarrá-la e tomar todas as partes do seu corpo até que eu esteja satisfeito. Vai doer, deusa, e você vai implorar por mais.

— Promete?

— Você não está com medo?

— Na verdade, eu estou meio que, realmente excitada.

Ele bebeu o resto do uísque e colocou o cubo de gelo na boca. Ele baixou o copo e se inclinou para mim. O gelo tocou meus lábios, e ele arrastou-o através deles, pingando água fria no meu queixo. Eu abri a minha boca e tomei o cubo, mas ele não o soltou. As nossas bocas estão unidas pelo cubo. Um gemido baixo

escapou da minha garganta. Eu corri minha língua ao longo da parte inferior do gelo, tentando fazer com que ele derretesse mais rápido. Seu rosto estava tão perto, e o cubo tão frio e grande entre nós, que eu sentia tanto a proximidade quanto a distância aguda.

Ele puxou o paletó, me levando com ele. Eu grunhi, mas não o soltei. Ele desabotoou as abotoaduras, jogou-as de lado, e foi para os botões da camisa. Eu vi o riso e prazer em seus olhos enquanto eu tentava girar a cabeça para ver, mas não podia.

Eu abri o fecho por trás do meu pescoço que iria liberar o cabresto. O corpete caiu, e foi sua vez de gemer e tentar torcer a cabeça. Minha vez de rir em torno desse maldito cubo de gelo detestável. Eu abri o zíper da saia quando ele tirou a camisa, a arrancando puxando nossas bocas em diferentes direções. Nossos risos eram abafados era uma sinfonia.

Água fria escorria pelos nossos queixos, e eu chupava aquele cubo, desejando que acabasse. O vestido caiu no tapete, revelando a liga com o laço branco de cetim com as grandes argolas dourada. Ele suspirou e disse algo que soou como se pudesse ter "oh meu Deus". Ele ergueu as mãos sobre meus quadris, como se quisesse me acariciar, mas o cubo de gelo ainda existia. Estava diminuindo, mas a regra do não toque o mantinha a centímetros acima da minha pele.

Seu cinto clicou quando ele o desfez. Seu zíper abriu. Ele segurou a minha cabeça para que eu não pudesse olhar para baixo, e o olhar frio, divertido em seus olhos me disse o quanto ele gostava da minha frustração. Bastardo. Ele se inclinou para tirar suas calças, e eu inclinei junto.

Ele estava nu. Eu estava de liga e saltos. O cubo de gelo estava na metade do seu tamanho original. Ele empurrou para frente, ainda não me tocando, até que eu peguei a dica e caminhei para trás, ligada a ele pela boca. Passo a passo para trás, através da sala de estar até o quarto. Eu apoiei na cama, e ele caiu em cima de mim, com as mãos no colchão em ambos os lados da minha cabeça. O cubo de gelo foi até um pedaço, e ele enfiou a língua na minha boca. Eu engasguei, finalmente sentindo um pedaço dele contra um pedaço de mim, mesmo que o gelo o deixasse frio. Eu ia levá-lo. Qualquer coisa. Minha pele estava faminta pelo seu toque.

Eu não sei quando o gelo realmente desapareceu na minha garganta, mas sua boca na minha tornou-se mais de um beijo de verdade, mais como uma dança de respirações e movimentos. Eu me atrevi a tocar seu peito. Quando ele não se afastou, eu gemi em sua boca. Sua pele contra as minhas mãos, os solavancos de seus mamilos. As costelas ao seu lado. A dureza de seus quadris. A linha de cabelo em sua barriga.

Antes que eu pudesse colocar minha mão entre as pernas dele, ele se mudou e pegou meu mamilo na boca, sugando-o entre os dentes e enviando arrepios pelo meu corpo. Eu teci meus dedos em seus cabelos, puxando-o para mim.

— Oh, Deus, Jonathan. Me tome. Por favor.

— Ainda não. — Ele se mudou para a outra mama. — Devagar. Nós esperamos muito tempo para correr. — Ele deslizou um dedo sob a cinta-liga, ele se afastou para olhar para ela. — E o que você está vestindo. É magnífico.

Ele se inclinou para trás e tirou as duas mãos das minhas coxas sobre as cintas e tiras, apertando minhas pernas com um empurrãozinho. Eu a abri para ele, mostrando-lhe como molhada e pronta eu estava. Ele beijou entre as minhas coxas. Lambeu. Sugou. Eu tentei empurrar a cabeça para o centro, mas ele trabalhou a outra coxa até que eu era um pulsar, ondulando uma bagunça. Ele olhou para mim, fazendo uma pausa, com a boca escondida atrás de meu sexo.

— Sim. — eu sussurrei. — Por favor.

Ele colocou sua língua em mim, e as minhas costas arquearam. Ele recuou até eu me acalmar, então ele me lambeu novamente cuidadosamente.

— Foda-se! — Eu gritei, reagindo ao tiro de prazer na minha virilha. Estendi-me aberta e ele levemente passou a língua sobre o meu clitóris enquanto eu assistia. Seu calor correu dos joelhos à minha cintura e estava prestes a se reagrupar sob sua língua. — Eu vou gozar a menos que você pare.

— Goza, então — ele disse. — Não vai ser a última vez esta noite. — Com isso, ele colocou o dedo na minha buceta e lambeu meu clitóris cuidadosamente, pressionando seu segundo dedo na minha bunda, massageando-a sem entrar nela. Ele estava me dizendo alguma coisa, e eu estava ouvindo. Ele chupou suavemente sobre o meu clitóris, e um pouco mais, e um pouco mais duro de novo, até que ele

puxou, um orgasmo rápido e violento fora de mim. Eu empurrei contra sua boca, segurando a parte de trás de sua cabeça.

Quando eu voltei do meu êxtase, ele beijou dentro das minhas coxas novamente e trabalhou seu caminho de volta para o meu rosto.

— Obrigada — eu disse.

— O prazer é meu. — Ele pegou minha mão e as puxou sobre a minha cabeça, pressionando meu corpo com todo o seu peso. — Abra suas pernas para mim.

Eu abri.

— Dobre os joelhos.

Eu puxei minhas pernas para cima, tanto quanto eu podia. Ele olhou profundamente em meus olhos, nariz com nariz, e deslizou seu pau em mim. Eu estava sensível e úmida, e eu me senti como se um para-raios estivesse alojado na minha pélvis. Todas sensação ardentes e lentas. Ele se movia como se estivesse debaixo d'água.

— Como você sente isso? — Ele perguntou.

— Eu vou gozar de novo. Eu sinto tudo. Cada centímetro.

Ele empurrou ainda mais, segurando minhas mãos, balançou os quadris, em seguida, e puxou para fora. Ele repetiu seus movimentos nesse ritmo até que uma pequena pepita de frustração se construía em minha barriga.

— Mais rápido — eu disse. — Você pode ir mais rápido?

— Você quer dizer, assim? — Ele puxou e me bateu, batendo contra mim. Cinco vezes. Eu gritei, atingindo o próximo nível de prazer.

Então ele parou, deixando minhas mãos soltas.

— Exatamente assim. — eu disse.

— Não. — ele disse com um sorriso. — Não é possível. Sinto muito.

— Oh, não. Não seja um idiota.

Mas o sorriso dele me disse que ele tinha a intenção de ser um idiota, e pior. O ritmo subaquático continuou. Eu me senti como se um balão estivesse se abrindo dentro de mim, apertando todos os prazeres e sensações, mas ele acabou mudando para cima de mim, balançando, beijando meu pescoço, arrastando seus lábios na minha bochecha, até que ele olhou para o meu rosto.

— Eu quero que você me sinta — ele disse. — Eu quero que você veja esse lado meu, como eu me sinto por você.

Eu toquei seu rosto. — Eu sei.

— Deusa. Você é linda. Deixe-me ser seu. — Seu rosto perdeu um pouco do controle, apertando e soltando ao mesmo tempo.

— Você sabe que eu te amo. — eu disse.

— Oh, foda-se. Eu também.

— Sim.

Ele aumentou o ritmo gradativamente, mas era tudo que eu precisava. O balão expandido, e eu gozei, empurrando meus quadris para frente e tomar tudo dele dentro de mim. Meu orgasmo foi lento. Eu sentia cada segundo que a bola de fogo saia das costas dos joelhos até a base da minha espinha, recolhendo em torno de seu pênis antes que ele rompesse. Eu mantive minhas mãos em seu rosto, sentindo os músculos se apertarem quando ele gozou. Gememos alto juntos, uma corrente de nomes e maldições e palavras impossíveis de soletrar aos sons vocálicos. Oramos para qualquer Deus que nós acreditávamos, porque sentimento como esse significava que tinha de haver um Deus, paraíso, e felicidade terrena. Nós rolamos para os nossos lados, ainda bombeando juntos, esvaziando o último dos nossos orgasmos um dentro do outros.

Só fomos respirar um minuto depois. Ele beijou meus dedos quando eu os coloquei perto de sua boca. Eu o queria por semanas, ansiava por seu toque, mesmo quando ele estava a quilômetros de distância. Tendo tido ele, eu só podia dizer que eu o queria de novo.

— Eu espero que você não ache que vai rolar e vai dormir. — eu disse.

— Eu tenho promessas a cumprir esta noite.

— Ah, de me possuir.

— Cada parte de você.

— Quando é que vamos começar?

— Me dê um minuto para mudar minha cara de baunilha para cara excêntrico.

Eu rolei nas minhas costas e ri. Baunilha? Jonathan? Esse pensamento. Ele virou-se e acariciou o meu seio, os dedos alcançando um mamilo. Ele acariciou duro, então beliscou até doer. Eu ofeguei, e ele torceu até que meu rosto se contorceu e eu respirava através de meus dentes. Então ele o soltou. Eu gemi quando o sangue correu de volta.

— Deus me ajude — eu disse.

— Vai correr para um banho, deusa.

Eu o encarei. — Sim, senhor.

O banheiro tinha sido meramente funcional até então, e a banheira não tinha sido de nenhuma utilidade para mim. Embora eu tivesse apreciado o seu tamanho, as curvas da porcelana branca deveria ser usada para sentar e imergir durante horas. Tinha um painel de controle com botões para a temperatura e os jatos de água de cromo. Eu liguei no quente, porque era assim que eu gostava. O vapor subiu e embaçou os espelhos. O hotel tinha fornecido alguns tubos perfumados. Eu considerou cada um e decidiu sobre o menos florido.

Eu tirei a liga, deixei ela cair no chão em uma pilha de laços brancos e cetim.

— Cheira como um bordel aqui — Jonathan disse da porta.

— Você odeia isso? Eu posso começar de novo.

— Não. Eu gosto. Eu quero que você relaxe.

Eu estava perto da banheira, uma vez que ela estava cheia, o redemoinho de excitação entre as minhas pernas correspondiam a sua excitação mais visível. Eu não me senti relaxada, necessariamente. Eu senti como se eu estivesse na ponta dos pés sobre a cabeça de um alfinete.

— Entre — ele disse.

Eu entrei. Ele virou as torneiras antes de seguir.

— Agora — ele disse, colocando seus braços em volta de mim e me empurrando contra a parede da banheira. — Coloque os cotovelos aqui. — Ele colocou na prateleira de mármore fora da banheira, onde se pode colocar velas ou sabonetes se não estivesse ocupada, abrindo mão do controle do próprio corpo. Ele moveu suas mãos sobre meus seios, meu estômago, e minhas coxas. Ele abriu-as até que meus joelhos estavam acima da água, descansando os pés nas bordas de cada lado da banheira. Meus quadris flutuavam, deixando minha pélvis logo abaixo da superfície.

Jonathan acariciou entre as minhas pernas, deixando seus polegares percorrerem a extensão da minha fenda e no meu clitóris. Em seguida, suas mãos se moviam sobre os meus lados para os meus seios novamente, acariciando meus mamilos com os polegares, e de volta para baixo. Ele repetiu seus movimentos para cima e para baixo do meu corpo até eu gemi.

Ele pressionou o dedo médio para a minha bunda. — Não contraia. É fácil. Relaxe.

Eu tentei aceitar o pensamento quando ele me acariciou novamente e deslizou o dedo na minha buceta. Eu soltei um *ah*. Ele enfiou um dedo no meu cu. Eu não apertei, mantendo-me tão solta quanto eu podia.

— Como se sente? — Ele perguntou.

— Bem.

Ele enfiou dois dedos antes que eu tivesse terminado a palavra. Eu gritei. Foi muito bom. Muito bom. Ele os tirou, em seguida, os colocou de volta.

— Você está pronta, e você é minha. — Ele tirou os dedos. — Irrevogavelmente.

A pressão sobre o meu corpo me disse o que fazer. Eu coloquei as minhas mãos na borda, e meus joelhos nos bancos. Minha bunda e sexo engatados, meus mamilos tocando a borda fria da banheira. Um aguilhão da sua mão me dando um tapa minha bunda me pegou de surpresa, e eu gani.

— Shh. Não me faça amordaçá-la.

— Sim, senhor.

Eu senti sua boca nas minhas bochechas, beijando entre elas. Em seguida, sua língua mágica trabalhou em minha buceta, meu clitóris. Tudo formigava. Ele colocou a língua no meu cu, e eu pensei que eu iria morrer de prazer.

— Você está contraindo. — Ele pegou uma garrafa de algo do hotel eu não conseguia identificar, porque eu não ousava olhar ao redor.

Eu senti algo líquido nas minhas costas. Sua mão estendeu sobre mim, entre minhas bochechas, me lubrificando. Quando ele deslizou dois dedos na minha parte de trás ao mesmo tempo, eu não contrai, porque o sentimento era muito diferente. Eu estava excitada em todos os lugares, e me tornei uma harmonia sem palavras, uma nota de contraponto, a sua existência completando as sensações em meu clitóris.

— Melhor — ele disse. — Você está indo bem.

— Obrigada.

Ele tirou os dedos e empurrou um pouco a minha bunda. Eu senti o pau dele na minha fenda, e seu polegar cavaram na nádega, me abrindo para ele.

— Fique relaxada.

— Ok.

— Eu quero dizer isso. Eu tenho você. Você não precisa se preocupar com nada.

— Eu confio em você. — Eu quis dizer isso, e como se sentisse a minha sinceridade, ele colocou a cabeça do seu pau no meu músculo anal enquanto eu tentei muito, muito duro não rejeitá-la.

Ele empurrou para frente. Eu tentei não gritar quando a cabeça entrou. Eu segurei minha voz por trás dos meus dentes, deixando o ruído encher e cair na minha garganta.

— Calma. Calma.

— Ok. — eu chiei.

— Você está no controle agora. Se mova no tanto que você precisa. Seja qual for o ritmo é bom. Basta ficar relaxada. Concentre-se em mim. Confie em mim. — Ele chegou em torno e acariciou a minha frente, desde o pescoço até o clitóris e vice-versa. Eu não podia me mover com medo da dor. — Respire. Respire, então mova-se.

Eu não achei que eu seria capaz de me mover novamente. Ele colocou as mãos em cima de mim, me relaxando, me lembrando que ele estava lá. Eu pensei conforme o meu pensamento. Eu aceitei a sua calma, a paciência, a sua confiança, e me movi sentindo um pouco de dor. Eu estava mais lubrificada que eu percebi, e ele deslizou mais dentro Não doeu mais, o que me acalmou. Eu empurrei em direção a ele novamente, e ele foi dentro.

Suas mãos que me massageavam pararam e se pressionaram abrindo as minhas bochechas. — Como você está se sentindo?

— Não dói tanto quanto antes.

— Em um minuto, não vai doer nada. Vai ser completamente o oposto. — Sua voz continha nada, além de garantia e confiança, e isso me fez sentir segura o suficiente para empurrar para ele novamente. Ele ficou tenso enquanto deslizava todo o caminho dentro. Ele puxou lentamente, revestindo minha bunda com um prazer inesperado.

— Ah, isso é bom, deusa. Muito bom.

Eu o empurrei de volta, e eu me senti completa, aberta, vulnerável, e tudo de uma vez. Mas eu não sentia dor. Ela tinha ido embora e foi substituída por algo totalmente novo. A harmonia. A nota era diferente, mas a música era a mesma.

Como se sentisse isso, Jonathan assumiu o controle, puxando seu pau da minha bunda e o empurrando novamente. Ele esperou.

— Faça isso — eu disse. — Senhor. Por favor. Fode a minha bunda.

— Essa boca suja — ele rosnou. — Eu amo isso.

Ele bateu na minha bunda e tomou o controle completo, empurrando contra mim, segurando meu rosto para que ele pudesse obter todo o caminho dentro e eu resmunguei. O sentimento de ser esticada passando do meu limite era esmagadora, tão poderosa como abandonar-me a seu ritmo. A água espirrou em torno de nós, ainda quente, ainda com sabão. Me inclinei para ele até que só a minha bunda estava sobre a superfície. Ele estendeu a mão sob a água, na minha buceta, e enganchou dois dedos em mim, usando a alça como alavanca. A palma de sua mão esfregava meu clitóris cada vez que ele batia minha bunda.

— Você gosta disso, Monica.

— Senhor, eu posso gozar?

— Não.

— Oh, Deus.

— Não se atreva. — Ele resmungou, sem ajudar enquanto sua mão se mantida em minha buceta. Eu tentei pensar no sentimento em meu cu, puxando e esticando. A sensação crua e o prazer da fricção. A sensação de estar cheio com ele.

— Em breve — ele gemeu.

Eu fiz escalas no mármore, pressionando os dedos corretos para o contador para cada nota. Eu atravessei na minha cabeça e voltei para baixo da escala, a escolha de um B-bemol, porque ele sempre me deu problemas. Qualquer coisa para não gozar.

— Por favor. — eu gritei — Senhor, Deus, por favor.

— Mais três.

Ele me levou mais três vezes e gritou um "sim". Eu gozei com ele, sentindo meu cu pulsar apertando em torno de seu pênis. Ele me encheu, e eu o senti pulsar, esvaziando-se num longo e poderoso gemido.

Ainda em mim, ele colocou os braços em volta de mim e me abraçou forte. Ele me puxou para cima até que ele se sentou na borda, e eu estava no colo dele, com o pau dele depositado na minha bunda. Nós ofegamos juntos por um

momento, antes que ele se mexeu e saiu de mim. Meu cu se sentiu desconfortável, como se seu pau ainda estivesse duro e enorme em mim.

— Ah, isso é estranho.

— Ele ainda está aberto. Dê-lhe um minuto.

Ele me segurou ainda, movendo o meu cabelo do meu ombro, beijando a parte de trás do meu pescoço, enquanto, gradualmente, eu voltava ao normal. Dolorida. Fodida de maneiras que eu nunca tinha sido fodida antes, mas normal. Funcional.

— Você não me amarrou. — eu disse.

— Você parecia muito tensa. Eu decidi na banheira ao invés disso.

Eu torci para enfrentá-lo. — Você é um bom ouvinte.

— Obrigado. Agora, voltamos para a cama, não é?

— Sim — eu disse. — Sim para tudo.

# Capítulo Trinta

## Jonathan

Eu dormi cinco horas.

Quando eu acordei, ela estava enrolada em mim. Eu fiquei mais de 45 minutos, apenas pressionando meu nariz em seu coro cabeludo e enchendo minha cabeça com seu cheiro de pêssego em calda. A partir desse exato momento, meu trabalho era mantê-la. Fazê-la feliz. Eu saí de debaixo dela e arrumei minhas coisas para a viagem de volta para casa, e depois para Seul, com ela.

Eu pedi o café da manhã, e no momento em que chegou, seus olhos estavam abertos.

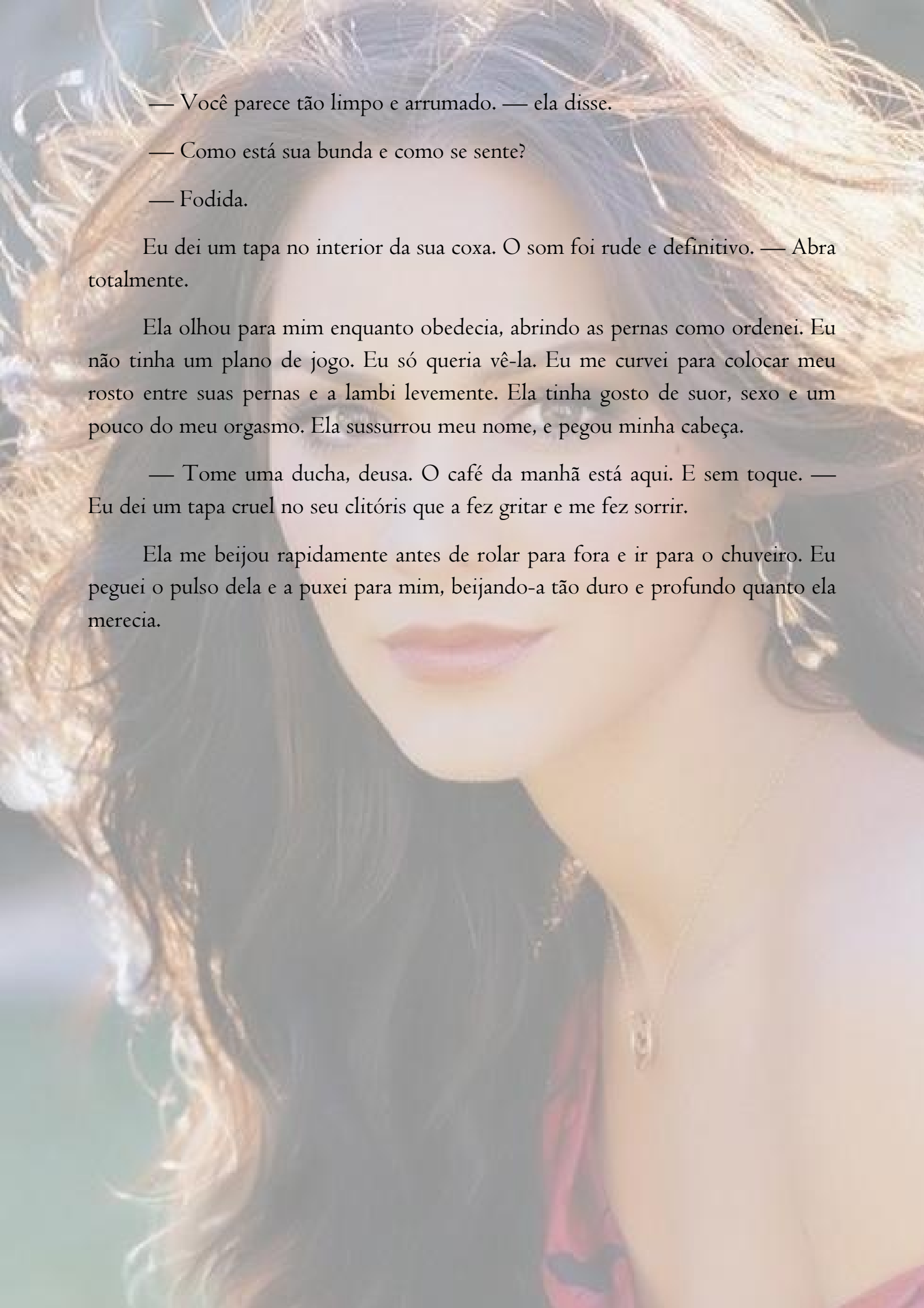
— Bom dia — eu disse.

Ela colocou o travesseiro sobre a cabeça e virou para o lado dela. Eu lentamente puxei os lençóis dela, revelando seu corpo perfeito. Eu deslizei minha mão entre as pernas dela. Era uma compulsão. Rolando-a de costas, eu puxei as pernas dela. Ela resmungou sob o travesseiro.

— Eu não te ouvi. — eu disse.

— Eu não escovei os dentes ainda.

— Eu não vou beijar você, então. — Meus dedos encontram sua buceta. Eu esfreguei a pele úmida no centro, e ela gemeu.



— Você parece tão limpo e arrumado. — ela disse.

— Como está sua bunda e como se sente?

— Fodida.

Eu dei um tapa no interior da sua coxa. O som foi rude e definitivo. — Abra totalmente.

Ela olhou para mim enquanto obedecia, abrindo as pernas como ordenei. Eu não tinha um plano de jogo. Eu só queria vê-la. Eu me curvei para colocar meu rosto entre suas pernas e a lambi levemente. Ela tinha gosto de suor, sexo e um pouco do meu orgasmo. Ela sussurrou meu nome, e pegou minha cabeça.

— Tome uma ducha, deusa. O café da manhã está aqui. E sem toque. — Eu dei um tapa cruel no seu clitóris que a fez gritar e me fez sorrir.

Ela me beijou rapidamente antes de rolar para fora e ir para o chuveiro. Eu peguei o pulso dela e a puxei para mim, beijando-a tão duro e profundo quanto ela merecia.

# Capítulo Trinta e Um

## Monica

Darren não ia voltar para L.A. conosco. Sua passagem de volta era legítima, e ele e Adam decidiram voltar juntos. Eu assumi que meu falso irmão estava indo para casa tão enredado quanto eu estava.

Jonathan e eu decidimos deixar o hotel tarde. O café da manhã tinha sido retirado como se estivesse sendo atacado por um bando de corvos. Nós nos sentamos juntos no sofá. Jonathan estava debaixo de mim, os pés descalços em cima das almofadas, e o meu estava de costas para seu peito nu. Eu ainda usava o roupão que eu tinha saído do chuveiro. Eu tinha um bloco de notas do hotel no meu colo, e ele acariciava do meu ombro até a minha clavícula enquanto beijava a parte de trás do meu pescoço.

— Se eu amordaçasse você — Jonathan disse: — Eu faria isso de tal forma que você ainda pode dizer sua palavra segura.

— Ok, então, vamos colocar isso como um sim? — Eu escrevi "mordaça".

— Se você quiser. Há aspectos que não são interessantes para mim.

— Então por que há essa lista?

— Eu vou tentar qualquer coisa que você quiser.

— Eu não entendo. Estou atravessando fora as coisas a torto e a direito.

— Eu não consigo atravessar fora dos limites suaves. Limites rígidos, como compartilhar, sim. Mas qualquer coisa que não seja repugnante para mim, eu faço se você quiser. Esse é o meu trabalho.

Eu bati a borracha no bloco. — Que outros aspectos de engasgos que você está falando? Além de que eu não posso falar.

— Nós podemos fazer isso, se quiser.

— Não, era apenas algo que não fosse horrível.

Ele fez uma pausa para colocar a ponta do dedo sobre o meu ombro. — Há o elemento humilhação. Não que você não poça falar nada, mas está reduzida a grunhidos. Com uma mordaça de bola, é mais pronunciada, e você adiciona baba. Ele reduz a sub ao ato mais primitivo, animalesco. Ela abandona o controle sobre sua voz e cospe.

Foi a minha vez de fazer uma pausa. — Você já usou uma mordaça de bola em alguém?

— Sim. Não é minha coisa favorita. Eu prefiro quando o seu silêncio e submissão são uma escolha. E a humilhação me deixa desconfortável.

Eu mordi meu lábio. — Mas o pano não parece tão ruim.

— Coloque-o na lista, talvez.

Eu virei as páginas até que eu encontrei a lista e coloquei *mordaça com um pano* na parte inferior da página. Jonathan olhou para o relógio. — Nós estamos nisto há duas horas.

Eu estiquei o pescoço para olhar para o relógio. — Uau.

— Você é muito completa. Mas podemos continuar isto no avião. — Ele disse, como se estivesse pronto para ir, mas sua mão deslizou sob o meu roupão.

— Jonathan, o que você está fazendo?

— Adicionando algo à lista. — Ele desamarrou o laço do robe. — Abra suas pernas. Se eu te dissesse isso com palavras, você diria não. Eu quero mostrar isso para você.

— O que é isso?

— Joelhos para cima. Abra em todo o caminho. Você tem que confiar em mim. — Seus dedos alcançaram entre as minhas pernas, encontrando minha fenda molhada da conversa sobre sexo e beijos roubados. Reunindo a umidade do meu buraco, ele correu os dedos ao meu clitóris, dois dedos circulando.

— Isso vai para a lista sim. — Eu arqueei minhas costas.

Sua mão veio até mim e de volta para baixo com um tapa sólido. Eu gritei no auge da picada da dor, ofegante. Mas, foi como um tiroteio de fogos de artifícios no céu com um traço difícil, depois a explosão iluminava o céu.

— Faça isso de novo — eu gemi. Ele o fez, e, novamente, a dor foi seguida por sua irmã, prazer. Eu deslizei todo o caminho e fiquei totalmente de costas, a cabeça em seu colo.

— Portanto, este vai para a lista sim?

— Sim. Mais uma vez, por favor.

— Você é insaciável. — Ele segurou meu queixo e me beijou. — Mais tarde. Nós temos que ir.

— Jonathan? — Eu fechei as pernas e passei a olhá-lo nos olhos.

— Monica.

— Você tem alguma coisa a ver com Kevin ficar preso?

— Eu sinto muito?

— Ele viajou antes, então foi estranho de repente ele ficar em uma lista de observação. E então porque o pegaram? Esses mandatos são para sempre.

— Tinha que acontecer algum dia.

— Sim — eu disse. — Mas você tem alguma coisa a ver com isso acontecendo agora?

Ele acariciou meu lábio inferior pensativamente. — Não.

# Capítulo Trinta e Dois

## Jonathan

Eu dei ordens a Jacques e Petra para manterem a porta da cabine do piloto fechada, que eles estavam mais do que acostumados a fazer, e eu tomei Monica duas vezes no avião. A primeira vez, eu a tomei em um assento como uma pessoa normal. A seguinte foi no balcão da cozinha, porque eu podia.

Nós não chegamos muito mais longe na lista, mas tínhamos feito um bom progresso, tanto que eu não estava preocupado com isso. Seu compromisso a abriu para uma comunicação sobre o que estávamos fazendo de uma forma que não existia antes. Ela estava pensativa e cheia de perguntas. Parte de mim queria que tivéssemos feito isso antes, e outra parte estava contente de ter tido tempo.

Eu a deixei ficar na janela enquanto nós sobrevoamos Los Angeles sobre a poluição. Ela se inclinou contra mim. Eu coloquei meu braço em torno dela e a puxei tão perto quanto como os cintos de segurança permitiam, colocando meu nariz em seu cabelo.

— Ontem à noite — eu disse — eu lhe disse que eu amava a sua boca suja.

Ela se virou para mim. — Sim?

— Eu menti.

— Sério? Devo dizer "ter relações sexuais comigo" quando eu quiser?

— Não. Deus não. O que eu quis dizer é, eu amo a sua boca suja. E eu amo a sua boca quando ela canta e faz piadas. Eu amo o seu corpo, e tudo o que você faz para mim, e quando você goza, quando você se contorce debaixo de mim, implorando por isso. Eu amo as suas mãos, seus olhos. Eu amo a sua honra e integridade. Eu amo a sua lealdade, a sua inteligência. Eu amo a sua honestidade, mesmo quando ela me dói. Eu sou apaixonado por você, Monica. Eu não achei que isso fosse acontecer comigo de novo, mas aconteceu.

— Obrigada.

Ela olhou para mim, os grandes olhos castanhos arregalados, a sua boca abriu um pouco. Eu não achava que eu a tinha assustado, mas chocou. Se eu tivesse usado as três palavras para dizer a mesma coisa, eu não poderia ter enfrentado o mesmo silêncio, mas essas três palavras teriam sido inadequada.

O interfone tocou quando Aeroporto de Santa Monica entrou em vista. — Senhor? — Veio a voz de Jacques. — Você pode vir aqui na frente?

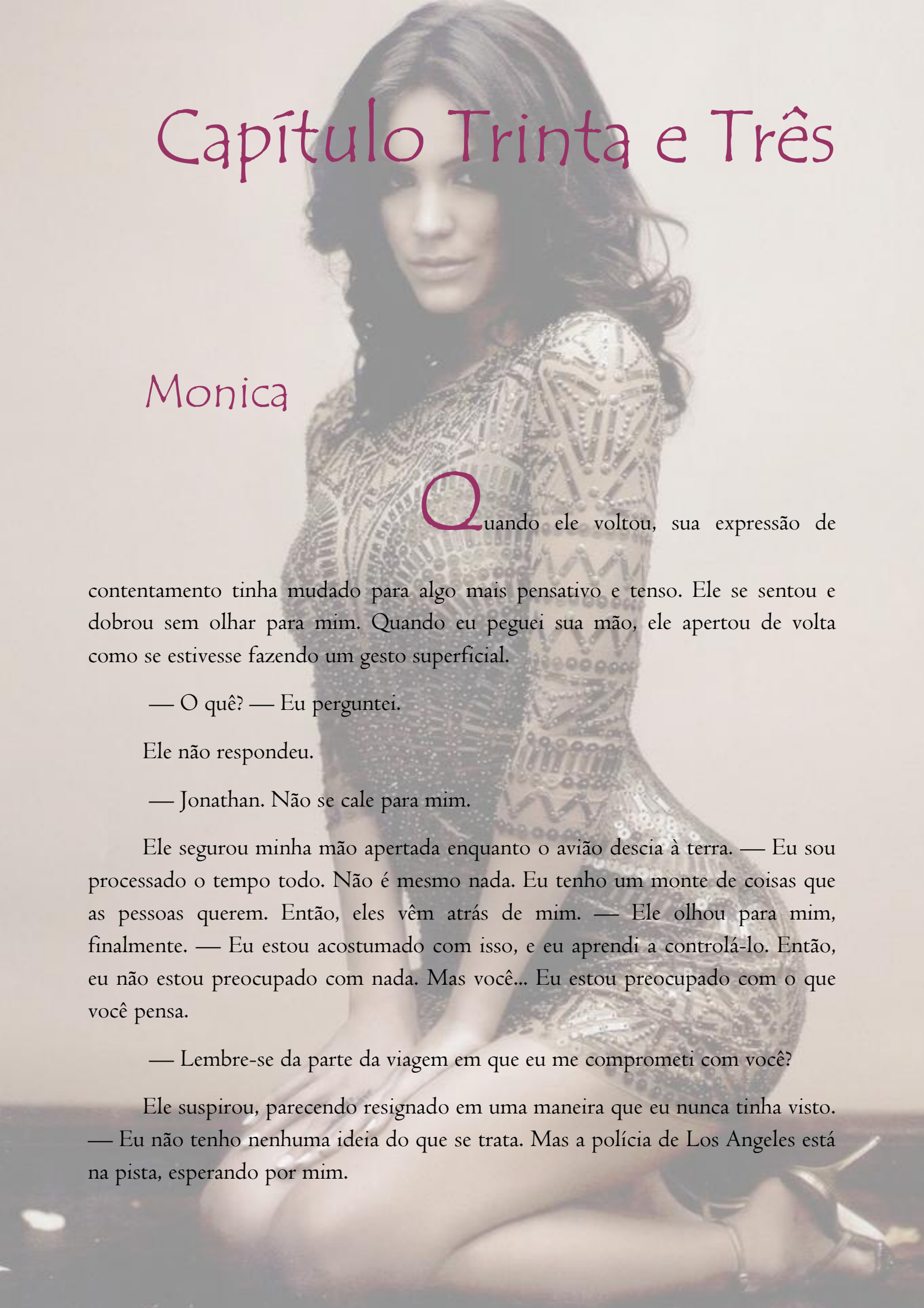
Eu beijei os lábios entreabertos e a soltei. — Me dê um segundo.

— Que maneira de matar um momento, Drazen.

Eu a beijei novamente, metade em pé. Ela colocou as mãos no meu pescoço para que eu não pudesse fugir e os manteve lá até que eu tomei-lhe os pulsos e puxei-os para baixo. Eu andei para trás, para a porta da cabine e a abri.

— Sim, Jacques?

Ele tirou os fones de ouvido. — Senhor, eu acabei de receber uma chamada. A polícia de Los Angeles está à espera na pista.



# Capítulo Trinta e Três

## Monica

Quando ele voltou, sua expressão de contentamento tinha mudado para algo mais pensativo e tenso. Ele se sentou e dobrou sem olhar para mim. Quando eu peguei sua mão, ele apertou de volta como se estivesse fazendo um gesto superficial.

— O quê? — Eu perguntei.

Ele não respondeu.

— Jonathan. Não se cale para mim.

Ele segurou minha mão apertada enquanto o avião descia à terra. — Eu sou processado o tempo todo. Não é mesmo nada. Eu tenho um monte de coisas que as pessoas querem. Então, eles vêm atrás de mim. — Ele olhou para mim, finalmente. — Eu estou acostumado com isso, e eu aprendi a controlá-lo. Então, eu não estou preocupado com nada. Mas você... Eu estou preocupado com o que você pensa.

— Lembre-se da parte da viagem em que eu me comprometi com você?

Ele suspirou, parecendo resignado em uma maneira que eu nunca tinha visto. — Eu não tenho nenhuma ideia do que se trata. Mas a polícia de Los Angeles está na pista, esperando por mim.

Eu não sabia que a minha boca estava aberta até que eu tive que fechá-la para falar. — Por quê?

— Eu não sei. Mas eu quero que você fique no avião até que eu me vá, ou até que eu venha buscá-la. Vou ter Lil se certificando de chegar em casa. Eu ligo para você. Então, depois podemos estar fora para a Coreia como planejamos, mas certifique-se que você esteja pronta.

— Não.

Ele levantou uma sobrancelha. — Existe uma boa razão que você precisa para sair do avião imediatamente?

— Eu quero estar com você.

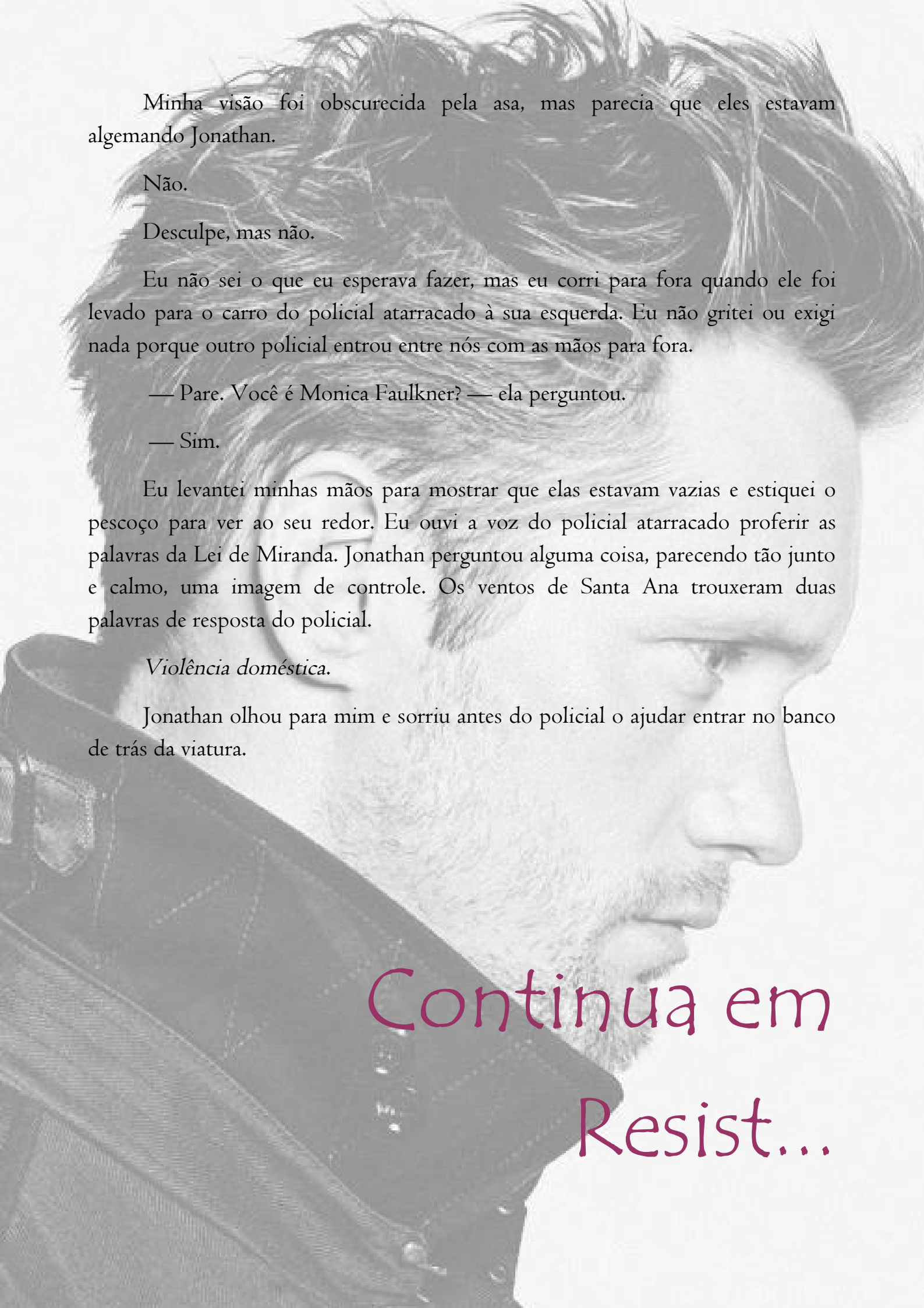
— Doce, mas não. — Ele deve ter visto o meu olhar determinado. Ele acrescentou: — Por favor.

Eu me sentei quando as rodas tocaram para baixo. Demos as mãos, enquanto o avião taxiou até o portão. Dois negros e um branco esperavam, luzes piscando. Eu não gostei. Eu sabia muito sobre policiais. Eu sabia como eles estavam e como eles caminhavam. Sonny Rodriguez tinha sido baleado no estilo gangues no meu canto. Na outra ponta do meu bloco estava uma estreita faixa chamada "Ghost Alley" por causa de todos os assassinatos de lá. Esses dias foram feitas no bairro, mas os policiais, as perguntas, e a tensão vivia e respirava na minha mente.

Os ventos de Santa Ana virou o avião e inclinou-se cada palmeira à vista. O meio vento no topo da torre de controle ainda continuava ereta.

Jacques voltou, não o seu educado como sempre, e abriu a porta com os passos atrás dela. Ele caiu com um arranhão para o concreto. Jonathan se levantou, e com um olhar de volta para mim e um dedo levantado indicando que eu deveria ficar parada, ele saiu.

Eu me soltei e fui para o outro lado do avião, pressionando o meu rosto para a janela. Falaram-se, e quatro oficiais o cercaram, o que não acontece a menos que algum tipo de violência esteja envolvido. Estranho. A menos que houvesse uma grande loja de donuts pelo aeroporto e dois extras precisavam de uma desculpa para vir.



Minha visão foi obscurecida pela asa, mas parecia que eles estavam algemando Jonathan.

Não.

Desculpe, mas não.

Eu não sei o que eu esperava fazer, mas eu corri para fora quando ele foi levado para o carro do policial atarracado à sua esquerda. Eu não gritei ou exigi nada porque outro policial entrou entre nós com as mãos para fora.

— Pare. Você é Monica Faulkner? — ela perguntou.

— Sim.

Eu levantei minhas mãos para mostrar que elas estavam vazias e estiquei o pescoço para ver ao seu redor. Eu ouvi a voz do policial atarracado proferir as palavras da Lei de Miranda. Jonathan perguntou alguma coisa, parecendo tão junto e calmo, uma imagem de controle. Os ventos de Santa Ana trouxeram duas palavras de resposta do policial.

*Violência doméstica.*

Jonathan olhou para mim e sorriu antes do policial o ajudar entrar no banco de trás da viatura.

Continua em

Resist...